



Foto: Marília Vasconcelos/divulgação

“Guedes subestimou restrições políticas e institucionais”

Em entrevista exclusiva, o ex-ministro da Fazenda Mailson da Nóbrega avalia o Brasil na pandemia e analisa os erros e acertos de Paulo Guedes no governo Bolsonaro. [Página 4](#)

Foto: Divulgação

Cultura



Livro Editora A União irá lançar, esta semana, antologia que resgata a produção poética do jornalista e cineasta Jurandy Moura. [Página 9](#)

Paraíba

Iniciativa garante estágio para alunos da rede pública

Novo edital do Programa Primeira Chance deve sair esta semana e trará vagas para trabalhar no Ciop. [Página 7](#)

Foto: Divulgação

Esportes



Apace A atuação da associação na formação dos pré-convocados para as Paralimpíadas de Tóquio. [Página 21](#)

Economia

Paraibanos aproveitam o boom das startups no Brasil

Sector cresce a uma média anual de 26,7% ao ano e associação nacional já reúne 13 mil empreendimentos. [Páginas 17 e 18](#)

Colunas

/// O movimento que defende o retorno do voto impresso nas eleições brasileiras é a mais nova tentativa de ataque à nossa democracia. É o que podemos chamar de retorno do ‘voto de cabresto’. [Página 2](#)

Rui Leitão

/// A Paraíba gera outra pedra turmalina que atende pelo nome de Juliette, essa moça que ganhou o tal do BBB, faturou R\$ 1,5 milhão e está mais valorizada do que vacina pra covid-19. [Página 14](#)

Fábio Mozart

Foto: Marcus Antonius



Violência no trânsito altera rotas de vida

Vítimas da imprudência e do desrespeito à legislação contam como tiveram suas trajetórias pessoais transformadas após acidentes que quase lhes custaram a vida. [Página 5](#)

Peixe “invasor” ameaça equilíbrio em açudes da PB

Estudo da UEPB e da UFCG revelou a presença de uma espécie “estrangeira” no reservatório de Pogões, que recebe água da transposição do São Francisco. [Página 20](#)



Foto: Divulgação

Efeito Juliette: quando o modo de falar é resistência

Paraibana vencedora do BBB enfrentou preconceito pelo sotaque e pelo uso de expressões regionais e levantou o debate sobre a xenofobia contra o NE. [Página 6](#)

Almanaque

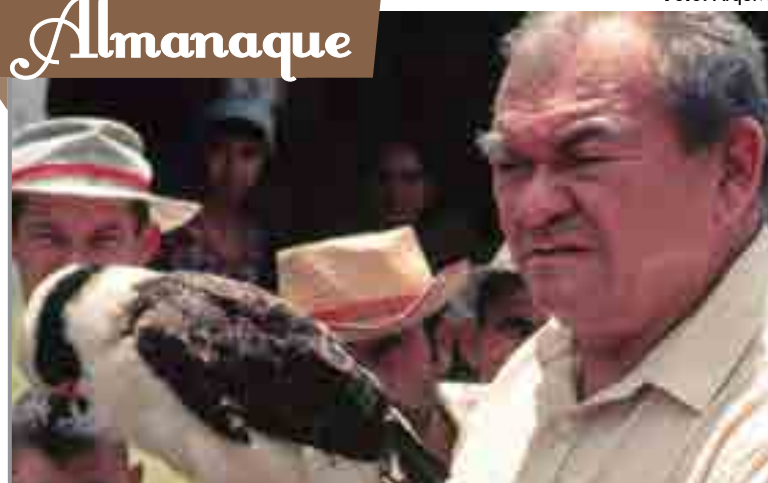


Foto: Arquivo

Música na alma Sócio-fundador da Sinfônica da PB, Tenente Lucena foi também um dos maiores defensores da cultura popular do estado. [Página 25](#)

 **Maio Amarelo**



RESPEITE AS
REGRAS DE TRÂNSITO.
RESPEITE A VIDA.

Editorial

Indispensáveis

Gari é uma profissão difícil. O trabalho é árduo e forma um verso de pé quebrado com o salário baixo. Os homens e mulheres profissionais da limpeza fazem parte daquela categoria denominada de “trabalhadores invisíveis”. É que muitas pessoas fingem que não os vê quando estão no batente, e algumas até se esquivam quando eventualmente cruzam com eles na rua, talvez por temer algum mau-cheiro ou contágio proveniente de suas fardas.

Na cidade de João Pessoa é fácil encontrar garis trabalhando de dia e de noite, inclusive, varando as madrugadas, dependurados ou correndo atrás de caminhões coletores, na azáfama de recolher o lixo que a população produz e não raro joga em locais proibidos ou acondiciona mal em tambores e sacos plásticos. Eles fazem o que podem, e parte considerável do que não podem espalha-se pelas ruas e a chuva carrega para rios e mares.

Os garis às vezes conversam em voz alta e dão sonoras gargalhadas, rompendo a calada da noite. De quando em quando um insone que os observa da janela de seu apartamento acha graça naquele alvoroço e até sente vontade de saber qual o motivo de tanta alegria. Na maioria das vezes, porém, eles cumprem a dura jornada em um quase silêncio, talvez rezando para chegar a hora de largar tudo e ir para casa descansar, que ninguém é de ferro.

A cidade nem tanto, mas a natureza agradece parece agradecer sempre aos garis pelo cuidado dispensado. Não é todo homem ou mulher, mesmo necessitado, que tem a coragem que eles têm de passar horas do dia e da noite jogando lixo dentro de um caminhão, aspirando eflúvios que os dejetos expellem, correndo o risco de contrair doenças ou de se acidentar. Eles formam uma brava, porém, anônima legião de heróis e heroínas.

Fica aqui registrado o reconhecimento aos profissionais que, faça chuva ou faça sol, ganham as ruas para cuidar da limpeza da cidade, serviço fundamental para a saúde pública. Ressaltando que o problema da produção, acondicionamento, coleta e destino final dos resíduos diz respeito não só ao poder público, mas à sociedade, de modo geral. Cidade limpa é sinônimo de bem-estar, que gera civilidade e esta, gentileza.

Artigo

Rui Leitão

iurleitao@hotmail.com | Colaborador

O voto impresso

O movimento que defende o retorno do voto impresso nas eleições brasileiras é a mais nova tentativa de ataque à nossa democracia. É o que podemos chamar de retorno do “voto de cabresto”, tão comum em épocas pretéritas da história republicana de nosso país, ferramenta poderosamente utilizada pelos “coronéis”, de forma a garantir o domínio político e econômico da elite endinheirada, predominando as oligarquias. Exercício da cobrança de favores e obediência no ato de votar. Estabelecimento da moeda de troca em negociatas políticas. Empoderamento das milícias nas periferias. Possibilidade de quebra do sigilo do voto.

A institucionalização do comprovante do voto impresso, além de colocar em risco a liberdade de escolha do eleitor, não confirma que essa providência aumentaria a autenticidade do resultado do pleito. Sua execução exigiria uma alteração significativa na logística das eleições, aumentando consideravelmente os custos para os cofres públicos.

O modelo do sistema de urnas eletrônicas do Brasil é o mais seguro do mundo. Uma das diversas *fake news* que circulam todos os anos pela internet e em aplicativos de mensagens eletrônicas é a de que o Brasil é o único país a adotar essa tecnologia. Isso é falso. Além do Brasil, pelo menos outros 35 países também adotam a tecnologia, como o Japão, o Canadá, a Suíça, a Austrália, a Coreia do Sul, Índia, México e Peru.

Em 2002, o voto híbrido (eletrônico e impresso) foi testado em alguns locais no Brasil. Cerca de sete milhões de brasileiros passaram por essa experiência. Além de caro, foi classificado como confuso pela maioria dos eleitores e não trouxe qualquer segurança a mais. Foram cons-

tatados vários problemas, um deles a de que o eleitor demorou ainda mais a votar, provocando filas. É falsa a informação de que essa nova modalidade no processo eleitoral, conta com a aprovação majoritária da população brasileira. Em dezembro do ano passado, pesquisa realizada pelo Data Folha, revelou que 73% dos entrevistados querem que o país siga usando urnas eletrônicas nas eleições.

Os defensores dessa ideia, na expectativa de derrotas nas próximas eleições, já se preparam para utilizar o argumento de que foram vítimas de fraudes eleitorais. Esse é o verdadeiro motivo dessa campanha. Não existe até hoje comprovação que indique qualquer fraude em alguma eleição eletrô-

/// Não existe, até hoje, comprovação que indique qualquer fraude em alguma eleição eletrônica à realizada desde a sua implementação ///

nica já realizada desde a sua implementação. É impossível a invasão da urna por hackers, ameaçando a lisura dos resultados apurados. Por um motivo muito simples: a urna jamais fica conectada em rede, inviabilizando essa possibilidade. O sistema de auditoria das urnas atualmente vigente, pode ser acompanhado pelos candidatos, partidos políticos, Ministério Público, advogados e eleitores, a qualquer momento do processo eleitoral. O voto impresso não acrescentaria vantagens maiores às auditorias que, porventura, se vejam necessárias serem feitas.

Essa obsessão pelo voto impresso não se pauta por fatos que mereçam consideração, mas, exclusivamente, fundamentada em opiniões ou receios de cunho político. Além de indicar um retrocesso, tem o claro objetivo de tumultuar as eleições de 2022. Busca-se encontrar motivos para a judicialização dos próximos embates eleitorais. Fica evidente que se trata de mais um esforço para fragilizar a estabilidade democrática em nosso país.

Artigo

Sitônio Pinto

sitoniopinto@gmail.com | Colaborador

A corrente partida

E teve o dia em que Zorro torou a corrente. Deve ter sido num momento de euforia. Zorro era um mestiço de pastor alemão. Naquele tempo, se dizia “policial”. Ele devia ter um quarto de sangue, isto é, ser neto de algum pastor. Mas tinha um bom porte, e o lombo preto desbotado e mesclado com o cinza e o amarelo peculiares à raça. E o temperamento: era bravo, como os pastores, mormente os mestiços. Mais de que valentes, mestiços dão surpreendentes, pois ninguém sabe como e quando vão reagir, e por quê.

Os vizinhos da direita implicavam com Zorro, e vice-versa, o que levou Doutor Gabriel a adquirir uma focinheira (modernamente, mordaca) para o cachorro. Antes disso, ele me mordeu. Os meninos da casa estavam fazendo algazarra e eu também. Aí Zorro me estranhou. Depois disso ele correu atrás de Nenê (vizinho da direita). O Doutor era desafeto do pai de Nenê, um marinho de maus bofes. Para não piorar a relação, o Doutor botou a mordaca em Zorro. E terminou levando o cachorro para a granja Branca de Neve, depois da Torre.

A mãe de Nenê (ele tinha mãe) também possuía maus bofes feito o marido. O casal era intrigado de toda a rua, até com os cachorros. – “Arquimedes! Pegue este mamão podre e jogue no terraço de Creuza, pois veio de lá!”.

Quebê era menino levado, mas obediente. Bateu palmas e quando a porta abriu devolveu a fruta, que se espatifou na sala. Ainda bem que mamão não fede, por mais maduro que esteja.

A granja tinha meio hectare (meio campo de futebol) inserido no perímetro urbano, perto do antigo campo de aviação da Imbiribeira, em frente ao quartel do Grupamento de Engenharia – onde jazia um bunker, depósito de gasolina do tempo da guerra. Da segunda guerra, pois da primeira não dou testemunho, não sou tão antigo assim – sou depois de Zorro.

Mas teve um dia em que ele me mor-

deu, na cara, face esquerda. Cachorros foram feitos para morderem meninos, sejam maus ou bons vizinhos. Fui mordido outra vez, desta vez pelo meu cachorro Tupã – um mestiço de basset, preto. Não tomei injeção em nenhuma das duas situações; talvez que por isso sou assim, principalmente na força da Lua.

Zorro estava amarrado no tronco do mamoeiro, que naquele tempo era “pé de mamão”. Para os meninos, isso era medonha demonstração de força, e Zorro passou a ainda a ser mais respeitado: o cachorro que torou a corrente, o cachorro policial de Doutor Gabriel, que correu atrás de Nenê e que mordeu Tavinho. Em bom tempo, Zorro foi para a granja. Agora, a granja Branca de Neve vai virar um condomínio de apartamentos, o mundo está virando um condomínio, não há espaço mais para meninos nem para cachorros.

Ainda bem que eu fui menino nos bons tempos, quando a gente não precisava tomar injeção antirrábica na barriga só porque foi mordido de cachorro, mesmo pelos que toram a corrente.

Soltava-se fogos no São João, na Copa e nos comícios. Em 50, soltaram uma girândola no comício de Alcides Carneiro e Manuel Lopes Ronco Grosso, que dormia em nossa casa, saiu com um revólver na mão e uma caixa de charutos, cheia de balas, na outra. Em 1930, Ronco Grosso foi guerrilheiro em Princesa e, antes disso, fez parte da volante que combatia o cangaço.

– Estão metralhando o comício do Doutor Alcides!, dizia Ronco Grosso.

Girândola do mesmo porte eu só vi em 1958, no comício de Zé de Almeida. Arrodeava toda a Lagoa. Disseram que tinha cinco mil foguetões. Mas ele perdeu a eleição para seu ex-correligionário Ruy Carneiro, primo de Alcides.

Não tive irmãos, e me acompanhei de cachorros, feito o Kid Malamute de Jack London. Quando me mordem na cara, ofereço a outra face.

Marcus Antonius

marcusfreefoto@gmail.com

Fotolegenda



Bolero solitário

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Albigeo Léa Fernandes
DIRETORA DE RÁDIO E TV

A UNIÃO Uma publicação da EPC

BR-101 Km 3 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

André Cananéa
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 /
Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$350,00 / Semestral R\$175,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

O U V I D O R I A : 99143-6762

Na pressão: policiais recebem atendimento especializado

Espaço Viver Bem cuida do psicológico dos profissionais da Paraíba e já tratou 1.200 integrantes da PM

José Alves
zavieira2@gmail.com

O cotidiano dos policiais militares é marcado por constante tensão, violências e traumas. Uma rotina que pode levar os profissionais a terem abalos psíquicos mais do que outras categorias, prejudicando seu desempenho no ofício e também nas relações pessoais. Para buscar evitar esse problema e ajudar a categoria a enfrentar os desafios no dia a dia, a Polícia Militar da Paraíba oferece ajuda terapêutica a todos os integrantes da corporação através do Espaço Viver Bem.

Cerca de 1.200 militares e aproximadamente 700 familiares já receberam atendimento nas clínicas existentes em João Pessoa, Campina Grande e Patos. Para a vice-diretora das unidades do Espaço Viver Bem, a capitã e psicóloga, Ticiane Soares, a terapia é uma ferramenta muito importante para o policial que vive numa jornada estressante e em contato constante com o que a psicologia chama de 'gatilhos'. 'A questão é que o policial vive em ambientes hostis enfrentando situações de criminalidade, de pessoas que praticam o mal e perversidades', observou.

"Além disso, ele está praticamente o tempo inteiro com um revólver apontado em sua direção. É um profissional que muitas vezes sai de casa e não sabe se vai voltar, deixando a família desamparada para proteger a sociedade. Esses e outros fatores a exemplo dos recursos escassos e as relações de trabalho, que muitas vezes são difíceis, são questões que contribuem para que o policial adoça pelo estresse", pontuou.

Segundo a psicóloga, o policial militar muitas vezes não é visto também como um cidadão comum, suscetível às mesmas intempéries que todos os outros trabalhadores e, de certa forma, é ainda mais exposto

a conflitos. "Nós passamos pelos mesmos problemas que a sociedade passa. Enfrentamos dificuldades financeiras, de relacionamentos e em alguns casos de dependência alcoólica. E também nos deparamos com o desemprego, em razão de alguma ocorrência que não deu certo", disse a capitã Ticiane Soares, complementando que tudo isso proporciona ao policial um alto grau de estresse.

O Espaço Viver Bem atualmente tem unidades em João Pessoa, Campina Grande e Patos, onde o policial militar é atendido por uma equipe multidisciplinar, que oferece serviços nas áreas de assistência social, psicologia, psiquiatria, psicopedagogia, nutrição e fonoaudiologia, entre outros. O encaminhamento é feito de três formas: Pelos comandantes dos policiais, sempre que detectam algum comportamento diferente ou quando o PM se envolve em ocorrências complexas; pela justiça; ou por iniciativa própria dos policiais.



Foto: Wagner Varela/PMPB

Profissionais lidam com tensão a todo instante e precisam de acompanhamento para manter bom trabalho e não prejudicar suas relações pessoais

Corporação tem três unidades para acompanhamento

Por conta dos dilemas vividos no cotidiano dos policiais militares, a capitã Ticiane Soares ressaltou que o amparo psicológico é muito importante, porque além de detectar algo que possa estar surgindo em nossa psiquê, ele pode nos ajudar a enfrentar as adversidades do dia a dia. "Repito, é uma ferramenta muito importante para o policial militar".

Atualmente, a PMPB dispõe de três unidades que foram batizadas de Espaço Viver Bem. Elas fazem o acompanhamento psicossocial do policial com assistência psicológica e psiquiátrica, além de uma gama de outros atendimentos médicos.

Geralmente os policiais que passam por momentos de alta tensão, ou seja, que participam de tiroteios com morte, são encaminhados para a clínica Espaço Viver Bem. A intensão é fazer com que eles possam ser bem acompanhados e resolvam da melhor maneira possível a situação que venha a causar conflito em suas vidas. Em outras situações, os policiais são encaminhados para a clínica por decisão judicial, por ter sofrido algum transtorno psíquico ou por dependência alcoólica. Em outras situações, alguns chegam à clínica por conta própria em busca de ajuda psiquiátrica.



Foto: Arquivo/PMPB

Unidade II do Espaço, em Campina Grande, busca resolver os conflitos de saúde mental dos policiais

UN Informe

Ricco Farias
papiroeletronico@hotmail.com

AS URNAS ELETRÔNICAS ACABARAM COM AS FRAUDES, AFIRMA BARROSO EM CONTRAPONTO A BOLSONARO

Não é de hoje que o presidente Jair Bolsonaro põe em dúvida a segurança da urna eletrônica contra fraudes eleitorais. E tanto é assim, que em 2018, mesmo tendo vencido a eleição contra Fernando Haddad (PT), acusou, sem provas, a ocorrência de fraudes na votação, em cidades onde ele foi derrotado pelo petista, sobretudo na região Nordeste. Não é verdade o que declaram o presidente e seus sectários apoiadores: até prova em contrário - e esta nunca apareceu - a urna eletrônica é segura e audível. Quer um fato que corrobora isso? O equipamento tem seu próprio mecanismo de funcionamento e não é acoplado à internet, o que poderia deixá-lo suscetível a invasões de hackers. Mas o Bolsonaro insiste em seu argumento e até chegou a dizer que se Lula vencer a eleição em 2022 é porque ocorreu fraudes. O governo que instituir, paralelamente, à urna eletrônica, o voto impresso, sob a alegação de que é a única forma de auditar o resultado da eleição - há uma PEC em tramitação na Câmara dos Deputados, de autoria da bolsonarista Bia Kicis (PSL-DF), que tornaria obrigatória a impressão de cédulas de papel, após os votos serem registrados na urna eletrônica. Em contraponto a esse movimento, o presidente do TSE, ministro Luís Roberto Barroso (foto), lançou campanha enaltecendo o equipamento: "As urnas eletrônicas serviram notadamente para terminar com um passado de fraudes eleitorais que marcavam o processo eleitoral brasileiro".

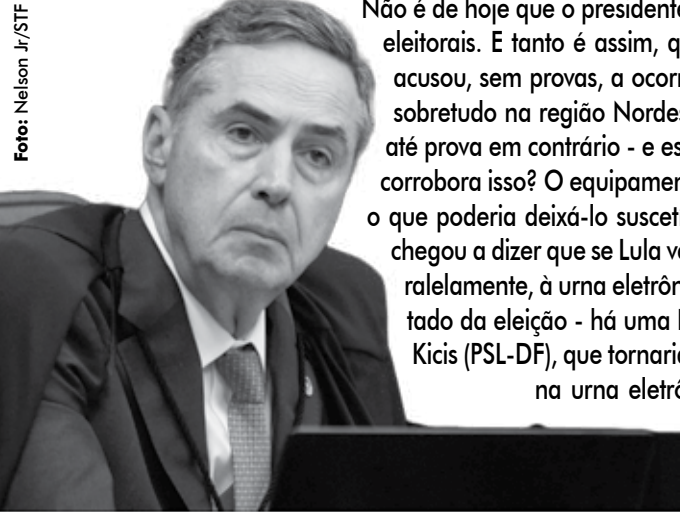


Foto: Nelson Jr/JSTF

UMA SÓ CERTEZA

"O pleito nosso é legítimo", afirma Galdino, referindo-se à postulação do Avante, partido sob o seu comando, de integrar a chapa majoritária de João Azevêdo. Porém, ressaltou: "Mas quem irá conduzir isso é o governador, e talvez tenhamos que nos curvar à sua decisão. Só tenho uma certeza: vou estar com o governador".

MUDANÇA RADICAL

É impressionante a mudança radical de perfil que adotou o PTB: historicamente vinculado à causa trabalhista na Era Vargas, e tendo abrigado políticos de viés à esquerda, como Leonel Brizola, no passado, agora se posiciona como ultraconservador. O presidente da sigla em Pernambuco, Coronel Meira, que diz estar "reestruturando" o partido na Paraíba atesta: "O PTB é 100% Bolsonaro".

SILÊNCIO TOTAL

Dois pesos e duas medidas. A máxima popular se adequa bem a bolsonaristas, no que diz respeito à postura que depoentes em CPI devem adotar. Na comissão do Senado, que investiga omissões e irregularidades da gestão no combate à pandemia, eles defendem que o ex-ministro da Saúde, Eduardo Pazuello, exerça o direito de ficar calado.

INCOERÊNCIA GENERALIZADA

No passado, aliados do governo, entre os quais Eduardo Bolsonaro, atacaram quem se negou a responder perguntas em CPIs. Em 2015, o atual ministro Onyx Lorenzoni disse que quem "se vale do direito de ficar calado, tem coisa a esconder, só bandido usa isso". Referia-se a Nestor Cerveró, ex-diretor da Petrobras, condenado pela Lava Jato.

"NÃO PODE SE FECHAR"

Presidente da ALPB, Adriano Galdino, avalia que a eleição presidencial terá efeitos nos estados. "O efeito será grande, é evidente que vai repercutir por aqui", disse, ressaltando que o grupo do governador marcará posição. "O governador não pode se fechar, terá candidato, mas será apoiado também por companheiros de outros partidos".

"MUDOU A QUALIDADE DA DEMOCRACIA NO BRASIL"

No lançamento da campanha em favor das urnas eletrônicas, Luís Roberto Barroso disse que "Desconfianças em relação elas decorrem da desinformação. O advento das urnas mudou a qualidade da democracia no Brasil e, desde então, elas vêm sendo utilizadas com sucesso, sem que jamais se tivesse documentado sequer um caso de fraude". O equipamento é usado há 25 anos.

Maílson da Nobrega,
Economista

“No campo da pandemia, Guedes tardou a propor as medidas necessárias”

Economista paraibano e ex-ministro da Fazenda desaprova condução do país na pandemia, reforça incapacidade técnica na compra das vacinas e destaca erros e acertos nas medidas econômicas de Paulo Guedes

André Resende
andreolimpio89@gmail.com

Um ano, dois meses e mais um par de dias depois do início da pandemia do coronavírus no Brasil, podemos dizer que a avaliação negativa da gestão de Jair Bolsonaro em conter a covid-19 deixou de ser munição política de opositores para ser consenso nos de bom senso. Um dos recibos mais recentes da queda

em desgraça do presidente foi uma carta crítica à gestão da pandemia no país assinada por cerca de 1.500 empresários, banqueiros e economistas.

Dentre as assinaturas da área econômica, alguns ex-ministros da Fazenda. Um deles, o paraibano de Cruz do Espírito Santo, Maílson da Nóbrega. Em sua carreira, Maílson tem uma série de passagens em grandes instituições. Foi

assessor do ministro da Indústria e do Comércio (1977), chefe da assessoria econômica do ministro da Fazenda (1979) e posteriormente secretário-geral, segundo posto na hierarquia da pasta; diretor do European Brazilian Bank (Eurobraz) em Londres (1985) e finalmente ministro da Fazenda em 1988.

Atualmente, além de sócio-fundador da Tendências Consultoria Integrada (1996),

Maílson da Nóbrega é articulista e escreveu para veículos como o jornal Folha de São Paulo, entre 1994 e 2000, o Estado de São Paulo, entre 2000 e 2008, e para a Revista Veja, onde escreve até hoje e mantém um blog em Veja Online. Para Maílson, a bagagem adquirida e o convívio com grandes colegas na Tendências foram fundamentais para se tornar formador de opinião.

“Foi muito relevante a convivência com outros sócios seniores - Gustavo Loyola, ex-presidente do Banco Central, e Nathan Blanch, especialista em câmbio com longa vivência no mercado financeiro -, com outros sócios e com uma equipe de cerca de trinta economistas e um cientista político. Tudo isso transformou-se em grande fonte de consolidação e ampliação do meu aprendizado

sobre questões econômicas e políticas”, relembra.

Em entrevista ao jornal A União, Maílson da Nóbrega, não poupou críticas à condução da pandemia no Brasil pelas mãos de Bolsonaro. Destacou que o baixo crescimento econômico do país não teve início na pandemia e avaliou como extrema incapacidade técnica o atraso na aquisição de vacinas pelo Governo Federal.

A entrevista

É um consenso global que o Brasil tem uma das piores gestões da pandemia. A CPI da Covid lançou luz em uma série de erros, deliberados ou não, na condução da crise no país, como por exemplo a recusa na compra de vacinas ao longo de 2020. Qual a sua análise, considerando o conjunto de decisões, da gestão Bolsonaro?

O presidente Bolsonaro é o pior chefe de governo do mundo na condução do governo em relação à pandemia. Desde a Gripe Espanhola de 1918-1919, consolidou-se a percepção – que se vinha construindo desde a peste bubônica do século XIV – segundo a qual pandemias terminam quando o vírus deixa de circular de forma descontrolada. São quatro as medidas recomendadas pela ciência: lavar as mãos com frequência, usar máscara, manter o distanciamento social – inclusive aquele forçado por lockdowns – e tomar vacina. Bolsonaro se opôs ferozmente às últimas três. Só faltou dizer que lavar as mãos prejudicaria a economia. No caso da vacina, o governo falhou desgraçadamente. Em todo o mundo, os governos encomendaram doses a vários laboratórios quando as vacinas ainda estavam em teste. A compra definitiva, óbvio, dependeria da aprovação de cada imunizante pelas autoridades sanitárias de cada país. Bolsonaro recusou a oferta de vacinas da Pfizer sob o argumento de que o contrato continha cláusula que isentava a empresa de responsabilidade por imprevistos. Se o governo tivesse o mínimo de capacidade, teria pesquisado a situação em outros países, constataria que a cláusula estava presente em todos os contratos. Pior, o governo tinha aceito a mesma cláusula no contrato da AstraZeneca. Mais do que essa incompetência, Bolsonaro

disse que os laboratórios é que tinham de procurar o Brasil e não o inverso, pois éramos um país muito populoso. Não se deu conta de que a lei da oferta e procura não se aplicava neste caso, pois havia escassez de oferta de vacinas e excesso de demanda. Em resumo, incompetência e imperícia por todos os lados. Um desastre.

Uma grave crise sanitária impõe uma série de entraves para qualquer gestão pública, principalmente no que diz respeito ao manejo orçamentário. O baixo crescimento da economia no Brasil, que não é problema iniciado no governo Bolsonaro, mas também tem sua parcela de contribuição, é culpa da pandemia?

O baixo crescimento da economia é um processo que se instalou nos anos 1980 por causa do esgotamento da estratégia de industrialização por substituição de importações e do início de um processo, que se tornaria persistente, de queda da produtividade, que é o principal fator de geração de riqueza de um país. Esse processo se agravaria com as crises do petróleo de 1970 e 1979, com a crise da dívida externa da década de 1980 e com os excessos da Constituição de 1988, que criou responsabilidades fiscais desconectadas do estágio de desenvolvimento do país. Isso levou à necessidade de aumentar a carga tributária, que de 22% em 1987 saltou para os 32% atuais (foi 35% até recentemente). O Brasil tem a maior carga tributária entre os países emergentes, muito superior a dos Estados Unidos e comparável ao do Reino Unido e da Alemanha. Para poder extrair tal volume de recursos da sociedade, foi preciso criar novas incidências tributárias, o que piorou a gestão e

o funcionamento do sistema. O ICMS virou um caos, com 27 legislações estaduais, inúmeras alíquotas e milhares de regimes especiais. Esse manicômio se tornou a principal fonte de ineficiências da economia brasileira e uma das maiores causas da queda da produtividade. A pandemia nada tem a ver com isso. Os gastos fiscais da pandemia pioraram a situação fiscal, mas eram necessários para salvar vidas, empregos e empresas, particularmente as pequenas e médias. Em resumo, as causas do baixo crescimento remontam a acontecimentos dos últimos quarenta anos.

Temos no Ministério da Economia um dos principais representantes do think tank liberal do Brasil, porém, o que vemos até aqui é uma agenda muito pouco ou nada liberal implementada na gestão. Na sua opinião, Paulo Guedes tem enfrentado barreiras naturais encontradas na estrutura do Estado ou tem sido podado politicamente?

O ministro Paulo Guedes tem credenciais acadêmicas e experiência no mercado financeiro que lhe poderiam assegurar uma boa gestão no Ministério da Economia. Além disso, montou uma boa equipe para lhe assessorar. Faltavam-lhe, todavia, conhecimentos do serviço público e das complexidades do sistema político. Embalado pela imagem de Posto Ipiranga, que lhe foi atribuída pelo presidente Jair Bolsonaro, imaginou que lideraria uma revolução liberal sem precedentes no país. Subestimou as restrições políticas e institucionais à viabilização de sua ousada agenda, em parte incompatível com a cultura e a realidade brasileiras deste momento. Prometeu privatizar em larga escala, indicando até quanto arrecadaria (R\$ 1 tri-

lhão). Fracassou, naturalmente, em entregar o que prometera. O segundo erro, fruto de avaliação inadequada do que constitui o poder do ministro da Economia, obteve autorização de Bolsonaro para montar uma pasta hipertrofiada, composta por cinco grandes e complexos ministérios: Fazenda, Planejamento, Indústria e Comércio, Previdência e Trabalho. Até hoje, Guedes sustenta que esse gigantismo responde por seu suposto êxito à frente do ministério. Na verdade, há vários sinais de disfunções nessa estrutura.

Você elogia ou critica o conjunto de medidas adotadas por Guedes até aqui?

Primeiro, Guedes comanda algo como apenas 5% do Orçamento, sendo exageradas as visões de cortes fenomenais de despesas. Segundo (e aí cabe razão ao ministro), não seria possível, dadas as características e o estágio de desenvolvimento do Brasil ampliar ainda mais os gastos associados à pandemia, dado o estado lamentável das finanças federais e dos limites à expansão de programas e despesas. A meu ver, no campo do enfrentamento da pandemia, Guedes tardou a propor as medidas necessárias, mas felizmente elas foram criadas e implementadas. No geral, concordo inteiramente com sua ação nessa área.

Uma das medidas econômicas mais discutidas é o auxílio emergencial. O senhor é a favor do auxílio emergencial? Qual a leitura feita a partir da demonstração pública de resistência à sua implementação por parte do Executivo?

O auxílio emergencial era necessário, ainda que seu valor inicial (R\$ 600 por família) tenha sido excessivo. Era mais

de três vezes o valor médio do Bolsa Família. Acho exagerado afirmar que o Executivo resistiu à criação do auxílio emergencial. Pode ter demorado a agir e calculou mal a necessidade de uma segunda fase do programa, mas no geral o auxílio emergencial evitou o agravamento da fome, reduziu a pobreza e contribuiu para que o desempenho da economia em 2020 fosse melhor do que se imaginava. Em 2021, mesmo em valor menor e beneficiando menos famílias, o auxílio vai ter o mesmo papel em 2021, ainda que em intensidade menor.

Em uma das principais economias do mundo, a dos Estados Unidos, o atual presidente Joe Biden anunciou um pacote de investimentos que supera a casa de 1 trilhão de dólares como tentativa de reaquecer a economia do país durante a pandemia. Esse tipo de planejamento da economia seria possível no Brasil?

Na verdade, o pacote de investimento de Biden passa de dois trilhões de dólares, o qual se acrescenta a outros programas igualmente trilionários. Infelizmente, isso não seria possível no Brasil. Os Estados Unidos não têm problema em financiar a expansão da dívida pública, pois emitem a moeda básica do mundo (o dólar), têm nível de poupança superior à do Brasil e possuem instituições muito mais sólidas do que as nossas. Ninguém duvida da capacidade americana de pagar sua aumentada dívida pública. No Brasil, além de não dispormos dessas vantagens, nossa dívida pública, de 90% do PIB, periga caminhar para a insustentabilidade. Aumentar gastos na linha adotada pelo presidente Biden nos levaria à insolvência do Tesouro Nacional. A percepção de que os credores levariam um

calote provocaria queda de confiança no país, fuga de capitais, maior desvalorização cambial, novas pressões inflacionárias, elevação da taxa de juros e perda do potencial de crescimento do PIB, do emprego e da renda. Seria um desastre. Com todo o respeito, quem prega essa estratégia para o nosso país revela sesquipedal desconhecimento da realidade da economia e das finanças públicas do Brasil.

O principal concorrente de Bolsonaro, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, tem defendido em discursos públicos, visando à corrida eleitoral de 2022, a emissão de mais moeda para lidar com o aumento de despesas da pandemia, para custear políticas públicas de auxílio à economia. O que o senhor pensa a respeito dessa ideia?

Lula está equivocado, embora a ideia de emitir moeda para financiar novos gastos seja defendida por uma corrente de economistas partidários da Nova Teoria Monetária. Diz-se que essa emissão será benigna se a taxa de juros for inferior à taxa de crescimento da economia. Há algumas evidências que confirmam essa visão, mas ela é refutada pelas principais correntes de economistas e por expoentes da disciplina nos países desenvolvidos. Acho um grande perigo adotar essa ideia no Brasil. Se a classe política já tem pouca noção dos limites e restrições do Orçamento, como se viu na recente mixórdia na aprovação do Orçamento de 2021, imagina-se o que se daria se fosse dito que não tem problema em aumentar os gastos públicos de forma quase ilimitada? Não conheço nenhum trabalho acadêmico de prestígio nem economista de renome que apoie a ideia, que seria uma grande e irresponsável aventura. Sou contra, portanto.





Foto: Divulgação



Foto: Marcus Antonius

Sérgio Aguiar, uma das vítimas da violência no trânsito, perdeu um braço e uma perna, passou por várias cirurgias, até conseguir reaprender a vencer os desafios e voltar a fazer as coisas que lhe davam prazer na vida, como nadar, surfar e fotografar

Vidas mudadas pela violência do trânsito

Laércio, Sérgio e muitos outros fazem parte das milhares de vítimas de motoristas que desrespeitam a lei

Carol Cassoli
Especial para A União

“Quando sofri o acidente fiquei sem andar, passei dois meses de cama”. Essa é parte da história do personal trainer Laércio Marculino da Silva. O jovem foi vítima de um acidente de trânsito há seis anos, teve fraturas no fêmur, nariz e em parte da face e relata que os impactos só não foram maiores porque, além de estar utilizando cinto de segurança, possuía uma musculatura forte devido à prática constante de exercícios físicos.

Laércio, que hoje tem 32 anos, conta que o acidente aconteceu em uma estrada paraibana onde, ao realizar uma curva fechada na contramão, um caminhão baú acertou em cheio o carro em que se encontravam ele e um amigo. “O motorista disse que não conseguiu frear na hora e, como era uma curva, passou para a contramão nos arrastando por 15 metros”, afirmou. À época, Laércio, que ainda estava concluindo o Ensino Superior, não percebeu as lesões imediatamente, perdeu a consciência e, ao acordar, já estava hospitalizado.

Segundo o educador físico, como resultado da colisão foi necessário iniciar o tratamento com injeções para poder auxiliar na circulação sanguínea das pernas durante o período em que passou acamado: “Mas eu tinha em mente que não era uma questão de ficar daquele jeito para sempre e aquela situação era temporária”. Laércio sempre esteve consciente de que, felizmente, as consequências mais graves não eram permanentes. Para o rapaz, neste momento, a paciência foi o componente principal de sua recuperação.

Além de ficar de cama, Laércio também passou por duas cirurgias. Na primeira delas, houve complicações que não permitiam que o personal trainer se deslocasse normalmente sem sentir dor, levando ao segundo procedimento. “Voltei ao hospital, passei mais um mês internado e tive que refazer a cirurgia porque três parafusos quebraram”, Laércio conta que, após a segunda cirurgia, foi mais cauteloso e pôde se recuperar bem sem sequelas.

Assim como Laerte, Sérgio Aguiar também entrou para a estatística das vítimas da violência do trânsito.

Em novembro de 2001, o fotógrafo teve sua moto atingida pelo

carro conduzindo por uma pessoa alcoolizada no bairro de Mangabeira, em João Pessoa. Na mesma hora, seu braço esquerdo foi decepado e sua perna esmagada, causando danos físicos irreparáveis a Sérgio, que além de registrar o mundo por meio de fotografias, também dedica grande parte de seu tempo ao esporte desde aquela época.

Superação
Com as dificuldades impostas por sua nova condição, Sérgio se viu diante do desafio de superar obstáculos, reaprender habilidades antigas e desenvolver novas competências. “Eu fazia boxe, jiu-jitsu, pedalava e hoje faço ainda mais”, brinca. O atleta conta que não estava disposto a abrir mão da prática esportiva e, com muito treino, foi campeão em nado livre pelos Jogos Escolares da Paraíba, além de ter voltado a surfar.

Hoje, dezenove anos depois, o fotógrafo é responsável pelo projeto Surf Educação, por meio do qual estimula a prática esportiva e os valores passados pelo esporte e também incentiva o desenvolvimento infantil nos estudos. “Foi uma grande luta no início, mas recebi muita força e me recuperei”, Sérgio atribui sua reabilitação a familiares e grandes amigos, em especial Toddy, Max, Fábio, Ronaldo e Helton, os cinco que o acompanharam nesta jornada.

Violência em números
De acordo com o balanço feito pela Polícia Rodoviária Federal (PRF-PB), anualmente, mais de mil pessoas se envolvem em acidentes nas vias paraibanas. Segundo o órgão, estas ocorrências geram, aproximadamente, 1,5 mil feridos e 100 mortes.

Apenas nos primeiros quatro meses do ano, o Departamento Estadual de Trânsito (Detran-PB) realizou 69 blitzes voltadas à Operação Lei Seca. Nelas, foram abordados 220 veículos e realizados 228 testes para identificação de influência de álcool durante a condução.

De acordo com o Detran-PB, estas atividades demonstram à população que os órgãos responsáveis estão na ativa e, portanto, contribuem para a redução não apenas da aliança entre álcool e volante, mas também de outras atitudes ilegais; como falta de cinto de segurança, falta de capacete e até mesmo falta de habilitação.

Em busca de respeito e responsabilidade

Este ano a mobilização do Maio Amarelo põe em debate o tema “Respeito e responsabilidade: pratique no trânsito”. De acordo com o Presidente do Instituto Via, João Eduardo Moraes de Melo, o assunto não poderia ser outro. Ele, que faz parte da Comissão de Direito de Trânsito da Ordem dos Advogados do Brasil na Paraíba (OAB-PB), traça um paralelo entre a responsabilidade social necessária para o enfrentamento ao vírus da covid-19 e a prática de melhores hábitos no trânsito.

“Assim como o vírus mata, o trânsito também mata. Entendo que utilizando essa mesma responsabilidade para praticar o respeito no trânsito, conseguiremos evitar a violência e, consequentemente, os sinistros de trânsito”, afirma João Eduardo, ao observar que a situação atual permitiu que a população começasse a entender o impacto de cada atitude no bem-estar coletivo.

A representante do Movimento Maio Amarelo na Paraíba, Abimadabe Vieira, concorda com João e comenta que a situação é preocupante por inúmeros fatores, mas, principalmente, porque é responsável por incontáveis tragédias. “A cada ano, os sinistros rodoviários causam a morte de mais de 1,35 milhão de pessoas em todo o mundo, além de 50 milhões de feridos”, afirma. Abimadabe nota que grande parte dos acidentes de trânsito poderiam ser evitados através de conduções mais prudentes.

Concentrando o olhar apenas no Brasil,

“Cara, chama um motorista, pede um táxi, vai de ônibus, volta a pé... mas não pega no volante pra ser irresponsável.”

Abimadabe Vieira atenta para o fato de que acidentes de trânsito geram não apenas estatísticas sobre o desrespeito, mas também impactam diretamente na vida dos envolvidos. “O cenário é preocupante. São cerca de 40 mil pessoas que perdem suas vidas nas sinistralidades das vias e milhares sofrem com sequelas irreparáveis, sendo muitas delas provedoras da família, o que nos leva a imaginar o sofrimento e desespero dos entes queridos”, lamenta.

Já Sérgio Aguiar diz que “tudo isso aconteceu (o acidente) no auge da minha vida profissional e esportiva. Graças a Deus eu sobrevivi e hoje posso conscientizar as pessoas de que álcool e direção não combinam”. O fotógrafo enfatiza que existem diversas opções de transporte para pessoas alcoolizadas e que assumir a condução de um veículo não é uma delas: “Cara, chama um motorista, pede um táxi, vai de ônibus, volta a pé... mas não pega no volante pra ser irresponsável”.

Ações de conscientização

Como este mês é voltado à reflexão, os órgãos responsáveis pelo trânsito de João Pessoa estão promovendo a conscientização através de debates e intervenções; incluindo a pintura de corações amarelos na Avenida Epitácio Pessoa e em outras vias onde foram registrados os maiores números de acidentes no ano passado. A realização dos trabalhos de revitalização e sensibilização popular está sendo feita pela Superintendência Executiva de Mobilidade Urbana de João Pessoa (Semob-JP) e envolve até mesmo a coloração especial do atrativo turístico “Eu amo Jampa”, em Cabo Branco. Além disso, a Semob-JP está promovendo uma série de conversas (em transmissão on-line) sobre o tema em suas redes sociais.

O presidente do Instituto Via observa as mobilizações de maneira positiva e espera que as ações atinjam a população da maneira esperada para que os números (que refletem pessoas) diminuam gradativamente. “Como resultado preservaremos vidas e transformaremos a convivência no trânsito em um ambiente mais seguro e humano”, finaliza João Eduardo.

Imprudência no trânsito

Números que matam (PRF-PB/ Detran-PB)

Direção sem habilitação - 1.108
Equipamentos irregulares - 214
Ausência de equipamentos - 408
Direção e álcool - 8 CNH's recolhidas

Fatores de risco para acidentes de trânsito

- Alta velocidade;
- Álcool e drogas ilícitas;
- Não uso do cinto de segurança;
- Irregularidade em dispositivos de segurança infantil;
- Uso de celular e outros aparelhos;
- Mau uso de capacete e outros equipamentos.

Foto: Marcus Antonius



Oxente Eita mulinga
Apoi Marminino
Varei Mainha
Arretado

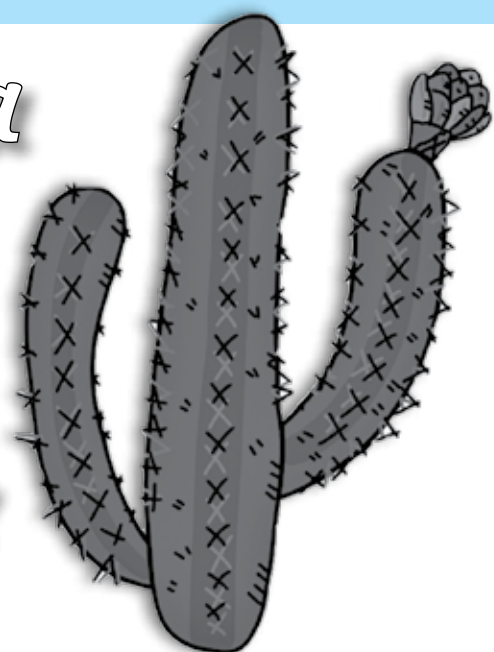


Imagem: Pixabay

Como combater e vencer o preconceito linguístico

Paraibana Juliette conquistou o público e venceu o reality show BBB mostrando orgulho por suas origens

Beatriz de Alcântara
Especial para A União

A participação da paraibana Juliette Freire na última edição do Big Brother Brasil, de onde saiu campeã no último dia 4, trouxe à tona a discussão acerca da xenofobia sofrida por muitos nordestinos em relação a residentes do eixo Rio-São Paulo e demais estados que compõem, principalmente, o sul e o sudeste do país. A participante natural de Campina Grande, no Agreste paraibano, foi vítima de preconceito linguístico, dentre outras humilhações sofridas em decorrência da cultura popular da Paraíba e do Nordeste, algo que ela sempre fez questão de ressaltar o orgulho durante a trajetória no programa.

A xenofobia se define como o preconceito contra pessoas que possuem origens, culturas e/ou nacionalidades diferentes. Comumente, tem-se a ideia de que a xenofobia só acontece entre pessoas de países distintos, mas dentro de um país multicultural como o Brasil e com a enorme diversidade presente em cada uma das cinco regiões, esse preconceito pode acontecer – e acontece – com mais frequência do que se imagina. As manifestações de xenofobia podem ser desde ataques físicos e agressões até ataques verbais, que passam, por vezes, de forma mais sutil aos olhos de quem pratica ou presencia.

Durante a estadia na casa mais vigiada do país, principalmente nas primeiras duas semanas do programa, Juliette suportou “críticas” duras com relação ao seu sotaque, seu jeito de falar e em vários momentos precisou explicar diversos termos tradicionais nordestinos que não eram compreendidos ou tinham o

significado mal interpretado por parte de outros participantes. As polêmicas em torno disso trouxeram o debate à tona, através das redes sociais, fazendo com que a campinense conquistasse uma legião de fãs e torcedores solidarizados com as dores nascidas em consequência da xenofobia.

A relação dos demais participantes com as expressões paraibanas e nordestinas, de modo geral, pode ser considerada preconceito linguístico. Nas redes sociais oficiais de Juliette, a equipe de administradores procurou alternativas para melhorar a comunicação da participante com a criação da série de vídeos sobre o Juliettês, o dicionário com os regionalismos usados pela paraibana. “Eu acho que o preconceito, pela própria natureza da palavra, é algo nefasto, algo ruim, para qualquer cultura, para qualquer lugar. O que acontece com o preconceito linguístico é uma coisa um pouco mais sorrateira”, explicou o professor da Universidade Federal da Paraíba e doutor em Linguística, Denilson Matos.

“No caso do preconceito linguístico, fica aquela coisa imputada no indivíduo, como se ele de verdade fosse capaz de se enquadrar, se é que é preciso se enquadrar, para dar conta de uma comunicação eficiente. O jeito de cada um, assim como a cabeça, o corpo, partes da gente, são diferentes, são da natureza do indivíduo. A mesma coisa vai acontecer no exercício da comunicação através da linguagem, no nosso caso, da Língua Portuguesa. O preconceito linguístico é uma coisa completamente ultrapassada, equivocada, sem sentido e vai mostrar bastante o tipo de sociedade que estamos construindo

quando a gente não entende que o outro fala diferente e isso não faz dele nem melhor, nem pior”, completou Matos.

Um dos principais pontos de encantamento da torcida com a Juliette foi pela maneira como a participante se mostrou resiliente, mas é preciso ressaltar que são diversos os danos que a xenofobia pode causar à saúde mental da vítima, principalmente porque se trata de algo que “afeta diretamente algo que é próprio dela e que ela não pode mudar, como por exemplo sua nacionalidade, sua cultura, suas raízes”, pontuou a psicóloga Ludmila Carvalho. Dessa maneira, de modo como lembrou Denilson de que o sotaque e o jeito de falar fazem parte da natureza dos indivíduos, os ataques xenofóbicos podem interferir na autoestima de quem sofre, nas emoções em geral, pode causar ansiedade e até mesmo levar a vítima a ter pensamentos suicidas – e que, observando no contexto do jogo, por exemplo, a própria Juliette pensou em pedir para sair da casa em decorrência dos acontecimentos.

“Devemos estar atentos a mudanças de comportamentos por parte da vítima, tentativa de mudança no sotaque, alteração no modo de se vestir, negação de sua própria cultura podendo até mudar-se de região. Isso pode acontecer pela tentativa da vítima em ser incluída em determinados espaços e aceita por um grupo específico. Muitas vezes, é importante buscar ajuda com psicoterapeuta para tratar a situação com o objetivo de oferecer aceitação de si mesmo e trabalhar questões como autoestima, ansiedade e etc”, alertou a psicóloga.

É preciso respeito à diferença

As diferenças culturais tornam o Brasil um dos países mais interessantes e ricos em diversidade do mundo. O fato é que, no dia a dia, aceitar aquilo que difere do que o outro está acostumado parece muito complexo – e é. “Muitas pessoas acreditam que apenas o que elas veem como certo de fato é verdade. Aceitar a cultura, o modo de vida, as representações sociais do outro parece estranho. Basta pensarmos, por exemplo, quando sentamos para conversar com outra pessoa de uma região diferente da nossa sobre a sua cultura e hábitos. A grande diferença está em respeitar o que faz parte do outro e não ver como uma situação absurda e impossível de ser realizada”, argumentou Ludmila Carvalho.

Segundo a psicóloga, é importante que os indivíduos estejam todos atentos ao que falam e compartilham, para não replicar argumentos xenofóbicos ao que é diferente. “O que para nós é extremamente correto e saudável, para o outro pode ser desafiador e esquisito. Mas, se não causa dano a si mesmo e nem aos demais que estão ao nosso redor, não tem motivos para tentar modificar. Respeitar os modos de cada um faz parte do nosso dia a dia também e é sadio”, enfatizou Ludmila Carvalho.

O caso de Juliette em um programa com a visibilidade que o Big Brother tem jogou luz em uma situação recorrente para inúmeros paraibanos e demais nordestinos. “Dentro do programa foi visto muitas vezes que Juliette foi ignorada por muitos, foi chamada de mal-educada pelo seu jeito de falar com as pessoas, sem falar que muitas vezes foi motivo de piadas e ficou isolada. O que aconteceu com ela, acontece diariamente com muitas pessoas”, disse Carvalho.

Para as vítimas de xenofobia, é importante manter ativo o exercício da aceitação e o entendimento de que suas origens, costumes e regionalismos não são errados. A ideia, na situação em questão, é reforçar o empoderamento nordestino e não abaixar a cabeça para quem julga o diferente. Assim como destaca Ludmila Carvalho, a experiência apresentada pela trajetória de Juliette no BBB fala sobre a necessidade e importância do respeito ao outro.

“No que se refere ao tema da xenofobia, ele [o programa] nos ensinou que criar um personagem por trás das câmeras não agrada as pessoas e uma hora ou outra, o que é seu de verdade sempre aparece. A paraibana Juliette Freire fez questão de ser ela mesma dentro do programa. E essa foi a forma que ela conseguiu agradar ao Brasil inteiro. O melhor ensinamento é sobre ser e aceitar quem você é! Tenha uma conversa consigo mesmo. Se aceite. Se ame. Você é único do jeito que é. Floresça!”, finalizou a psicóloga.

Alguns termos comuns na Paraíba, principalmente em João Pessoa:

Aperrear = aborrecer	Boyzinha = menina	Leso/abestalhado = bobo
Arenga = discussão	É (de) rocha = tá beleza	Mangar = zombar
Avexado = apressado	Fuleiro = coisa ruim	Massa = legal
Boto fé = confirmação	Gaitar = dar uma gargalhada	Morgado = desanimado
Boy = menino	Gaiato = debochado, palhaço	Um mói = muito



Fotos: Arquivo pessoal

///O melhor ensinamento é sobre ser e aceitar quem você é! Tenha uma conversa consigo mesmo. Se aceite. Se ame. Você é único do jeito que é. Floresça! ///

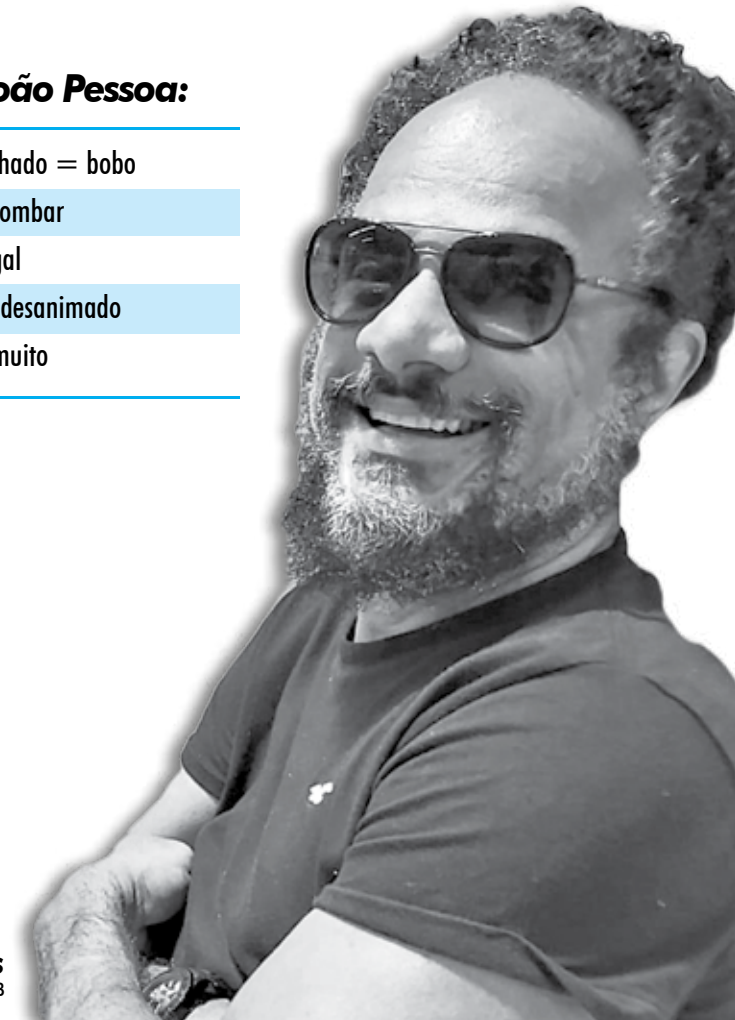
Ludmila Carvalho

Psicóloga

///O preconceito, pela própria natureza da palavra, é algo nefasto, para qualquer cultura... O que acontece com o preconceito linguístico é uma coisa um pouco mais sorrateira. ///

Denilson Matos

Professor da UFPB



Programa do estado oferece oportunidades para jovens

Edital com vagas de estágio no Centro Integrado de Operações Policiais deve ser divulgado ainda esta semana

Cardoso Filho
josecardosofilho@gmail.com

A Secretaria da Segurança e Defesa Social em parceria com a Secretaria da Educação, Ciência e Tecnologia vai publicar, ainda esta semana, novo edital para o Programa “Primeira Chance”, que visa inscrição de estudantes oriundos da rede pública estadual de ensino para participar do processo seletivo para experiência profissional junto ao Centro Integrado de Operações Policiais – Ciop, órgão vinculado a Seds.

Segundo o coronel Júlio César, coordenador estadual do Ciop, o pessoal selecionado deverá prestar serviço no órgão de Patos, que irá funcionar no prédio do Centro Integrado de Comando e Controle. “O pessoal selecionado começará a trabalhar, no máximo, até o final do ano quando o CICC será entregue pelo Governo do Estado”, disse o Júlio César.

Em fevereiro do ano passado, o Governo do Estado, através das Secretarias da Educação e da Ciência e Tecnologia da Paraíba (SEECT) em parceria com a Secretaria de Segurança e Defesa Social (SEDS/PB), divulgou no Diário Oficial do Estado o edital

com inscrições para o Processo Seletivo de Primeira Experiência Profissional pelo Programa Primeira Chance. Na ocasião foram ofertadas 50 vagas para plantonistas, sendo 28 para o Centro Integrado de Operações da Paraíba (Ciop) e 22 para o Instituto de Polícia Científica (IPC).

Atualmente, o Ciop de João Pessoa conta com 25 integrantes do Programa “Primeira Chance”. O coronel Júlio César informou que eram 28, no entanto, três pediram para sair, pois, com a experiência conseguiram um emprego em empresa particular. “Isso nos orgulha”, disse o coordenador do Ciop.

Em Campina Grande, o programa também conta com jovens trabalhando no Ciop que é responsável pelo atendimento de ocorrências dos municípios do Piemonte da Borborema. Ainda este ano o “Primeira Chance” irá se estender ao Sertão do estado com estudantes selecionados sendo integrados ao trabalho de atendimento à população.

Os egressos classificados para o Ciop recebem uma bolsa no valor de R\$ 1 mil durante um ano de contrato. Para o IPC, a bolsa é no valor de R\$ 800,00, também durante um ano.



Fotos: Evandro Pereira

Os estudantes oriundos da rede pública estagiam durante um ano no Ciop ou no IPC e recebem uma bolsa mensal que varia de R\$ 800 a R\$ 1 mil

“Estou orgulhoso em trabalhar nessa área”

Felipe Leite Baracho tem 20, foi aluno da Escola Técnica “Pastor João Pereira Gomes Filho”, de Mangabeira é um dos beneficiados pelo programa. Ele faz parte da turma pioneira do Ciop. Ele disse que teve conhecimento, através da imprensa, do processo seletivo e como sempre teve uma “paixão” pela área de segurança, se inscreveu para o curso de

formação e “hoje estou aqui muito feliz e orgulho em trabalhar nessa área”.

Neste quase um ano trabalhando em atendimento ao público, Felipe contou que o caso que mais chamou atenção foi quando atendeu a ocorrência do desaparecimento de um homem com problemas mentais que teria pego um ônibus no Geisel e foi parar no Bessa, onde

ficou perdido. Uma pessoa ligou informando que tinha visto o homem desorientado “e registramos a ocorrência para averiguação. Coincidentemente recebi uma ligação que era a mãe dele informando sobre o desaparecimento e tudo terminou de forma feliz”, disse emocionado. Ele não esconde a vontade de integrar, no futuro, a área de segurança.



Felipe Baracho quer ser policial

“Conseguir ajudar uma vítima de violência”

Suênia Oliveira Tavares, de 22 anos, estudou na Escola Estadual Francisca Assunção Cunha. Também integrante da primeira turma do Ciop disse que é um orgulho trabalhar na área de segurança. “É uma experiência bastante interessante porque podemos ajudar a nós mesmos como também a sociedade”. Muitas vezes, disse, é

importante conversar com a pessoa que pede ajuda, pois muitas vezes é necessário orientar o cidadão porque às vezes temos que acalmá-lo em relação a demora no atendimento, por conta da demanda.

O caso mais emblemático foi uma situação de violência doméstica. A vítima se mostrava bastante nervosa, pois queria, ao mesmo

tempo revelar a ocorrência e evitar que o acusado tivesse conhecimento. “Temos que ter paciência para acalmar a vítima”.

A estagiária do Ciop disse que sua mãe tem muito orgulho da filha e que até fala que se for para eu ser uma policial militar seria muito gratificante para ela ter pelo menos uma filha na área de segurança.



Suênia Oliveira: “gratificante”

Demanda de pessoal

O coronel Júlio César, coordenador geral do Ciop disse que o Primeira Chance é um programa inovador que agrega adolescentes da rede pública de ensino, sendo importante a presença deles por conta dos conhecimentos na área da informática.

“Com o apoio do secretário Jean Nunes, foi adquirida uma central telefônica digital para atender a sociedade, um sistema de rádio digital que hoje alcança 99% da cobertura do estado e um videomonitoramento, mas faltava o

incremento da parte de pessoal e o teleatendimento que é feito pelo pessoal fornecido pela PM e Corpo de Bombeiros. Temos uma defasagem de pessoal”.

Preocupado com isso, o secretário autorizou a criação do programa Primeira Chance, genuinamente do Governo do Estado com jovens egressos do sistema de educação. E com apoio da Secretaria de Educação, foram selecionados e capacitados jovens “que hoje nós temos aqui no Ciop, na Região Metropolitana de João Pessoa”.

Foto: Divulgação



Coronel Júlio César, coordenador geral do Centro Integrado de Operações

Editais

Órgãos firmam parcerias e contratam adolescentes

Para o secretário de Segurança e Defesa Social, Jean Nunes, esse programa é uma importante ação do Governo do Estado, que busca a transversalidade entre as ações desenvolvidas na Paraíba. A Secretaria da Segurança precisa estar aberta a essas inovações e o projeto traz exatamente isso, uma articulação com a Secretaria da Educação para que estudantes participem diretamente das ações do Ciop.

Esse pessoal faz com que a gente desobrigue os policiais militares, liberando os postos, e eles retornem para suas atividades.

Com o aporte tecnológico que vem sendo feito por parte do governador João Azevêdo na área da segurança pública o Primeira Chance traz essa oportuni-

dade, com reforço no quadro de recursos humanos e com isso temos muito que agradecer à parceria com a Secretaria de Educação.

Educação

A coordenadora do Programa Estadual, professora Rayssa Alencar, disse que o Primeira Chance traz uma nova perspectiva de inserção dos concluintes do Ensino Médio da Paraíba no mercado de trabalho. Essa jornada é o início de sua vida profissional e os jovens precisam de apoio e orientação profissional. Uma via do programa proporciona a primeira experiência profissional aos alunos concluintes e egressos da Rede Estadual de Ensino. Ela lembra que ao concluir o Ensino Médio o jovem se



Foto: Evandro Pereira

Secretário de Segurança, Jean Nunes

depara com vários dilemas e um deles é o primeiro emprego, com o objetivo de auxiliá-los no ingresso desses alunos no mundo do trabalho o programa lança editais e os alunos se inscrevem e participam do processo classificatório. É notório que a oportunidade oferecida pelo programa é um divisor de águas na carreira profissional dos alunos.

Oficial da PM participou da criação do projeto

O tenente-coronel Arnaldo Sobrinho, um dos idealizadores do programa, disse que a ideia do “Primeira Chance” surgiu para conciliar um dos eixos estratégicos de melhorias projetadas para o Ciop, reforçando o atendimento ao cidadão através das linhas telefônicas do 190 e 193, sendo viabilizado através de parceria relevante com a Secretaria de Estado da Educação.



Foto: Arquivo

Tenente-coronel Arnaldo Sobrinho



Povoamento da região onde está situada a cidade de Soledade começou em meados do século XVIII, sendo que o lugar pertenceu a São José do Cariri até 24 de setembro de 1885, quando foi emancipado



Soledade: história e cultura na rota do Padre Ibiapina

Município no Semiárido possui cerca de 15 mil habitantes e tem a economia baseada na agricultura e pecuária familiar

José Alves
zavieira2@gmail.com

O município de Soledade tem como ponto forte de sua economia a agricultura familiar. A atividade inclusive conta com o apoio do Governo do Estado por ser o principal caminho para o desenvolvimento sustentável na produção de alimentos. A agricultura por lá é tão rica e ativa que, além de beneficiar

os trabalhadores do campo, promove e contribui com a alimentação dos alunos da Rede Pública de Ensino. Situado na região imediata de Campina Grande, às margens da BR-230, Soledade está a 186 quilômetros de João Pessoa e tem uma população estimada em 15 mil habitantes, que se chamam soledadenses.

Soledade que fica apenas a 54 quilômetros de

Campina Grande e tem limites com os municípios de São Vicente do Seridó, Olivedos, Pocinhos, Juazeirinho, Gurjão, Cubati, Tenório, Junco do Seridó, Assunção, Santo André e Boa Vista. O município ocupa uma área territorial de 560 km² e sua vegetação predominante é a caatinga, típica do Semiárido.

O ponto turístico mais visitado da cidade é o antigo Casarão Ibiapinópolis,

atualmente Museu Benedito Filgueiras de Góis, criado em 1999, que possui um bom acervo, incluindo artes visuais e arqueologia. Uma variedade de peças que documentam a história regional, reunidas, ao longo de décadas, pelo titular do ambiente, o professor Juarez de Góis. O museu de Soledade está localizado na Rua Doutor Gouveia Nóbrega 25, no centro da cidade.



Cemitério e capela

O atual município de Soledade começou a surgir através da fazenda do português João Gouveia e Sousa. Primitivamente o local se chamava “Malhada Vermelha”, pela grande quantidade de barro. Em seguida, Malhadas das Areias Brancas (como cita o escritor Irineu Pinto). A fazenda se situava em um dos lotes do Riacho do Padre Ibiapina, e a primeira construção de que se tem notícia foi um cemitério que recebeu o nome de Soledade. O lugar era destinado a enterrar os mortos da segunda epidemia da “cólera-morbo” que assolou a Paraíba no ano de 1856.

Mais tarde, foi erguida por Padre Ibiapina, uma capela anexa, sob a invocação de Santa Anna. Logo depois, começaram as construções de casas onde no decorrer dos anos, a localidade tornou-se a Vila de Soledade. Segundo historiadores, em 1866, o padre Manoel Ubaldino, da Paróquia de São João do Cariri, celebrou a primeira missa de Natal de Soledade, no dia 25 de dezembro.

O primeiro nome do município por sugestão do missionário Padre Ibiapina foi Solidão, mas democraticamente através de uma consulta a uma espécie de conselho comunitário chegou-se a um acordo pelo nome de Soledade. No princípio, a localidade foi habitada por famílias tradicionais como as dos portugueses João Gouveia de Souza e do senhor José Alves de Miranda, além dos índios cariris.

De acordo com a formação administrativa, primeiramente foi criado o distrito de Soledade subordinado ao município de São João do Cariri, e anos depois, foi desmembrado e elevado à categoria de vila. Em seguida, através de lei estadual, no dia 24 de setembro de 1885, o local deixou de ser vila e passou a ser município de Soledade.

Eventos e datas comemorativas do município

Além da agricultura e pecuária, o comércio da cidade também é expressivo e atraente em diversos setores, incluindo vestuário, móveis, eletroeletrônicos e celulares, entre outros serviços. De acordo com informações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a avenida principal da cidade é larga e oferece aos cidadãos muitas opções de restaurantes e lanchonetes. A culinária também é uma das principais atrações para os turistas.

Apesar do clima seco, a criação de caprinos, animais resistentes a altas temperaturas, é bem-sucedida, e também movimenta a economia da cidade. Por causa dos rebanhos de caprinos, o município se destaca na produção de queijo e leite na região, e todos os anos

realiza exposições e leilões de animais por todo o Brasil.

A Prefeitura de Soledade, em parceria com o Governo do Estado e vários segmentos da agricultura familiar, já realizou diversas Festas da Economia Solidária. São eventos que fortalecem os saberes e sabores da agricultura regional. A última aconteceu na Casa da Economia Solidária de Soledade, na Rua Doutor Gouveia Nóbrega, 62, no centro de Soledade.

Entre as sugestões para esse novo modelo de agricultura familiar que incentiva os trabalhadores do campo a produzirem mais e melhor, está a estruturação da Secretaria da Agricultura Familiar, com fontes de receita para custeio do setor. Através do Empreender, foram lançados vários programas a exemplo da

aquisição de sementes e construção de cisternas, energia solar e o de incentivo à piscicultura que contribui com o repovoamento de açudes e a revitalização de rios e riachos.

Já o São João de Soledade é comemorado durante três dias de festa e deixa um saldo positivo na economia do município, principalmente no setor gastronômico. No ano passado a festa não foi realizada por causa da pandemia da covid-19.

Os feriados municipais são os seguintes: Sexta-Feira Santa, dia 24 de junho – Dia de São João, dia 26 de julho – Dia de Nossa Senhora Santana, padroeira do município, dia 5 de agosto – data magna do Estado da Paraíba, e dia 24 de setembro – dia da emancipação política do município.



Inicialmente a localidade foi chamada de “Malhada Vermelha” devido à grande quantidade de barro encontrada na região, depois, com a construção de várias moradias e o surgimento de um povoado, se tornou Vila de Soledade



Foto: D. Meta/Divulgação

Obra resgata o legado poético do jornalista Jurandy Moura

Editora A União traz compilação de poemas, bem como textos inéditos e outros divulgados em jornais e revistas

Guilherme Cabral
guilhermecabral@epc.pb.gov.br

Resgatar o legado poético de um paraibano que também foi crítico de cinema e literatura, cineasta e incentivador cultural. Eis o intuito do livro de *Jurandy Moura Iluminuras e Outros Poemas*, que a Editora A União lançará, de forma virtual e em caráter póstumo, através do seu perfil no Instagram, na próxima quinta-feira (20), a partir das 17h.

A obra reúne poemas de *A Vida é Simples* – único livro que o autor publicou pela Edições Caravela, em 1964 –, bem como textos inéditos e outros por ele divulgados em jornais e revistas, além de um perfil biográfico. Ilustrada pelo artista gráfico Tônio, a antologia possui 184 páginas e tem preço de R\$ 20. Além da diretora-presidente da Empresa Paraibana de Comunicação (EPC), Naná Garcez, participarão do evento o gerente da editora, Alexandre Macedo, e os dois organizadores da obra, que são o diretor de Mídia Impressa, William Costa, e a viúva do escritor, Maria do Carmo Moura.

“É louvável essa iniciativa por causa da importância de Jurandy Moura para a cultura paraibana, que andava esquecido. Só quem o conheceu sabe da sua importância. Com isso, a sua figura é devolvida ao lugar que merece e, agora, as novas gerações também vão ter a oportunidade de conhecê-lo”, afirmou o poeta e professor Sérgio de Castro Pinto, referindo-se ao lançamento da coletânea. “Infelizmente, sua vida foi encerrada de forma abrupta, exatamente aos 40 anos de idade, em um acidente automobilístico, mas é um dos nomes importantes da cultura paraibana”.

Sobre o livro *A Vida é Simples*, Sérgio de Castro Pinto lembrou que a obra fazia jus ao título: “Era uma obra simples, mimeografada, editada pelo crítico literário Geraldo Carvalho. Jurandy foi editor do *Correio das Artes* na nova fase do então suplemento, agora em formato de revista, do jornal **A União**, no governo de Ernani Satyro. Na época, ele incentivou novos escritores a publicarem no *Correio das Artes*. Ele foi um ativista literário, além de ter sido cineasta, pois dirigiu e produziu, nos anos 1970, o documentário *Padre Zé Estende a Mão*, que retrata o padre Zé Coutinho e que repercutiu positivamente no exterior. Ele era um dos mais jovens, com Clemente Rosas, da Geração 59, movimento que revitalizou o soneto”.

O escritor Hildeberto Barbosa Filho também elogiou o lançamento do livro. “Eu acho a iniciativa da EPC muito louvável, porque é chegada a hora da Paraíba, através dos seus órgãos de cultura, recuperar e cuidar da memória intelectual do estado. Jurandy deu uma contribuição valiosa, a exemplo do que fez na segunda fase do *Correio das Artes*, em 1975, quando funcionou como um elo de aglutinação dos escritores e deu injeção à cultura

paraibana, além de ter sido cineasta e crítico de cinema. Acho que esse tipo de iniciativa da EPC é muito importante e justa, sobretudo para as novas gerações, pois serve de porta de entrada para que se conheça uma das pessoas que mais contribuíram para o processo de criação artística e literária”, afirmou o poeta e crítico literário.

“O livro *Iluminuras e Outros Poemas* traz informações sobre Jurandy Moura exercendo funções como editor, crítico de cinema e literatura e mais a figura do poeta, que andava meio esquecida”, frisou Hildeberto Barbosa. “Jurandy tinha uma qualidade rara de cuidar mais da obra dos outros do que da dele. Essa obra dá uma fotografia mais do que completa de Jurandy Moura, que também era uma figura meio boêmia. Como membro da Geração de 59, ele participou de um grande momento de renovação da tradição poética na Paraíba, que vai se radicalizar nos grupos Caravela, de Geraldo Carvalho, e Sanhauá, de Marcos dos Anjos, e fez parte de uma antologia de 14 poetas, na qual está incluído”.

O poeta e crítico literário revelou que é grato a Jurandy Moura, por ter lhe dado oportunidade de divulgar os seus textos. “Devo a ele a minha iniciação literária no *Correio das Artes* nos fins de 1976, começo de 1977, quando publiquei meu primeiro trabalho, que foi um ensaio sobre Augusto dos Anjos. E, depois, ele me convidou para publicar poemas e resenhas. Acho esse livro muito importante porque revela a presença de um grande intelectual da Paraíba e essa gestão da EPC tem contribuído para dar um alento renovador de autores paraibanos, como já fez, por exemplo, com Celso Furtado, num compromisso justo e que devolve à sociedade a riqueza dos seus próprios valores, engrandecendo o nosso arquivo histórico e social. E isso deve ser louvado”, ressaltou Hildeberto Barbosa.

Em um texto de apresentação do livro, a diretora-presidente da EPC, Naná Garcez, destaca a função que o jornal e a editora exercem de registrar e guardar a história. “Em **A União** existe uma cultura preservacionista até mesmo pela longevidade do jornal, pelo fato de publicar o *Diário Oficial do Estado* por ter uma ação editorial, ou seja, como empresa pública nos seus 127 anos de existência, sempre manteve uma posição diferenciada de valorizar a cultura paraibana fazendo a divulgação de autores, de artistas, de músicos, etc. Foi com essa diretriz que surgiu a coluna semanal ‘Quem foi?’, no caderno *Almanaque*, que circula aos domingos. E, na Editora A União, algumas publicações especiais têm feito o resgate da história, produção e ação de vários jornalistas, escritores, teatrólogos, pesquisadores, entre outros atores que deram contribuição no cinema, na poesia, na literatura, no teatro, no jornalismo, na educação e na política”, escreveu ela.

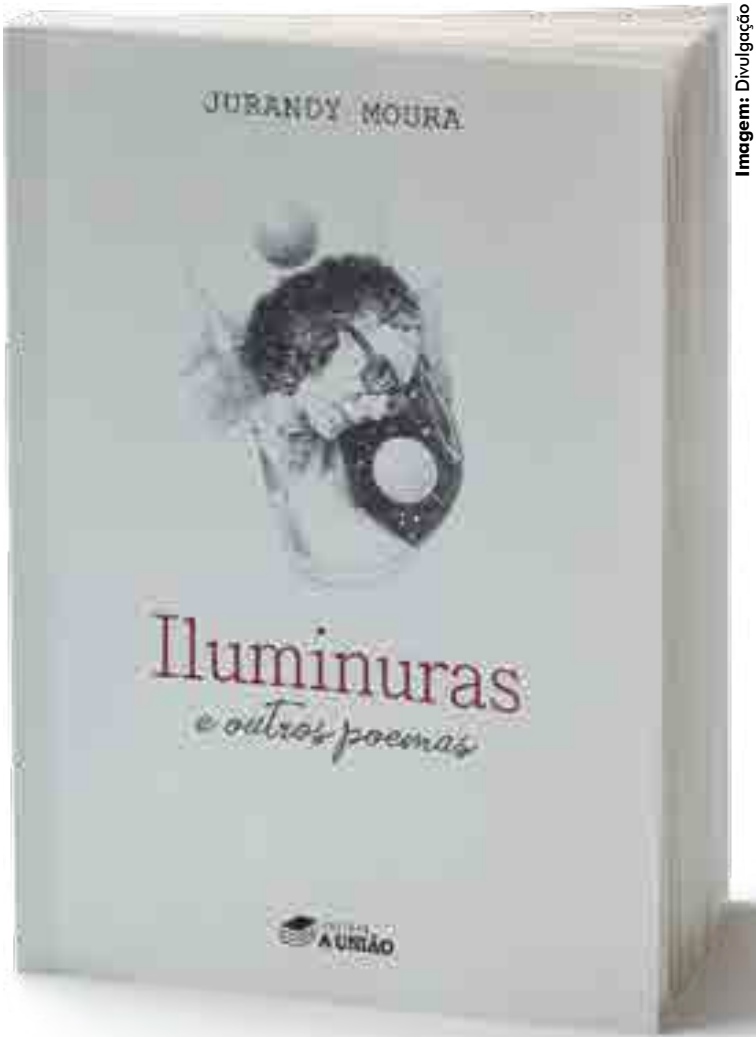


Imagem: Divulgação



Foto: Arquivo A União

Ilustrada pelo artista gráfico Tônio, antologia em homenagem a Jurandy Moura (acima) possui 184 páginas e será lançada no dia 20 de maio, no Instagram de A União

Ativista cultural contribuiu para o lançamento de novos autores no cenário cultural paraibano

“Estou contente, porque essa iniciativa representa o reconhecimento da sua importância para a cultura da Paraíba”, confessou Maria do Carmo Moura, viúva de Jurandy Moura, referindo-se ao livro sobre o poeta, jornalista e cineasta, que nasceu na cidade de Taperoá, em 1940, e com quem foi casada durante 15 anos e gerou dois filhos.

A viúva lembrou, como exemplo, o fato de Jurandy Moura ter contribuído para lançar novos autores, além de ter sido um ativista cultural na cidade de João Pessoa, onde chegou em 1959 e participou de movimento literário e na área de cinema, tendo sido presidente da Associação dos Críticos Cinematográficos da Paraíba. Enquanto isso, Maria do Carmo disse que seu marido escrevia textos, num trabalho que resultou na publicação de seu único livro em vida, *A vida é simples*. “Era uma obra em mimeógrafo, artesanal e de circulação restrita. Ele continuava escrevendo e guardava na gaveta e dizia que um dia ia lançar, mas não conseguiu, pois morreu”, disse ela, acrescentando que seu marido “era calmo, quieto, gostava da noite e de conversar”.

“Considero da maior importância o livro *Iluminuras e outros poemas*, porque traz à tona a poesia de um autor que andava meio que esquecido”, disse o diretor de Mídia Impressa da EPC, William Costa, um dos organizadores da

obra, que reúne também poemas inéditos e outros, colhidos na antologia *Geração 59* (Governo do Estado da Paraíba, Secretaria da Educação e Cultura, Divisão de Documentação e Cultura, 1959) e nos suplementos *A União nas Letras e nas Artes* e no *Correio das Artes*.

William Costa comentou que a poesia de Jurandy Moura era um pouco dispersa. “Ele tinha deixado o projeto de publicar um livro, o *Iluminuras*, pegamos esse projeto, que já estava pronto, e acrescentamos outros poemas e aí ficou *Iluminuras e outros poemas*. O livro ainda traz uma pequena fortuna crítica,

um perfil biográfico e dois textos adicionais, um de Walter Galvão e outro de Sérgio de Castro Pinto, que escreveu quando soube que *Iluminuras* ia ser, há alguns anos, lançado originalmente pela Editora Linha D’água, de Heitor Falcão, que morreu recentemente. Jurandy Moura gostava das coisas simples e a concepção gráfica do livro também é assim, mas sem perder a beleza, num trabalho feito com muito carinho com os dois filhos de Jurandy, Ana Clarissa e Eduardo. É um poeta de valor, com poesia de qualidade e essa história precisava vir à tona”, conceituou o diretor de Mídia Impressa da EPC.

Foto: Arquivo A União



Jornalista e cineasta, Moura já foi presidente da Associação dos Críticos Cinematográficos da Paraíba

Considero da maior importância o livro ‘Iluminuras e outros poemas’, porque traz à tona a poesia de um autor que andava meio que esquecido

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | colaborador

O voo do dragão

“Galvão... Diga lá, Tino. Sentiui!” Esse meme da Internet brasileira ilustra bem uma entrevista recente de Hillary Clinton sobre a China.

Ela surpreendeu o mundo ao reconhecer que os EUA estão ficando para trás e que é impossível competir com o socialismo chinês. Uma de suas principais preocupações diz respeito à cadeia de abastecimento que está diretamente ligada à produção industrial. A pandemia escancarou a dependência mundial das cadeias produtivas chinesas, o que fez os norte-americanos se sentirem vulneráveis.

Hillary Clinton chegou a dizer que os EUA precisam retomar os “meios de produção”, que a China é um empecilho para o mercado porque ela “não é uma economia de mercado”. A economia chinesa, acrescentou, é “controlada de cima pra baixo” e uma competição entre os dois países estaria, portanto, fadada ao fracasso sem a “retomada dos meios de produção”.

Não sei como pretendem fazer isso. É improvável que as cadeias produtivas migrem da China para os EUA de uma hora para outra. Companhias até podem deixar de operar em território chinês, mas definitivamente não é conveniente a ideia de uma mudança radical no cenário atual num curto espaço de tempo. Seria uma operação custosa e economicamente desvantajosa. Uma guerra convencional, por outro lado, é inviável pelo risco da destruição mútua.

Com o processo de abertura iniciado por Deng Xiaoping no final dos anos 1970, a China começou a atrair indústrias que estavam à procura de mão de obra barata e incentivos estatais. Muitas delas norte-americanas. O governo chinês não permitiu que o processo acontecesse ao deus-dará do mercado. Tudo aconteceu de acordo com um rigoroso planejamento estatal. As empresas que se instalassem na China ficavam obrigadas a transferir tecnologia e ceder participação nos negócios ao Estado.

Já faz tempo que a China deixou de produzir apenas mercadorias industrializadas mais simples ou vender commodities. Hoje ela está na fronteira tecnológica em várias áreas e domina

grande parte das cadeias produtivas do planeta. Esse salto é uma ameaça à hegemonia dos EUA e do próprio Ocidente. A economia chinesa cresce a um ritmo superior ao do resto mundo, décadas a fio. Não vemos crises econômicas afetarem o país. A China passou intacta por 2008.

A estabilidade política também é uma vantagem chinesa. O governo é capaz de planejar políticas de desenvolvimento para o longo prazo, sem percalços. Os EUA tiveram problemas recentes com Trump; não é exagero afirmar que o ex-presidente norte-americano ajudou a acelerar o declínio dos EUA.

A expectativa é que a China tome dos EUA, até 2030, o primeiro lugar na lista de PIB nominal. No critério de paridade de poder comprar, os chineses já estão em primeiro lugar. A China erradicou a pobreza extrema no ano passado. Em números, isso significou que cerca de 700 a 800 milhões de pessoas ascenderam socialmente. Outro detalhe interessante: a classe média chinesa é de aproximadamente 400 milhões de pessoas, um contingente superior à população dos EUA.

O governo chinês espera dobrar a classe média até 2035, criando um extraordinário mercado interno que nenhum outro país será capaz de fazer frente. A expectativa ainda é que a renda da população tenha um aumento substancial. Em contrapartida, a classe média dos EUA vem diminuindo e as condições dos trabalhadores se deteriorando. Aproximadamente 50 milhões de norte-americanos sofrem com insegurança alimentar na pandemia.

Acho que isso, em grande medida, explica o pedido do presidente Joe Biden para que os trabalhadores se sindicalizem. O plano trilionário que ele apresentou é uma tentativa de impedir que os EUA sejam superados pela China. Biden pretende criar o seu New Deal, apostando numa fórmula de sucesso que levou o país à vanguarda industrial e à hegemonia global, o que implicará no abandono do neoliberalismo e na regulação do sistema financeiro. Vejamos, no entanto, como a elite financeira reagirá e se isso será suficiente para superar o dragão asiático.

Estética e Existência

Klebber Maux Dias
klebmaux@gmail.com | colaborador

Pertencer-se e suportar-se

A experiência de vida e a patologia do ódio nos dias atuais determinam as incertezas entre “ser e não ser”. Isso impõem – entre os indivíduos e seu tempo – a construção de falhas existenciais, e novas doenças surgem a partir da destruição dos afetos. Nesse contexto, o indivíduo caracteriza-se por fragmentos ao se tornar o “ser” que busca a própria busca, apesar de sempre se encontrar num infinito labirinto interior... e sem saída. E diante das crises existenciais e do conflito entre “ser e não ser”, esse indivíduo fragmentado perde o sentido à vida por não priorizar a própria dignidade, porque pertencer-se é suportar-se, e o medo ou o não saber estar em si é a tensão que gera o próprio “ser e não ser”. Ao procurar o próprio caminho, isto é, a busca pela busca, sabe-se que a construção das próprias verdades é uma subjetivação e por mais evidentes que elas se apresentem, elas não sustentam nenhuma objetividade diante do outro. Apesar disso, o “ser e não ser” arrisca-se no seu labirinto interior em busca de algo inacessível – a incerteza do escapismo. Uma das tensões desse risco é a possibilidade de fracassar diante da sociedade do ódio, porque os espaços da política, da economia, da religiosidade, das pesquisas científicas e outros, estão cada vez mais tensos e patologizados.

A tragédia que se instalou em grande parte da atual sociedade lançou indivíduos numa crueldade melancólica, e entrar no labirinto dessas angústias faz-se necessário relembrar algumas cenas da mitologia grega, que pode ser encontrada no diálogo do filósofo grego Sócrates (470 a.C.-399 a.C.) em relação em honrar ou desonrar as próprias virtudes, que está apresentado no capítulo X, de 614b a 621b, do livro *A República*, do filósofo grego Platão (428/427-348/347 a.C.), nesse caso, exemplificado no mito de Er, que trata de um relato de um indivíduo que retornou do reino de Hades. No mito de Er, o essencial é que fossem quais fossem as injustiças cometidas e as pessoas prejudicadas, as almas injustas pagavam a pena de quanto houvessem feito em vida, a fim de purificarem a “alma”. Essa narrativa afirma que entre o mundo dos vivos e dos mortos existem águas profundas e todos os que fossem atravessá-las precisavam nadar até atingir a margem oposta. Enquanto nadavam as pessoas bebiam dessas águas e – ao chegarem à outra margem



Foto: Divulgação

“Processo de buscar o escapismo é o esforço de restaurar a paz interior e de reconstruir os próprios afetos”

– não se lembravam de mais nada. Essas águas são do Rio Lethe, que separa os vivos dos mortos – é o rio do esquecimento. Ao beber dessa água e atravessá-lo, a pessoa esquecia do que havia visto e vivido, dos amigos que fizera na Terra, dos costumes, dos familiares, do passado e sua consciência desaparecia. E também esquecia o reino de Hades – conhecido por ser o deus grego do submundo, que é o reino dos mortos. Hades era temido por possuir uma personalidade impiedosa, repugnante, insensível, monstruoso e poucos tinham coragem de pronunciar seu nome. Esse mito de Er e outros de Platão são escatológicos, eles tratam do fim do mundo e estão apresentados nos livros do Górgias, do Fédon, do Fedro. Ao lê-los, percebe-se que Platão disserta temas relacionados a salvação da condição humana neste e no outro mundo. Por exemplo, a conquista da felicidade – a partir do sentido da vida humana – é digna às exigências intelectuais que cada um faz num ou noutro momento de sua vida – enquanto “ser” pensante que se projeta numa busca. Diante disso, percebe-se que o tempo da vida humana é pequeno para muitas conquistas... e que o “ser” sempre se projeta em algo mais além dos próprios limites e do fim da própria existência. Geralmente – muitos indivíduos – forçam o mundo a adaptar-se à própria razão, isso é um engessamento ao bem comum, isso lança o mundo aos interesses humanos que se tornarão obstáculos.

A mitologia grega e os mitos de Platão nos ensinam algo e revelam aqueles que fingem ser o que não são. Esses ensinamentos dão esperanças aos que são e ainda não sabem o que são, ensinando-lhes a realidade do que são dentro das prisões dos próprios labirintos internos. O processo de buscar o escapismo é o esforço de restaurar a paz interior e de reconstruir os próprios afetos. Esse desafio pode ser construído na condição de pertencer-se e suportar-se, a fim de superar o individualismo e de ser fragmentos de felicidade, porque a falsidade acompanha a existência e o pertencimento é a capacidade de conhecer-se a fim de valorizar-se na dignidade da conquista de uma honra. No Mito de Er, os castigos e recompensas são de acordo com a conduta moral e a honra do indivíduo. Nessa complexidade, o “ser” deve participar da honra, e não a honra ao “ser”. Nos dias atuais, diante das tragédias e da patologia do ódio, existir em honra é pertencer-se e suportar-se.

■ Sinta-se convidado a audição do 318º Domingo Sinfônico, deste dia 16, das 22h às 0h. Em João Pessoa/PB sintoniza FM 105,5 ou acesse através do aplicativo radiotabajara.pb.gov.br. Vamos conhecer peças do inglês Edward William Elgar (1857-1934). As suas peças apresentam temas do simbolismo e realismo, que surgiram a partir do romantismo tardio. O pensamento musical de Elgar priorizou o otimismo. Ele assumiu um estilo de vida a partir da espiritualidade cristã, a fim de construir uma unidade na diversidade humana. Também priorizou seu amor pela sua família e preservou e ajudou seus amigos ao longo de toda vida. Ele sempre manteve sua música como uma arte simples e que deveria permanecer sem descrição programática. Elgar era solitário e introspectivo, mas prosperou nos círculos musicais devido sua facilidade de fazer amigos que durou ao longo de sua vida. Ele sempre preservou suas origens humildes. Nos últimos anos de vida, a rádio britânica BBC organizou um festival de suas obras para comemorar seu septuagésimo quinto aniversário em 1932. Naquele período, ele visitou vários países para reger suas peças e visitou e ajudou seus amigos.

Kubitschek Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

O ninho de Fabiano

A alegria não nasce pronta. A bondade não nasce pronta. Alguns homens de boa vontade, sim. Assim era Fabiano Vilar, que faleceu a semana passada, de covid, na porta dos 90 anos. Era um homem bom. Trabalhei com ele. Um homem que aprendeu a ensinar a amar o próximo como quem ama Jesus. Fundador da Associação Promocional do Ancião (Aspan), em 10 de março de 1983, no Bairro do Cristo.

Há um tempo, tanto e tão longo, plantamos nossa amizade. Algumas amizades crescem, outras precisam de poda. Muitas precisam de sol. Às vezes, morrem à mingua.

Há tempo não nos encontrávamos. Quem me levou até Fabiano Vilar foi Dona Enaura Madruga, quando era presidente da Aemp. Faz tempo.

Naquela primavera, no verão, no inverso, íamos muitas vezes na Aspan, o abrigo de idosos, que Fabiano idealizou, no bairro do Cristo Redentor. Lá vi muitas caras, de gente que nunca se cansava de viver. Cada um no seu quartinho. Não diria bolha. Levávamos alimentos e fraldas descartáveis. Muitas vezes.

Ali Fabiano fez seu ninho e trouxe para junto vários idosos. Era essa a lembrança que ele gostaria de ter, quando partisse desse mundo, uma lembrança que em vida, fez o bem para quem mais precisava.

É triste ver um idoso num abrigo, num asilo, em qualquer lugar fora de sua família.

Idosos e seus dias de ventania, aparecem bem quando são pais e avós fortalecidos, depois quando envelhecem, por algum motivo são colocados em abrigos. Não tenho nada contra, mas o que foi feito do tempo?

O ninho de Fabiano era limpinho, tinha muitas pessoas que ajudavam, que trabalhavam lá voluntariamente, como uma coleção, a mais linda que se pode ver numa discoteca. Eu sempre acho que é bom persistir. A música há de salvar o mundo.

Dia desses, vi idosos sendo conduzidos por cuidadores em cadeiras de roda, na calçada da praia, e aquilo me lembrou a maneira de se amar as pessoas, até o último suspiro.

Desci da bicicleta e fiquei querendo fotografar, mas voltei para casa sem imagens, estendi os braços e fotografei cegamente o céu e, então, pude ver o aconchego das nuvens, o exemplo que ainda poderá surgir. Quem sabe...

Naquela grande avenida (uma ladeira), do Bairro Cristo Redentor (onde está o abrigo Aspan), não terá a lembrança de Fabiano Vilar. Ele era vaidoso, como todo mundo, mas não acredito que gostaria de ser lembrado aleatoriamente.

Outros homens idosos andam por aí. Idosos jogam “porrinha” ou dominó em alguma calçada. Aluns, couro e osso ou barrigudos; outros de terno surrados, com gravatas coloridas e tantos com a camisa do seu time preferido. São lindos.

Eu sei me virar, já sou um homem velho. Por isso olho para vida, as flores do jardim, escuto música todos os dias, como também não olho para o chão ou olho sempre, para evitar cair ou ter vertigens.

Evito confirmar o que mapas aproximados me dizem: qualquer volta em volta de casa me vejo emaranhado num trópic. O de Capricórnio, de preferência do Henry Miller. E por via das dúvidas, via dos acenos, desconfio do que vejo, geralmente, quando a esmola é grande.

Não acredito no que eu poderia ser além de mim. Jamais conseguiria ser um Fabiano Vilar.

Kapetadas

- 1 - As pessoas sem noção que falavam baixo e enrolado agora falam baixo e enrolado de máscara;
- 2 - Aproveitando o ensejo gente o que é esse ensejo do qual as pessoas se aproveitam;
- 3 - Som na caixa – “O homem velho deixa a vida e morte para trás”, Caetano Veloso.



Fotos: Divulgação

Registros de anciões pela fotógrafa portuguesa Sandra Ventura

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

Cinema e público sempre foram coerentes, daí o episódio no Rex

Quando resolvemos realizar *Poltrona Rasgada*, pessoalmente tive uma preocupação em adotar uma estrutura narrativa que fosse linear. Mesmo porque eu e o parceiro Manoel Jaime trataríamos de um fato realmente acontecido; não uma simples ficção. Íamos rever um acontecido hoje considerado de menor gravidade, ao contrário daquela época, mas que fosse compreensível sobre o ocorrido no seu tempo. Daí, as muitas reuniões para chegarmos ao consenso...

Sempre no trabalho que realizo, invariavelmente, tenho a atenção toda voltada para a continuidade. Realmente, *Poltrona...* não seria uma realização deveras fácil, ao contrário de outras que realizei, cujos roteiros já tinham a continuidade formalmente pré-estabelecida. Neste caso, seria uma narrativa “caleidoscópica”, porém fragmentada. E isso poderia dificultar uma leitura mais linear do espectador. Mas, esse óbice nos encorajou ainda mais...

Optamos por sequências destacadas da repercussão social do acontecido na noite anterior, no Cine Rex. Buscamos na própria cidade e na comunidade de então, o “impacto” causado que nos faltava daquele fato. Uma construção que, embora segmentada, como disse, nos garantisse aquele nexos cinematográfico e narrativo de que precisávamos. Sequência singular é a dos frequentadores do caldo de cana Querubim Bar (na época, assim se chamava), no centro de João Pessoa, de uma conversa do projetorista do Rex (Rubens Moreira) com o seu amigo (Zé Nilton), um compulsivo jogador de bicho, tomando conhecimento do fato através do jornal **A União**.

Como é do nosso costume, desde que nos irmanamos para reverenciar a nossa



Foto: Divulgação

Em ‘Poltrona Rasgada’, sequência une, no caldo-de-cana, Zé Nilton (E) e seu amigo projetorista Rubens (D)

capital, suas memórias, vultos, fatos, cenografias, uma ampla conversa aconteceu entre mim, Jaime, Alexandre e Moacir Barbosa da produção. Foram inúmeras reuniões para decidirmos as linhas e formas a tomar na realização do *Poltrona Rasgada* – www.youtube.com/watch?v=hdensfYwSwg.

O consenso veio em razão da própria sociedade de então, seus costumes, vivências e ambientes – os encontros no centro da cidade, onde indivíduos comuns discutiam amenidades baseadas em zum-zum coletivo; hábitos das pessoas no âmbito doméstico ou fora de casa, atentas às notícias dadas pelo rádio; suas crenças nas informações da imprensa escrita e falada; optamos, enfim, até pelo enfoque à religiosidade das pessoas e suas confissões.

Mas faltava ainda algo muito especial ao próprio tema a ser abordado. O trabalho carecia daquela ode tão especial ao próprio cinema, já que fora ele a “vítima” do tão rumo-

roso acontecimento no final dos anos 1950. Elegemos, então, alguns instantes lúdicos da *movie art*, a exemplo de quando um garoto, segurando um balão vermelho (alusão ao filme de Albert Lamorisse), volta da escola para casa e caminha por lugares esquecidos da cidade, depois é visto brincando com o irmão de cinema dentro do quarto, com fotogramas do filme *Os Incompreendidos*, de François Truffaut, cujas imagens são projetadas na parede, transportando-nos ao interior do Cine Rex, que exhibe o mesmo filme.

Mas, a sequência que nos transporta verdadeiramente aos bons tempos do cinema é a do “lanterninha”. Aquele que, ao término de cada sessão, busca entre as poltronas os pertences deixados por engano. E é numa dessas suas ordinárias curiosidades que descobre o malfeito do ignorado *habitué*, alvoroçando toda cidade no dia seguinte. – Mais “coisas de cinema”, acesse: www.alessantos.com.br.



APC participa de ‘live’ sobre cinema

Representando a Academia Paraibana de Cinema (APC), a presidente e atriz Zezita Matos e o vice-presidente e professor João de Lima participaram de uma mesa redonda virtual no final da semana, no Sebrae, com participação do site fincc.com.br, sob o comando do ator e realizador Odécio Antonio.

O tema do encontro, segundo nota anteriormente publicada, foi sobre “A cadeia produtiva do Cinema, de Aruanda aos tempos atuais, na Paraíba”, ocasião em que, segundo o professor João de Lima, entre os assuntos abordados, divulgou-se a obra *Américo – Falcão Peregrino*, do também acadêmico e diretor Alex Santos.

Em cartaz

ESTREIAS

DEMON SLAYER MUGEN TRAIN - O FILME (Japão. Dir: Haruo Sotozaki. Ação, Fantasia e Animação. 14 anos). É o período Taisho no Japão. Tanjiro, um garoto de bom coração que vende carvão para sobreviver, encontra sua família massacrada por um demônio. Para piorar a situação, sua irmã mais nova, Nezuko, a única sobrevivente, foi transformada em um demônio. CINEPÓLIS MANAÍRA 2 (leg.): 14h - 16h45 - 19h30; CINEPÓLIS MANGABEIRA 5 (leg.): 16h45 - 19h30; CINE SERCLA TAMBIA 1 (leg.): 16h25; CINE SERCLA PARTAGE 4 (leg.): 17h30.

MUNDO EM CAOS (Chaos Walking. EUA. Dir: Doug Liman. Ação, Ficção Científica e Aventura. 14 anos). Em um futuro não muito distante, em um mundo onde as mulheres desapareceram e os homens foram afetados pelo “ruído” — uma força que deixa seus pensamentos audíveis — Todd Hewitt (Tom Holland) encontra Viola (Daisy Ridley), uma jovem misteriosa que aterrissou em seu planeta. Com Viola correndo perigo, Todd jura protegê-la e colocá-la fora de perigo. Para salvá-la, Todd terá que controlar seu “ruído”, descobrir sua própria força e desvendar todos os segredos sombrios que seu planeta e sua comunidade guardam. CINEPÓLIS MANAÍRA 8: 18h15 (dub.) - 21h (leg.); CINEPÓLIS MANGABEIRA 2 (dub.): 17h30 - 20h15; CINE SERCLA TAMBIA 3 (dub.): 15h05 - 17h10 - 19h15 (13/5 a 15/5); 15h05 - 17h10 (16/5); 15h05 - 17h10 - 19h15 (17/5 a 19/5); CINE SERCLA PARTAGE 5 (dub.): 15h35 - 17h40 - 19h45.

PRÉ-ESTREIA

EM GUERRA COM O VOVÓ (The War with Grandpa. EUA. Dir: Tim Hill. Comédia. 10 anos). Peter (Oakes Fegley) e seu avô Ed (Robert De Niro) costumavam ter uma boa relação, mas quando o avô se muda para a casa da família, Peter é forçado a deixar seu quarto e a dormir no sótão. Determinado em conseguir seu espaço de volta, o garoto planeja uma série

de armadilhas para expulsar o avô. CINEPÓLIS MANAÍRA 8 (dub.): 15h45; CINE SERCLA TAMBIA 2 (dub.): 14h30 - 18h40 (13/5 a 15/5); 14h30 (16/5); 14h30 - 18h40 (17/5 a 19/5); CINE SERCLA PARTAGE 4 (dub.): 15h40 - 19h45.

CONTINUAÇÃO

BELA VINGANÇA (Promising Young Woman. EUA. Dir: Emerald Fennell. Comédia e Suspense. 16 anos). Cassie (Carey Mulligan) é uma mulher com muitos traumas do passado que frequenta bares todas as noites e finge estar bêbada. Quando homens mal-intencionados se aproximam dela, Cassie entra em ação e se vinga dos predadores que tiveram o azar de conhecê-la. Vencedor do Oscar 2021 de Melhor Roteiro Original. CINEPÓLIS MANAÍRA 8 (leg.): 17h45 - 20h30.

GODZILLA VS. KONG (EUA. Dir: Adam Wingard. Ação, Fantasia e Aventura. 12 anos). Kong e seus protetores embarcam em uma jornada perigosa para encontrar seu verdadeiro lar. Jia, uma garota órfã que tem um vínculo único e poderoso com a poderosa besta, acompanha a aventura. No entanto, eles logo se encontram no caminho de Godzilla, completamente enfurecido, deixando um rastro de destruição em todo o mundo. O confronto inicial entre os dois titãs, instigado por forças misteriosas, é apenas o começo do enigma que reside nas profundezas do planeta. CINEPÓLIS MANAÍRA 4 (dub.): 16h15; CINEPÓLIS MANAÍRA 9 (MacroXE): 15h15 - 18h (dub.) - 20h45 (leg.); CINEPÓLIS MANAÍRA 10 (leg.): 14h30 - 17h - 19h45; CINEPÓLIS MANGABEIRA 1 (dub.): 15h30 - 18h15 - 21h; CINEPÓLIS MANGABEIRA 5 (dub.): 14h; CINE SERCLA TAMBIA 5 (dub.): 15h10 - 17h20 - 19h30 (13/5 a 15/5); 15h10 - 17h20 (16/5); 15h10 - 17h20 - 19h30 (17/5 a 19/5); CINE SERCLA PARTAGE 2 (dub.): 15h40 - 17h50 - 20h.

NOMADLAND (EUA. Dir: Chloé Zhao. Drama. 12 anos). Após o colapso econômico de uma cidade na zona rural de Nevada, nos Estados Unidos, Fern (Frances McDormand), uma

mulher de 60 anos, entra em sua van e parte para a estrada, vivendo uma vida fora da sociedade convencional como uma nômade moderna. Vencedor do Oscar 2021 de Melhor Filme, Direção e Atriz. CINEPÓLIS MANAÍRA 11 (leg.): 15h.

O AUTO DA BOA MENTIRA (Brasil. Dir: José Eduardo Belmonte. Comédia. 12 anos). Baseado nas aulas-espetáculos do paraibano Ariano Suassuna, o filme apresenta quatro contos: conhecemos um subgerente de RH (Leandro Hassum) que é confundido com um comediante, um jovem que não acredita em nada, mas fica intrigado quando ouve um mistério circense envolvendo sua mãe, um gringo que inventa que foi assaltado para se livrar de ir a uma festa e o preconceito com quem nunca foi à Disney. CINEPÓLIS MANAÍRA 4: 13h45 (somente sáb. e dom.); CINEPÓLIS MANGABEIRA 2: 15h.

ROGAI POR NÓS (The Unholy. EUA. Dir: Evan Spiliotopoulos. Suspense, Terror. 14 anos). Alice é uma jovem com deficiência auditiva que, após uma suposta aparição da Virgem Maria, fica inexplicavelmente capaz de ouvir, falar e curar os doentes. À medida que a notícia se espalha e pessoas de perto e de longe reúnem-se para testemunhar os seus milagres, um jornalista desacreditado (Jeffrey Dean Morgan), que tenta fazer ressurgir a sua carreira, visita a pequena cidade de Nova Inglaterra para investigar o caso. CINEPÓLIS MANAÍRA 4: 19h (dub.) - 21h20 (leg.); CINEPÓLIS MANGABEIRA 3 (dub.): 16h30 - 18h45 - 21h15; CINE SERCLA TAMBIA 4 (dub.): 15h - 17h - 19h (13/5 a 15/5); 15h - 17h (16/5); 15h - 17h - 19h (17/5 a 19/5); CINE SERCLA PARTAGE 1 (dub.): 15h30 - 17h30 - 19h30.

TOM E JERRY (EUA. Dir: Tim Story. Animação, Comédia e Aventura. Livre). Adaptação do clássico desenho animado da Hanna-Barbera, retornando às origens da história e mostrando como Tom e Jerry se conheceram. Misturando animação e realidade, o elenco traz com Chloë Grace Moretz e Michael Peña. CINEPÓLIS MANAÍRA 8 (dub.): 13h15 (somente sáb. e dom.); CINEPÓLIS MANGABEIRA 3 (dub.): 14h15.

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho
hildebertopoesia@gmail.com

Carta

Prezado HBF:

Tomei conhecimento de uma crônica sua, intitulada *Que absurdo!*, através de uma gravação feita pelo radialista Gilson Souto Maior, lançada nas redes sociais. Fiquei impactado de maneira ambivalente, uma vez que tocado, a princípio, pelo ritmo cadenciado, empostado e severo da voz potente do leitor, e, de outra parte, ferido pelo conteúdo verminoso e viperino do texto.

Mas, de qualquer maneira, não fiquei surpreso. Conheço você, desde menino, por dentro e por fora, e sei das escaramuças de que é capaz para aparecer e pontificar nos meios ditos intelectuais da cidade.

Claro que me vi retratado na sutileza irônica e sarcástica de sua pena provinciana. Também, como você, habito esse reino fantasmático e grotesco a que chamamos de vida literária e, como qualquer um que se considere legítimo cidadão da república das letras, me vi ali, junto de todos, desamparado pelo destino da ilusão literária e indefeso perante os chicotes de fogo do ridículo.

Imagino que fulano, beltrano e sicrano sejam este ou aquele, e certamente estão conjecturando: “Isso só pode se referir a Lousânio Verdésio, escritor menor, ressentido e invejoso, espécie de Salière na vida “gloriosa” de HBF.

Só que as coisas não são bem assim, meu caro. Você, por exemplo, também navega o mesmo barco, em meio ao clímax do dilúvio, fazendo um esforço enorme para se salvar. Esforço, digo logo, em vão, porque dessa sina dantesca ninguém escapa. A chaga literária não tem cura, não existe remédio alopatrico nem homeopático que lhe atenuie o estado febril, delirante e alucinatório.

Você adora criticar os outros, esmiuçar seus defeitos e suas inaptidões, analisar suas fragilidades e consequências. Os poetas menores, sobremaneira, constituem o alimento preferido de sua fome insaciável diante da tolice e da mediocridade. Você esquece, porém, que não é diferente de ninguém nesse estranho ambiente nutrido por vaidade, ambição, narcisismo, inveja e covardia.

Você, semelhante a todos nós, seu alvo dileto, é talhado na mesma forja cretina e modelar; é também um fantasma, uma caricatura de si mesmo, uma criatura que não existe, a não ser nas mirabolantes escarpas de sua imaginação ficcional.

Na verdade, somos todos produtos de um pacto bizarro, de uma fantasia quase patológica, personagens tragicômicos de uma narrativa fantástica. O vírus da vaidade, se não mata como o da covid-19, corrói por dentro, cegando o coração da vítima para o que seja respeito, gentileza e humildade.

Não me irritei com suas palavras como tantos que andaram falando por aí. Numa coisa, temos algo em comum, apesar dos pesares. Somos leitores de Voltaire, Bernard Shaw, Giovanni Papini e H. L. Mencken. Portanto, aprendemos a capacidade de cultivar o sarcasmo para com todos e para conosco, sem piedade nem complacência. O escárnio nos atrai como imã eficaz e efetivo para desnudar a pequenez e a vileza de outrem. Sabemos rir dos outros e de nós mesmos. Isso já deve ser um pouquinho de sabedoria!

Lembre-se de que estudamos juntos lá na Comarca, dividindo a mesma carteira no Grupo Escolar Major José Barbosa, já tomados pela acidez de sentimentos um para com o outro. Passamos a vida inteira nos suportando, porque a crueldade do destino nos uniu, infelizmente, de maneira indissolúvel. No entanto nenhum de nós está feliz com isto. Certeza eu só tenho de uma coisa: eu sou a verdade, doa em quem doer. Você, não. Você é puro fingimento.

A despeito de não compactuar com 99% de suas ideias sobre arte, literatura e política, principalmente política, dei boas gargalhadas ouvindo e degustando o compasso da voz vibrante de Gilson Souto Maior. Até porque, meu caro HBF, só os tolos, os ingênuos, os ignaros e os idiotas o podem levar a sério.

Sem mais, Lousânio Verdésio, que nunca o admirou. Você não merece!

Serviço

• Funesec [3211-6280] • Mag Shopping [3246-9200] • Shopping Tambiá [3214-4000] • Shopping Partage (83)3344.5000 • Shopping Sul [3235-5585] • Shopping Manaira (Box) [3246-3188] • Sesc - Campina Grande [3337-1942] • Sesc - João Pessoa [3208-3158] • Teatro Lima Penante [3221-5835] • Teatro Elnaldo do Egypto [3247-1449] • Teatro Severino Cabral [3341-6538] • Bar dos Artistas [3241-4148] Galeria Archidy Picado [3211-6224] • Casa do Cantador [3337-4646]

Colunista colaborador

Dia de Combate à LGBTfobia tem intervenção poética em JP

Aartistas irão se mobilizar, nesta segunda-feira, para realizar um cortejo da performance artística ‘Ensaio Sobre a Solidão’

Joel Cavalcanti
cavalcanti.joel@gmail.com

Se você é uma das milhares de pessoas que diariamente cruza a Avenida Epitácio Pessoa, na capital paraibana, em direção de seus deveres profissionais ou rotinas cotidianas, é possível que se depare com uma cena inusitada amanhã, entre às 5h e às 13h: um cortejo de 15 pessoas em performance artística vestidas como noivas enlutadas. O ato compõe uma das fases de um projeto mais amplo chamado *Ensaio Sobre a Solidão*. “É uma ação de longa duração. Como é um cortejo que atravessa a cidade, a dinâmica dela vai também de alguma forma intervir na dinâmica do tempo de duração da intervenção”, revela Stênio Soares, idealizador do projeto.

O cortejo denominado de “Encruzilhada poética” aproveita-se de várias datas importantes e de bastante significado para os integrantes do projeto, como o dia 13 de maio, considerado pelo movimento negro como um marco de resistência e luta antirracista, e amanhã, Dia Mundial de Combate à LGBTfobia. Além disso, maio é considerado popularmente como “Mês das Noivas”, e lembra os dez anos desde que o Supremo Tribunal Federal reconheceu a união estável homoafetiva, em 5 de maio de 2011.

A ação é o resultado de uma pesquisa do artista paraibano e professor da UFBA. Antes de João Pessoa, Stênio Soares já tinha levado seu projeto para as ruas de Salvador. A iniciativa tinha sido consolidada em duas residências artísticas, realizadas em 2019, na Universidad Nacional Autónoma de México, na Cidade do México, e na Ming Contemporary Art Museum e na Shanghai Theatre Academy, ambos na China.

Ensaio Sobre a Solidão é um dos braços de um projeto maior chamado ‘Metra-

lhadora Cheia de Mágoas’, que Stênio desenvolveu no país asiático, e que precisou adaptar quando retornou ao país em meio a uma pandemia. E as mágoas a que ele se refere eram devido às reivindicações de algumas pessoas pela intervenção militar no Brasil, por volta de 2018. “Eu precisava dar uma resposta porque era uma mágoa que me afetava muito. A ideia era dar uma resposta a essa intervenção e que não fosse militar: que fosse artística, urbana e pública”, revela.

Dentro do ‘Metralhadora Cheia de Mágoas’, o artista sentiu a necessidade de desenvolver um trabalho para lidar com um sentimento específico que se tornou premente durante o isolamento social: a solidão. Esse trabalho tem como perspectiva reunir preferencialmente pessoas negras, LGBTQIA+, ou que não se conformem com o discurso da cis heteronormatividade, para se reunir com integrantes artistas ou não artistas dessas comunidades de forma virtual a fim de fazer uma reflexão sobre a solidão, que o pesquisador denominou de ‘imersão online’.

“Esta já é uma ação artística em que nós estaremos abordando esses atravessamentos poéticos. A ideia era congrega esses sujeitos para que, em torno de um problema ou questão específica, a gente pudesse transformar isso em poesia”, explica Stênio. São os integrantes dessas discussões que duraram cerca de um mês em plataformas digitais que participam amanhã do cortejo que sai do Centro até a orla de João Pessoa. Além dessa intervenção, outra performance diferente chamada de ‘site specific work’ já foi realizada no espaço público na última quinta-feira, com um perfil distinto, no Porto do Capim, Centro Histórico da capital.

Essas duas intervenções serão registradas em vídeo e



Fotos: Denilson Mota/Divulgação

Por ser o “Mês das Noivas”, iniciativa lembra os dez anos desde que o STF reconheceu a união estável homoafetiva no Brasil



fotografias e desembocam no terceiro e último aspecto do projeto, no qual as linguagens das tecnologias audiovisuais são utilizadas para a criação de vídeo e foto-performance. Os 15 artistas e não artistas que fazem parte da “Encruzilhada poética” se juntam a cerca de outros 20 profissionais que estarão

documentando e registrando as intervenções urbanas. “Se eu fosse resumir o que é o trabalho enquanto linguagem, ele está no campo da performance. Mas como ela, de alguma forma, dialoga com outras tecnologias, a performance acaba tendo seu campo expandido”, revela Stênio Soares.

Este é um projeto pessoal do paraibano, que não possui financiamento privado ou público, ou vínculo institucional. Mas será que ele acredita que mesmo as pessoas estando imersas em suas rotinas de urgências e cansaços, o público vai captar a poesia que o pesquisador quer transmitir? “Não sei (ri-

so). Uma coisa é o campo da expressão, outra é o campo da recepção. Eu posso até especular que tipo de recepção que eventualmente possa ter, mas eu nunca vou ter certeza porque o lugar da percepção é o outro”, pondera Stênio Soares, que revela que em Salvador, as reações foram as mais diversas possíveis.

Essas coisas

Carlos Aranha
c.aranha@yahoo.com | Colaborador

Glauber e ‘Jerônimo, o herói do Sertão’

Fui fazer a vida no Rio de Janeiro, pela primeira vez, em 1966. Tinha 20 anos e sonhava em fazer do cinema a profissão. Na bagagem, alguns roteiros e um copião, tendo o projeto de um documentário sobre Elis Regina.

Passei a primeira semana num sótão de uma loja de antiguidades de tio Antônio, no Aterro do Flamengo, e depois fui pro “apartamento nordestino” no Bairro do Peixoto (enclave de Copacabana), numa rua paralela à do Teatro Opinião.

A cabeça fervilhava o tempo todo, enquanto adaptava a saída da adolescência à entrada de um jeito totalmente novo de ser.

Talvez por fina ironia, o primeiro cinema em que entrei no Rio exibia *A grande cidade*, de Cacá Diegues. Na tela, brilhava o rosto de Anecy Rocha, que conhecera na Paraíba durante as filmagens de *Menino de engenho*, dirigido por seu marido, Walter Lima Jr., e produzido pelo irmão, Glauber Rocha.

Quando saí do cinema, olhei pros pompos na Cinelândia e senti uma compulsão a procurar o endereço anotado e guardado na carteira: o da Visconde de Pirajá, em Ipanema. Era o do apartamento onde moravam Walter, Anecy e Glauber. Eu estava pra sair do Bairro do Peixoto.

Venci a timidez, fui lá, respirei fundo e apertei a campainha. Walter não estava. Anecy me recebeu, calorosamente. Quando contei tudo, ela disse: “Você fica aqui. Com Walter não tem problema. Se houver, vai ser com Glauber. Ele chegou de Paris, foi a Salvador e volta na próxima semana. Mas eu dou um jeito”.

Peguei as duas malas que usava, lá no Bairro do Peixoto. O apartamento de Glauber, Walter e Anecy ficava no nº 22 da Visconde de Pirajá (o mesmo prédio do Teatro Santa Rosa – este, no subsolo).

Consegui emprego no Banco Nacional da Habitação e frequentava a Cinemateca do MAM (Museu de Arte Moderna), onde me tornei amigo de seu conservador, Cosme



Imagem: Divulgação

Alves Neto, por quem fui recebido depois de indicação do saudoso Pedro Santos. Cosme e Pedro eram contrários, do Amazonas.



Meu coração se acelerava com a hipótese de rejeição por Glauber. Informações que tinha dele incluíam a de uma pessoa de difícil convivência.

Uma noite estava sozinho, no apartamento, e ele entrou. Embora não fosse alto, sua aparência eisesteiniana (foi minha primeira impressão) me fez assumir a condição de que eu fosse meio metro mais baixo do que ele. Gaguejei: “Glauber... eu sou Carlos Aranha...”. Ele cortou logo, com o incisivo “tô

sabendo”. Entrou no quarto que usava, trançou-se e só deu as caras no outro dia, quando me perguntou: “Você pode descer e pegar na banca uma revista pra mim?”.

Glauber era fã de *Jerônimo, o herói do Sertão*.



Foto: Divulgação

Um governo não pode falar em nome de todos. Ele não é o país.

Tenho lido um bom material sobre questões políticas, localizadas ou não, produzido por gente da comunidade acadêmica dos Estados Unidos. Alguns textos são de liberais, outros, resquícios da New Left (a geração da chamada “Nova Esquerda”), e alguns socialistas.

Recebi um texto assinado por Alan Pertman (*foto*), PhD em linguística da Universidade de Chicago. Pertman refere-se ao uso dos políticos, em pronunciamentos públicos, do pronome “we” (nós), apontando esse recurso como manipulação para que o povo identifique o governo como sendo o país.

Na verdade, não é somente nos Estados Unidos. Em qualquer parte do planeta, o governo não deve ser considerado como a nação. Um governo não pode falar em nome de todos. Os dias e noites de “l’État c’est moi” se distaciaram em definitivo de nós. Preservam-se apenas como história.



Foto: Agência Estado



Mulheres dominam a Justiça em Mamanguape

Cinco magistradas garantem a presença do Poder Judiciário em uma das comarcas mais antigas da Paraíba

Da Redação

O Fórum recebe o nome de um dos filhos mais ilustres do lugar: Fórum Desembargador Miguel Levino de Oliveira Ramos. O município de Mamanguape, localizado no Litoral Norte paraibano, tem pouco mais de 45 mil habitantes e está distante a 52 quilômetros da capital, João Pessoa. A Comarca de Mamanguape, do Tribunal de Justiça da Paraíba (TJPB), está entre as mais antigas do estado, ainda da época do Brasil Império.

Atualmente, a Justiça de Mamanguape está sob o comando de cinco mulheres, um quinteto de magistradas que, segundo avaliação da cúpula do Poder Judiciário da Paraíba, “mostram dedicação para garantir a Justiça em dia”. Atuam na Comarca as juízas Juliana Duarte, Kalina de Oliveira, Candice Queiroga, Brunna Melgaço e Elza Bezerra.

O desembargador e escritor Marcos Cavalcanti de Albuquerque, nascido em Mamanguape, lembra: “Quem emancipou a cidade foi o proprietário rural e político Flávio Clementino da Silva Freire, o Barão de Mamanguape, então governador da Província da Parahyba, em 25 de outubro de 1855”.

De segunda entrância, a Comarca de Mamanguape possui Juizado Especial Misto e três Varas Mistas, tendo, em seu termo os municípios de Capim, Cuité de Mamanguape, Itapororoca

e Mataraca. “Mas houve uma época em que sua jurisdição era ampla, reunindo Jacaraú, Rio Tinto, Baía da Traição e até Areia”, relata o desembargador Marcos Cavalcanti, que, dentre suas 32 obras escritas, três são especificamente sobre Mamanguape, incluindo ‘Poder Judiciário: História da Comarca de Mamanguape’, de 2011.

O topônimo Mamanguape é uma corruptela do tupi mamã-guape, que significa “onde se reúne para beber, no bebedouro”. Nome dado pelos índios potiguara ao Rio Mamanguape, que, por sua vez, denominou a cidade. “As comarcas mais antigas da Paraíba são Mamanguape, Pombal, São João do Cariri e Areia. O Tribunal de Justiça da Paraíba completa, em 15 de outubro, 130 anos. Nós dependíamos antes do Tribunal da Relação do Estado de Pernambuco e, nessa época, Mamanguape já era comarca, sendo assim mais antiga até mesmo que o próprio TJPB”, explica o desembargador.

Segundo a diretora do Fórum, titular do Juizado Especial Misto e coordenadora do Cartório Unificado, juíza Juliana Duarte Maroja, a Comarca, por ser a maior do Vale do Mamanguape, possui considerável distribuição de processos. O atendimento aos jurisdicionados, a exemplo das demais comarcas paraibanas, é realizado, na maioria, de forma remota desde o ano passado, por causa da pandemia da covid-19. “As partes realizam

pedidos por meio remoto, mas há fisicamente no Fórum um revezamento, o que permite contato pessoal”, afirma.

“A coordenação do cartório melhorou significativamente quando da unificação, porque permitiu que todas as unidades judiciárias gozassem da mesma força de trabalho, viabilizando que permaneça presencialmente o menor número de pessoas, respeitando a individualidade de cada servidor, pois alguns apresentam comorbidades”, afirma Juliana Maroja. “Nós temos diversidades de termos. Alguns ainda com bandeira laranja (situação de risco médio de alerta para a covid-19)”.

No Fórum, já está em funcionamento a Sala Virtual de Atendimento a Distância. Para o presidente do TJPB, desembargador Saulo Henriques de Sá e Benevides, o uso de tecnologias permitiu dar mais celeridade aos processos, atendendo ao princípio da eficiência do serviço público.

A juíza Juliana Maroja destaca que, apesar do novo coronavírus, os processos urgentes, que exigem a presença dos envolvidos, estão sendo cumpridos, e os atos praticados. A magistrada citou, como exemplo, a realização de sessões do júri. Em abril, salas foram preparadas, higienizadas, e mantido o distanciamento entre as pessoas, para o júri de réu preso. “Tudo seguindo protocolo sanitário estabelecido pelo TJPB”.

terra foram governadores do estado”.

Cidade de localização estratégica, próxima do Litoral, é berço de pessoas ilustres como Carlos Dias Fernandes (escritor), Castro Pinto (governador da Paraíba), Padre Azevedo (inventor da máquina de dactilografia), José Fernandes de Lima (usineiro e governador da Paraíba), Álvaro Carvalho (escritor e político), padre Mathias Freire, Leonardo Filho (artista plástico premiado), dentre outros.

+ Cidade histórica e estratégica

“Desde que assumi a 2ª Vara de Mamanguape, em 2017, eu vejo cada vez mais melhorias na sua estrutura física do Fórum e reconheço o engajamento, esforço conjunto de todas as juízas, promotoras, defensores e servidores para uma eficiente prestação jurisdicional, mesmo diante da crescente demanda e dos desafios inerentes à pandemia”, afirma a juíza Kalina de Oliveira Lima Marques.

A magistrada concorda que, com a recente unificação dos cartórios, houve um aumento da produtividade, resolvendo uma situação que se estendia há anos com relação a falta de servidores. “Enfim, atuamos em um ambiente de trabalho muito agradável, onde todos procuram colaborar e fazer um Judiciário melhor.

“Sinto-me muito honrada em trabalhar na Comarca de Mamanguape, especialmente por ser uma cidade histórica e importante na colonização da Paraíba”, disse a juíza Candice Queiroga de Castro Gomes Ataíde.

A magistrada lembra que, apesar de ficar próxima à capital, “não é uma tarefa fácil desempenhar as atividades aqui, porque é uma comarca que tem uma demanda processual muito alta, sobretudo em relação à criminalidade. Ela faz divisa com o estado do Rio Grande do Norte e a gente vê muito tráfico de drogas, e por causa disso diversos outros crimes são desencadeados, principalmente patrimoniais”.

Juíza da 1ª Vara Mista, Candice Queiroga conta que assumi a titularidade da unidade em dezembro de 2018. “Quando cheguei, fiquei um pouco estarelecida com o acúmulo de serviço, porque a unidade, embora tivesse juízes titulares, anteriormente a mim, esses magistrados ali permaneceram por pouco tempo, diante da possibilidade de remoção. Na época, a Vara passava por correição nacional, pela Corregedoria do Conselho Nacional de Justiça (CNJ), e também estadual, pela Corregedoria Geral da Justiça, já em fase de revisão”.

Redução de processos

“Com as demais magistradas, com destaque para o trabalho da diretora Juliana Maroja, buscamos mais servidores para as unidades, formamos equipes,

arregaçamos as mangas e conseguimos reverter o quadro”, relata a juíza.

Candice Queiroga disse que, ao chegar na 1ª Vara, havia uma taxa de congestionamento de processos de 89%. “Já em 2019, conseguimos reduzir para 76% e, em 2020, quando começou a pandemia da covid-19, continuamos trabalhando muito e baixamos o índice para 56,11% (a meta estabelecida pelo CNJ era de 56%)”, comemora. Foi enfrentada não só a pandemia, mas também a digitalização dos processos cíveis e criminais para a inserção no sistema do Processo Judicial eletrônico (PJe). “A taxa de congestionamento deste ano, até o momento, está em 55,88%”.

Ela garante que todo esse trabalho, feito paulatinamente, “ocorreu dentro de um espírito de equipe”, um trabalho feito pelas juízas e servidores. “O resultado foi fruto de muita dedicação, um trabalho de excelência”, afirma, destacando que, por se encontrar realizando mestrado, tem recebido, desde o segundo semestre de 2020 o auxílio da juíza Brunna Melgaço Alves.

Como a Vara tem competência de júri, de crimes contra a vida, as sessões de julgamento ficaram comprometidas este ano, mas em abril voltaram a ocorrer sob a presidência da juíza Brunna Melgaço. A magistrada conta que foi designada para auxiliar a 1ª Vara Mista de Mamanguape a partir de agosto de 2020, após a desinstalação e agregação da Comarca de Pirpirituba, onde se encontrava.

“Fui muito bem recebida pelas juízas, promotoras e servidores. Desde a implantação do Cartório Unificado, tem sido uma boa experiência, porque toda a força de trabalho está reunida. Isso melhorou o fluxo do gabinete e andamento dos processos”, disse.

“Tem sido um desafio, porque é uma Vara que tem processos de crimes complexos, muitos homicídios envolvendo tráfico de drogas. Atuamos para sanear a Vara. Começamos a regularizar os processos do Tribunal do Júri que estavam pendentes”, destaca. Na última semana de abril, foram realizados três júris de réus presos. Para isso, houve a colaboração da Prefeitura de Mamanguape, que forneceu os testes de covid-19, garantindo segurança para todos que participaram dos julgamentos.

Região de agronegócio e polo turístico

A juíza Elza Bezerra da Silva Pedrosa vê a Comarca de suma importância para a região do Vale do Mamanguape, isso porque ao lado das Comarcas de Rio Tinto e Jacaraú abarcam a maioria dos municípios do Litoral Norte do estado da Paraíba. “Sua importância revela-se por ser a região de considerável polo turístico, em pleno desenvolvimento, além da sua potencialidade no agronegócio, com cultivo de cana-de-açúcar e fruticultura, inclusive com mercado na ex-

portação”, afirma a juíza.

Essa riqueza vem de tempos passados, informa o desembargador Marcos Cavalcanti: “Já no século XIX, o Vale do Mamanguape era riquíssimo economicamente. O município chegou a formar uma sociedade brilhante, a ponto de os senhores de engenho mandarem formar seus filhos em Lisboa e Coimbra, Portugal, quando aqui no Brasil não havia cursos superiores, e depois em Recife, na velha Faculdade de Direito. Vários filhos da

Reforma pode reservar vagas para as mulheres na política

Relatora quer incluir proposta para ampliar representatividade na Câmara dos Deputados, em câmaras municipais e assembleias

Camila Turtelli
Agência Estado

Escolhida como relatora da reforma eleitoral da Câmara, a deputada Renata Abreu, presidente do Podemos, afirmou ao Estadão/Broadcast que quer incorporar ao texto a obrigatoriedade da reserva de vagas para mulheres no Legislativo. A proposta prevê cadeiras para elas na Câmara dos Deputados, de vereadores e nas assembleias.

O percentual, segundo Renata, deve ficar na casa dos 15%, similar à representatividade feminina na Câmara dos Deputados, atualmente. “Faz diferença? Muita. Pode não ter um efeito tão grande na Câmara Federal, mas vai ter impacto gigante nos municípios, porque há muitos que não têm sequer uma mulher eleita. Não adianta colocar 50% que não vai passar”, disse a deputada.

Renata também quer debater a possibilidade de estender essa reserva a outras instituições, dos partidos ao Supremo Tribunal Federal. As mudanças propostas pela Comissão Especial da reforma precisam ser aprovadas no Congresso e sancionadas pelo presidente Jair Bolsonaro até outubro, para que possam valer nas eleições de 2022. Os trabalhos no colegiado terão prazo de 40 sessões. Renata, por sua vez, poderá contar com 20 sessões para apresentar seu parecer.

A seguir, trechos da entrevista:

Asra, pretende incorporar o projeto sobre reserva de vaga para mulheres no Legislativo a seu relatório na Comissão Especial da reforma eleitoral? Com qual porcentagem?

Pretendo tentar uma composição, sim, para incluir isso. Precisamos ser pragmáticos: estamos em uma Casa que tem mais de 400 homens e, a partir do momento que aumentamos, eles veem como uma ameaça. Isso é uma realidade. Então, aprovar com 15% é mais factível. Faz diferença? Muita. Pode não ter um efeito tão grande na Câmara Federal, mas vai ter impacto gigante nos municípios, porque há muitos que não têm sequer uma mulher eleita vereadora. Não adianta colocar 50% que não vai passar.

Asra, acredita que a cota de 30% do Fundo Eleitoral tem sido efetiva para aumentar o número de mulheres na política?

Muito. Inclusive eu defendendo que uma forma de incentivar a participação também é no Fundo Partidário, composto pelo voto do deputado federal, com uma mudança na qual o voto na

mulher valha mais no cálculo. Tenho um projeto que trata do fundo em dobro para o voto feminino.

Com a reserva de vaga, a cota dos 30% do fundo será mantida?

Claro.

Asra, pretende tratar da volta do financiamento empresarial nas campanhas?

Se estiver valendo o financiamento público, não pretendo entrar nessa discussão de financiamento privado. Pode ter gente apresentando emenda sobre isso, mas não vejo essa movimentação e é algo muito difícil de passar.

A comissão deve abordar regras para participação de mulheres nas direções dos partidos? Asra, é a favor?

Sou favorável. Inclusive, conversei com dirigentes partidários. Eles pediram que a cota de cadeiras efetivas para mulheres no Parlamento não fique restrita ao Legislativo, mas se estenda ao Ministério Público, ao Supremo Tribunal Federal, a tudo. Ainda não debati, mas pode ser que isso venha a ser discutido e aí entra partido político.



Deputada Renata Abreu, do Podemos, é a relatora do projeto e diz que o percentual de reserva deve ficar em 15%

Partidos terão bônus como estímulo

Na tentativa de aumentar o número de mulheres na política, a deputada Tabata Amaral (PDT-SP) propôs que partidos recebam bônus financeiro pelos votos em suas candidatas. O projeto prevê que a sigla com votação maior que a média nacional, proporcionalmente, poderá receber até 10% a mais da verba pública à qual teria direito. Aqueles partidos que não atingirem o índice, porém, poderão ter parte do dinheiro cortado.

Ao mesmo tempo em que o projeto de Tabata chega à Câmara, deputados discutem uma proposta para reservar vagas a mulheres nos Legislativos do país. A relatora da reforma eleitoral, deputada Renata Abreu (Podemos-SP), pretende incorporar a regra no texto que vai produzir, garantindo a elas 15% das cadeiras nas assembleias e Câmaras Municipal e federal. As medidas enfrentam resistência de deputados, para quem questões de gênero não deveriam influenciar o voto.

Pelos cálculos da equipe técnica de Tabata, se a regra proposta por

ela fosse aplicada à eleição de 2018, o PT e o PSL seriam beneficiados com aproximadamente R\$ 20 milhões a mais, no ano passado. Das 77 mulheres eleitas para a Câmara, dez foram do PT e nove do PSL. Já o MDB, que elegeu cinco deputadas, perderia R\$ 12 milhões. O PTB, com só uma deputada, teria R\$ 2,6 milhões a menos.

O Fundo Partidário é uma mesa-da de dinheiro público que as siglas recebem para despesas, como aluguel de sede, salário de funcionários e também nas campanhas eleitorais. No ano passado foram distribuídos mais de R\$ 934 milhões aos 33 partidos registrados no país. Pelas regras atuais, legendas precisam investir ao menos 5% do que recebem para incentivar a participação feminina na política. Caso contrário, têm a verba cortada.

Na outra ponta, o Fundo Eleitoral é específico para bancar gastos de candidatos em ano de eleição. Em 2020, quando houve disputas municipais, foram destinados R\$ 2 bilhões aos partidos. Deste total, 30% foram reservado

Coligações devem voltar

Na lista das mudanças sugeridas para a reforma, estão a volta das coligações e a reserva obrigatória de cadeiras para mulheres no Legislativo - o percentual ainda não foi definido. A proposta é vista por especialistas como a forma mais eficiente de aumentar a participação feminina na política, uma vez que o atual dispositivo, prevendo a destinação de 30% do Fundo Eleitoral para mulheres, muitas vezes é burlado. A cada disputa a Justiça Eleitoral recebe uma série de denúncias de candidatas laranja. Elas são usadas por partidos para desviar recursos que podem promover candidaturas de homens.

Para Karin Vervuurt, cofundadora da ONG Elas No Poder, o aumento da representatividade feminina ainda é bastante lento no Brasil. “O projeto, portanto, nos aponta uma alternativa mais efetiva de engajar os partidos na busca de uma política mais representativa. A existência das candidaturas laranja e todas as outras formas de burlar as leis eleitorais mostram que é necessário adotar uma abordagem de estímulos positivos”, afirmou Karin.

“Eleger mulheres é bom para toda a sociedade, e isso precisa ficar cada vez mais claro no debate da reforma política”, completou Talita Nascimento, presidente do Instituto Vamos Juntas.

A professora de Ciência Política da FGV Graziella Testa avalia que é preciso verificar quem fará a gestão dos recursos. “Ainda mais importante do que o percentual sobre o financiamento eleitoral público é necessário estabelecer que a gestão do recurso precisa estar nas mãos das mulheres do partido. Isso é ainda mais fundamental”, observou ela.

Toca do leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

Juliette e a pedra turmalina Paraíba

A Igreja Católica criou a confissão auricular anual e obrigatória. Uma vez por ano, o católico deve estar aos pés do padre no confessionário para desembuchar seus momentos deteriorados, suas taras e imperfeições de caráter. Eu faço isso todo domingo às 10 horas na Rádio DiárioPB, no podcast “Dez minutos no confessionário”. Domingo passado, Dia das Mães, confessei que mãe é mãe e o resto é subproduto. Estimei que todas as mães fossem bem-afortunadas, incluindo a mãe daquele rapaz que mora na casa de vidro, considerado pelos desafetos como o extrato da besta fera de ruindade, mas preza sua genitora. Ele não avaliza a vacina, mas na hora de proteger os seus, mandou logo vacinar quem? Sua madre, é claro!

Confessei também minha ignorância sobre esquemas financeiros sustentáveis e não sustentáveis, facilitações através de manobras judiciais para que as empresas mais ricas do planeta abocanhem os campos do pré-sal, por exemplo, e a destruição de nossa economia pela famosa operação “Lava Jato”, que fez o Brasil perder 172,2 bilhões de reais em investimentos, entre outros prejuízos. Enquanto muitos perdem, pequenos grupos de manipuladores financeiros do

mundo ganham, e muito.

Esta declaração no meu podcast no dia das mães veio a propósito do meu intuito de apresentar minha mãe com uma joia, que ela é uma senhora muito vaidosa. Por não ser componente desses altos esquemas, jamais poderei mimosar minha genitora com uma joia de preço salgado. Assim mesmo fui pesquisar e encontrei uma loja de pedras preciosas que negocia a famosa turmalina Paraíba, extraída do solo de uma cidade chamada Salgadinho, perto de Patos. Essa pedra é raríssima. Só tem na Paraíba, em algum lugar no Rio Grande do Norte e em Moçambique, na África. Apenas um quilate da gema da turmalina Paraíba pode chegar a custar 15 mil dólares. Então, a turmalina Paraíba, também chamada turmalina azul, perde apenas para o diamante na classificação de pedra preciosa mais cara do mundo.

Confessei também minha curiosidade em saber como vive o povo de Salgadinho, onde acharam a turmalina. Salgadinho enriqueceu com a pedra tão preciosa? Descobri que Salgadinho foi palco de um esquema internacional para explorar ilegalmente a pedra preciosa e levá-la para fora do Brasil. O

lugar estava no centro de uma fraude internacional que envolvia empresários do Brasil e compradores estrangeiros, entre eles um homem do Afeganistão, Zaheer Azizi, suspeito de envolvimento com o dos principais grupos terroristas do mundo, a Al-Qaeda.

As mães de Salgadinho continuam desvalidas e seus filhos sendo explorados da mesma forma. Segundo o IBGE, o município está situado na faixa de Desenvolvimento Humano Baixo. Continua na lista das regiões mais miseráveis do Estado.

Agora, a Paraíba gera outra pedra turmalina que atende pelo nome de Juliette, essa moça que ganhou o tal do BBB, faturou R\$ 1,5 milhão e está mais valorizada do que vacina pra covid-19. É a nossa nova turmalina Paraíba. Juliette tem mais de 28 milhões de seguidores nas redes sociais e isso é um patrimônio incalculável. Todo político quer explorar a nova turmalina Paraíba. Nossa recente pedra inestimável e seu carisma brilham no mundo virtual e no real. Juliette servirá a quem? O destino dessa vigente joia rara será brilhar como nova estrela para bombar os podres poderes dos que comandam o grande esquema de tráfico do poder, igual à pedra turmalina Paraíba? Confesso que não sei.



Novo museu promete uma viagem pelo corpo humano

Museu de Ciências Morfológicas da UFPB começa a receber o público, com agendamento, a partir do próximo mês

Renato Félix

Especial para A União

Todos sabemos que a pandemia atingiu em cheio todas as atividades presenciais desde março do ano passado – e a visitação aos museus está entre elas. Fundamentais para a difusão do conhecimento em diversas áreas fora das salas de aula, os museus continuam se preparando para o dia do reencontro com o público. Enquanto isso, alguns novos também estão surgindo, caso do Museu de Ciências Morfológicas, na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), que começa a receber visitas em junho. Dedicado ao corpo humano e ao funcionamento do nosso organismo, por enquanto ele funcionará através de agendamento, para não correr risco de aglomerações.

O museu vai funcionar no Departamento de Morfologia, que fica localizado no bloco C do Centro de Ciências da Saúde da UFPB. “O espaço será aberto ao público respeitando as recomendações da Comissão Central de Biossegurança da UFPB e orientações municipais e estaduais”, explica Monique Paiva, professora que integra a comissão que pensou e desenvolveu o museu. O agendamento do público poderá ser feito através de um link no site do departamento (<http://www.ccs.ufpb.br/dmorf>).

Mais de 160 peças compõem o acervo, incluindo peças sintéticas e naturais. As sintéticas são reproduções de estruturas do corpo humano. As naturais, provenientes de dissecação de órgãos. “Elas permitem visualizações das mais superficiais às mais profundas, em diferentes tipos de cortes e vistas”, conta a professora. “Também contamos com a exposição de fetos em diversos estágios de desenvolvimento e cortes de tecidos visualizados por meio de microscópios ópticos, além de exposição de animais domésticos trazendo o conhecimento da anatomia comparada à população”.

O museu é um sonho antigo para os professores do Departamento de Morfologia da universidade. “Há décadas que se falava na criação de um Museu de Ciências Morfológicas”, recorda Monique Paiva. “Em 2018, resolvemos correr atrás da realização desse sonho. Foi instituída uma comissão de seis professores pelo colegiado departamental, e esses seis professores começaram a trabalhar na construção do museu”.

A comissão é formada por Ana Lúcia Basílio Carneiro, Giciane Carvalho, Francisco Ruidomar, Vivyanne Falcão, Andréa Sarmiento, além da própria Monique Paiva. “E tivemos muitos colaboradores: docentes, técnicos, extensionistas...”, conta.



Para Monique Paiva, professora que integra a comissão que pensou e desenvolveu o museu, o espaço será aberto ao público respeitando as recomendações de biossegurança da UFPB



As peças em exposição foram produzidas na própria Universidade Federal da Paraíba, por técnicos em Anatomia e Necropsia, técnicos de laboratório, professores e alunos da instituição



Fotos: Diego Nóbrega

+ Inspiração em iniciativas de outras partes do país

A ideia do museu ganhou força e forma através da inspiração em outras experiências não tão distantes. “Uma das primeiras coisas que a gente fez foi uma visita ao museu da Uni-RN”, conta

a professora Monique Paiva. O Centro Universitário do Rio Grande do Norte (Uni-RN) possui o Museu de Anatomia, coordenado pelo professor André Davim e reinaugurado em abril de 2019. “A

gente tomou esse como modelo, assim como outros”.

Um desses outros é o Museu de Ciências Morfológicas da UFMG. “Esse já é um museu mais antigo e bem estruturado”, diz.

Este museu foi aberto pela Universidade Federal de Minas Gerais em 1997 e possui um site com uma galeria de imagens (<https://www.ufmg.br/rededemuseus/mcm/>).

Linhas do tempo mostram acontecimentos em três áreas

As peças em exposição foram produzidas na própria Universidade Federal da Paraíba, por técnicos em Anatomia e Necropsia, técnicos de laboratório, professores e alunos da universidade. Além delas, o museu também conta com pinturas representando os sentidos do corpo humano (visão, olfato, audição, paladar e tato), outras

que comparam estruturas do corpo humano com objetos do cotidiano, através do estudo da etimologia das palavras.

Além disso, linhas do tempo que dão a dimensão do avanço do conhecimento a respeito dos órgãos humanos através da História. Mostram os principais acontecimentos em três áreas, da Antiguidade aos dias atuais:

na anatomia, que estuda a forma e a estrutura do corpo humano; na histologia, que trata dos tecidos biológicos; e da embriologia, que estuda o desenvolvimento embrionário dos seres vivos.

“As linhas do tempo estão representadas em um único painel de forma a se observar os avanços nas três áreas: ana-

tomia, histologia e embriologia. Que, inclusive, em alguns momentos até se encontram”, explica. “Ademais, o museu apresenta painéis grandes, com cores vibrantes e bem ilustrados, representando os diferentes sistemas do corpo humano e remetendo à exposição que se encontra vinculada a cada um deles”.

Espaços aproximam o saber científico da sociedade

Em uma época onde a ciência é mais necessária do que nunca e, paralelamente, sofre ataques até governamentais, museus são também um meio de aproximação entre o saber científico e a sociedade. A equipe do Museu de Ciências Morfológicas da UFPB tem consciência dessa responsabilidade.

“Ele será voltado para a população em geral”, aponta a professora. O museu receberá grupos de alunos de

escolas públicas e privadas e vai dispor de horários de visitação agendados para as famílias e público em geral. “As visitas serão realizadas de forma guiada por extensionistas previamente treinados que irão falar de arte, técnicas anatômicas, morfologia do corpo humano desde suas células até sua constituição macroscópica, além de exposição de vídeos em um ambiente projetado para esse fim”, conta. “O museu será um espaço

vivo e dinâmico de transmissão do saber”.

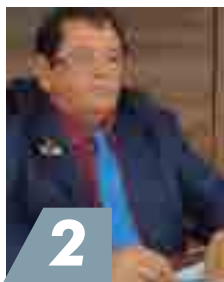
Para ela, essa proximidade das pessoas com a ciência não tem contraindicações. “A contribuição da ciência para a sociedade é algo inquestionável. Quanto maior proximidade com ela e a transmissão de conhecimentos, maiores são as oportunidades de avanços na educação, saúde e tecnologia, o que seguramente melhora a qualidade de vida das pessoas”, afirma. “O museu

é para todos, não só para o público da área da saúde. Ele abrirá caminhos muitas vezes impensados uma vez que estimulará a curiosidade, o estudo e a troca de saberes”.

O museu pretende ser uma viagem pelo corpo humano. Assim sendo, uma viagem por dentro de nós e nossa complexidade interna, através dos sistemas nervoso, genital, muscular, esquelético, etc. Uma viagem sempre fantástica e às vezes insólita.

Oportunidade de Emprego

A TESS INDÚSTRIA, seleciona pessoas com deficiência (PCD) os interessados deverão deixar currículo na portaria da empresa na Av. João Wallig, 1187 Catolé. Campina Grande.

Aos domingos com
**Messina
Palmeira**

1. A prefeita do Conde, Karla Pimentel, já nos preparativos para a realização do Fest Bossa e Jazz, evento internacional de música, que vai acontecer em 2022. Eita Paraíba arretada!
2. Sempre atenta aos seus ideais e ao propósito de semear e preservar os valores e a cultura da terra, a Academia Cajazeirense de Artes e Letras, juntamente com a Câmara de Vereadores daquele município, promoveram no último dia 7 do corrente, sessão solene para homenagear um dos seus filhos mais ilustres, o escritor Deusdedit de Vasconcelos Leitão, por ocasião da passagem do seu centenário de nascimento. Ainda este ano, segundo o presidente da Casa, vereador, Eriberto Maciel (foto), serão celebrados os centenários de mais dois Patronos da ACAL: Rosilda Cartaxo Dantas e Mons. Luís Gualberto. A notícia nos vem por intermédio do prof. Francelino Soares.
3. A Capital paraibana será a sede do Suzuki Day, passeio off-road que vai acontecer em nosso Estado nos dias 10 e 11 de novembro próximo. O percurso, de pouco mais de 50km, vai partir da Praia do Seixas e seguir até a Praia de Tabatinga, no Conde. O diretor de marketing da Suzuki Veículos, Fernando Julianelli, está entusiasmado com o evento que promete ter paisagens encantadoras.
4. Marcus Abrantes, presidente do Convention Bureau de João Pessoa (CB), e o reitor da UFPB, Valdiney Gouveia, formaram parceria objetivando potencializar estratégias para atrair a realização de congressos para a Paraíba. A diretora administrativa da entidade, Elizia Lopes e o gerente executivo de operações, Ferdinando Lucena, fizeram parte do encontro que aconteceu na UFPB.
5. Melca Farias, José Nêumane Pinto, Paula Gentil, Netinha Viana, Djanete Conde, Marília Melo, Ricardo Ayalla, Rita Barroso, Irene Dias, Fátima Dantas, Áurea Virgínia Amorim e América Cantisani são os aniversariantes da semana.
6. O lançamento da Paraíba Restaurant Week aconteceu durante evento realizado no Oceana Atlântico Hotel, na quinta-feira (13), exclusivamente para jornalistas convidados. Por ocasião do evento, a idealizadora e organizadora da Restaurant Week, Marina Sá (na foto, entre parceiros do evento), falou de sua satisfação em realizar esta edição de 2021. Claro que a Pauta Comunicação esteve na liderança da ação que alcançou sucesso total.
7. As comemorações dos 18 anos da Usina Cultural Energisa, que vão acontecer em formato digital, entre 11 de maio e 15 de junho próximos, uma vez por semana, das 20h às 22h, foram iniciadas na última terça-feira, com a Edição Especial do Palco Tabajara ao Vivo 2021. As live-shows poderão ser vistas pelas redes sociais da Tabajara FM (Facebook, Instagram e Youtube), pela Tabajara FM 105,5 e pela TV Assembleia – canal 8.2 (TV aberta Grande João Pessoa, Campina Grande, Patos e região), canal 11 na Net e 340.2 na Sky, GVT e Claro.
8. Ética, pontualidade e respeito aos clientes e colaboradores. Assim é reconhecida a Massai, que figura mais uma vez no ranking das cem maiores construtoras do país, de acordo com o INTEC Brasil. Na semana passada, Allison Delmas, sócio-diretor da construtora, recebeu das mãos do Rodrigo Sousa, gerente comercial da Sienge, patrocinadora do prêmio, uma placa em homenagem à conquista.
9. A consultora de etiqueta e membro da Associação Brasileira de Profissionais de Cerimonial, Sandra Azevedo (foto), participou da Jornada Nordeste de Cerimonial. O painel com a participação da paraibana teve moderação do cerimonialista Paulo Capistrano, da produtora de eventos Cristina Mesquita, da cerimonialista Lorena de Sousa Soares e do presidente do Instituto Brasileiro de Cerimonial, Eventos e Recepção Profissional, Elias Azulay.
10. A deputada Pollyanna Dutra (foto) comemorou o lançamento do



programa de segurança alimentar "Tá na Mesa", que irá contemplar 83 municípios paraibanos com a oferta de almoços a R\$ 1,00.

Inteligência Artificial

A relação entre homens e máquinas

Pesquisador diz que teme avanço descontrolado da tecnologia, e que humanidade precisa ficar atenta

Bruno Romani
Agência Estado

Uma expressão comum entre pesquisadores e desenvolvedores de inteligência artificial (IA) é “inverno de IA” (do inglês, AI winter). Ela se refere à possibilidade do desenvolvimento da tecnologia desacelerar até ficar “adormecido” por um longo período, dando espaço para outras áreas de pesquisa. É uma ideia que passa longe dos pensamentos do sueco Max Tegmark, professor do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT).

Ao contrário de um inverno, o temor do pesquisador é o superaquecimento na evolução das máquinas. Para ele, é necessário que a humanidade não permita o avanço descontrolado da tecnologia.

Em entrevista exclusiva ao jornal O Estado de S. Paulo, Max discutiu problemas mais imediatos relacionados à IA: desigualdade social, temores sobre os líderes do desenvolvimento, incapacidade de governos de lidar com a tecnologia, mudanças no mercado de trabalho e até o papel da tecnologia no combate à covid-19.

“Primeiro: a IA não é ‘má’. É apenas uma ferramenta que pode ser usada para fazer coisas boas e

ruins. Hoje, ela é cada vez mais usada por grandes empresas e por governos para manipular as pessoas. Gostaria de ver isso sendo usado na direção contrária, permitindo que as pessoas pudessem descobrir quando estão sendo manipuladas.

Segundo ele, a IA aumenta a desigualdade. “Sem dúvida. Toda vez que um trabalhador humano perde seu emprego para um algoritmo ou um robô, o dinheiro que antes ia para aquele humano permanece com o dono do capital”.

Ele diz que o único jeito de ter uma sociedade na qual todos têm uma vida melhor é os governos cobrarem impostos de empresas de tecnologia e distribuírem esse dinheiro para as pessoas. “É o que a França tentou fazer, mas acabou desagradando aos EUA. O lobby das grandes empresas é muito poderoso e quer evitar qualquer tipo de taxação

e regulação”.

Tegmark ainda destaca que os governos não deveriam permitir que empresas específicas tenham domínio absoluto de IA. “O governo brasileiro, por exemplo, não deveria permitir o monopólio de duas empresas que não são brasileiras. Isso geraria uma oportunidade para startups brasileiras competirem”.

Sobre o chamado “inverno de IA”, ele diz: “Minha preocupação não é que a IA esfrie, mas que ela superaqueça. Há tanta tecnologia desenvolvida com tanta velocidade que temo que possamos sair do controle. Não queremos algo tão poderoso fora de controle - armas nucleares são um exemplo disso. Se as nossas democracias forem abaladas, e as empresas de tecnologia tomarem o comando, a gente pode nunca se recuperar novamente. Certamente não queremos uma IA com a qual um humano pudesse dominar o mundo.”

PURPLE IGUANA INVESTMENTS
M&A | EQUITY PARTNERS
New Office - João Pessoa - PARAIBA
Avenida João Cirilo da Silva, 221
ALTIPLEX José Olímpio da Silva - Sala 1802 - Bloco B
Altiplano Cabo Branco - CEP: 58046-005
Contatos: +55 (83) 9 8884-9952 / +55 (11) 3254-5999

Startups impulsionam ideias inovadoras e soluções criativas

Modelo de negócio vem crescendo nos últimos anos utilizando a tecnologia como ferramenta principal de desenvolvimento

Alexsandra Tavares
lekajp@hotmail.com

Atualmente existem mais de 13.000 startups cadastradas na Associação Brasileira de Startups (Abs-tartups). O cenário é bem diferente de 2015 quando existiam apenas 4.451 unidades no país. O boom ocorreu a partir de 2018, com a marca de 10.000 empresas nascentes nesse perfil. E o ritmo segue acelerado, já que a média de crescimento anual hoje em dia é de 26,75%, conquistando também os paraibanos.

Segundo a consultora Morganna Tito, gerente de Inovação da Secretaria de Ciência, Tecnologia e Inovação de Campina Grande, e representante na Paraíba do programa do Governo Federal InnovAtiva, ainda não há um número exato do número de startups na Paraíba. Esses dados estão sendo levantados, tanto em João Pessoa como em Campina Grande. “Ainda estamos mapeando os números”, frisou.

A Abstartups explica que startup é uma empresa que “nasce a partir de um modelo de negócio ágil e enxuto, capaz de gerar valor para seu cliente resolvendo um problema real, do mundo real. Oferece uma solução escalável para o mercado e, para isso, usa tecnologia como ferramenta principal”. Morganna Tito acrescenta que trata-se de uma empresa nascente, em constante processo de melhoramento, com ações ligadas à tecnologia. Aliás, o viés tecnológico é uma das características principais desse negócio. “Tecnologia essa que não precisa ser um aplicativo, ou uma solução em software. Ela pode ter uma aplicação social, ambiental, biológica, entre outras”, afirmou.

Além de ser replicável, uma startup ainda precisa ser uma ideia esca-

lonável, ou seja, capaz de crescer com rapidez. “Com essas características de ser replicável e escalonável, ela acaba tendo alto risco, que é o que chamamos no empreendedorismo de risco calculável. A empresa pode dar muito certo ou muito errado”, acrescentou.

Além da definição de empresa nascente, a consultora afirmou que existe atualmente no mercado o termo “metodologia startup”, que se refere à forma de gerir um negócio, de qualquer porte, como uma startup. “Porque a forma de gerir da startup é simples. Eu erro rápido, para acertar rápido. Não vamos demorar buscando o caminho perfeito, porque estamos sempre melhorando”.

Nesse contexto, uma empresa tradicional de grande porte, por exemplo, pode criar soluções startup para impulsionar ou viabilizar certo produto, serviço ou área do negócio. Esse novo produto pode funcionar dentro da própria empresa ou criar um CNPJ e andar de forma independente.

Se fosse possível lançar mão de um neologismo para abordar esse tema, seria possível dizer que existe um rico universo “startupiânico”, com seus termos, funcionamento, gestão e linguagens específicas. Por exemplo, empresa unicórnio é a definição dada a uma startup com valor de mercado superior a US\$ 1 bilhão. Partindo desse pressuposto, ela não é um negócio pequeno, pelo contrário, é robusto e com certa solidez no mercado. “Só que a metodologia de gestão e a cultura organizacional é de uma startup. Os resultados e o pensamento dos funcionários são diferentes do mercado tradicional. As startups observam muito mais a pessoa pela sua competência do que apenas pela sua formação acadêmica”, frisou Morganna.

Morganna Tito cita constante processo de melhoramento e uso da tecnologia como características das startups



Participação feminina ainda é pequena

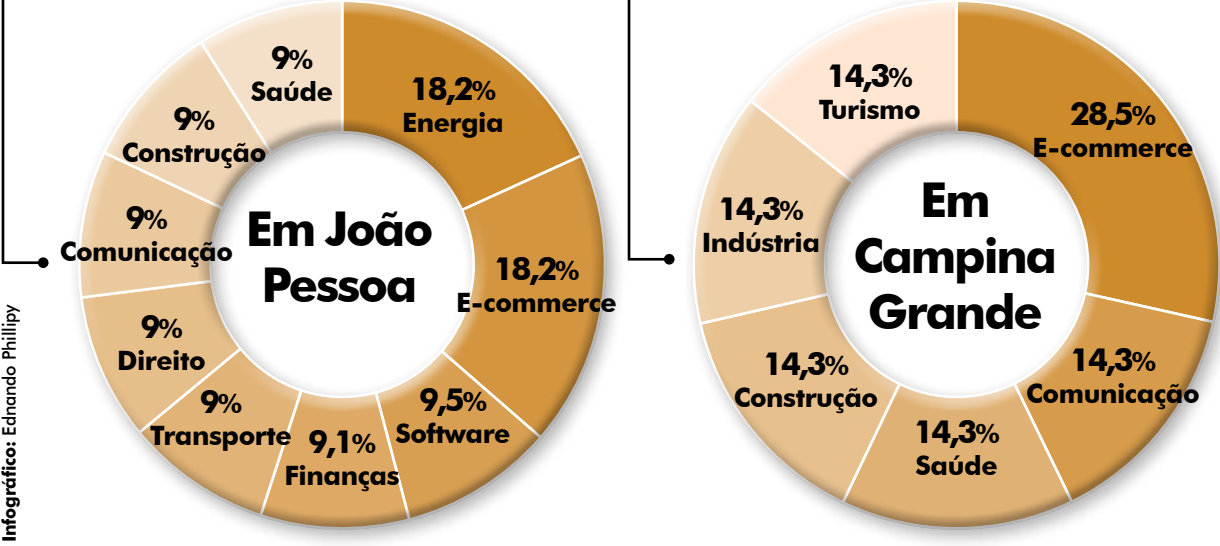
As empresas surgem com um propósito inovador, mas algumas características são antigas. Em João Pessoa, por exemplo, o público masculino ainda é predominante, com 63,6% de presença. Ao traçar o perfil do founder (criadores das startups) na capital paraibana, a Abstartups mostra que 27,7% têm mais homens e em 9,1% o número de homem e mulher é igual.

Quando se avalia o tamanho do time das startups, mais da metade (54,5%) tem de uma a cinco pessoas. Em 27,3% delas têm de seis a 10 pessoas; 9,1% têm de 11 a 20 integrantes e 9,1% de 40 a 100 indivíduos.

Em Campina Grande, a área de atuação das startups não é tão concentrada como na capital. Com relação ao número de integrantes que atuam

Foto: Arquivo pessoal

Divisão das empresas por área de atuação



Infográfico: Ednardo Philipy

Continua na página 18

Desenvolvimento Econômico e Gestão Estratégica

Chico Nunes
francisco.nunespb@gmail.com | Colaborador

Rendendo homenagens ao centenário do nosso brilhante Celso Furtado

Até o próximo dia 25 de julho de 2021, ainda estaremos comemorando o centenário de Celso Furtado. As pessoas que possuem formação no campo das ciências sociais, e as que por elas se interessam, certamente já leram alguma obra ou ouviram falar do pensamento deste ilustre paraibano. Tive oportunidade de escrever para revistas e falar em outros veículos de comunicação sobre parte da vida e da obra deste pombalense, de quem tenho a honra de ser conterrâneo, mas ainda não havia lhe feito homenagem nesta coluna, então reproduzirei aqui parte da sua história.

Celso Monteiro Furtado nasceu em 26 de julho de 1920, há 100 anos, na pequena cidade de Pombal, no Sertão da Paraíba. Um filho ilustre da nossa terra, que tanto a dignifica como também a Paraíba e o Brasil. Conquistou os mais altos conceitos dentre os pensadores que se imortalizaram pelos seus feitos em prol da melhoria da qualidade de vida das populações mais carentes.

Ainda criança, Celso Furtado saiu de Pombal e fez uma trajetória brilhante na busca e disseminação do conhecimento. Frequentou o Liceu Paraibano, em João Pessoa, e depois o

Ginásio Pernambucano do Recife. Aos 24 anos concluiu seu bacharelado em Ciências Jurídicas e Sociais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Aos 28 anos concluiu seu doutorado em Economia pela Universidade de Paris – Sorbonne.

Possuidor de um senso desenvolvimentista no campo da ideologia relacionada ao pensamento econômico e social, com ênfase para as correções das desigualdades regionais, este pombalense consolidou um extraordinário legado com ramificações não só em nível de Brasil, mas por todo o mundo. Seu pensamento inspirou estudiosos a formularem projetos, planos e políticas públicas em todos os recantos deste planeta.

Integrou um grupo misto formado por membros da Cepal e do BNDES do Brasil. Junto com esta equipe elaborou um estudo sobre a economia brasileira, que se constituiu num grande referencial para o Plano de Metas do governo do presidente Juscelino Kubitschek.

Sua contribuição ao Brasil foi de uma dimensão fantástica e com o seu pioneirismo abriu muitos caminhos por onde percorrem o conhecimento e o desenvolvimento do país. Foi

idealizador e primeiro superintendente da Sudene, no governo Kubitschek, foi o primeiro ministro do Planejamento do Brasil, no governo de João Goulart, quando idealizou o Plano Trienal de Desenvolvimento Econômico e Social.

Furtado consagrou-se uma verdadeira fonte de consulta para governantes e formuladores de políticas públicas, aqui no Brasil e além-fronteiras, mesmo quando não estava ocupando cargos públicos. Assim participou, por exemplo, da comissão que elaborou o Plano de Ação do governo Tancredo Neves, tendo sido nomeado em seguida para ser o embaixador do Brasil junto à Comunidade Econômica Europeia, em Bruxelas. No governo do presidente José Sarney continuou a colaborar com o Brasil como ministro da Cultura.

Escreveu 37 livros traduzidos em 15 idiomas, dentre eles “Formação Econômica do Brasil”, a mais consagrada obra dentre todas elas. Estudou com profundidade as causas do subdesenvolvimento e das desigualdades regionais, tratando-as com o necessário rigor acadêmico, mas sempre com muita elegância. Sua contribuição ao mundo acadêmico e científico se deu de forma imensurável, tamanha a sua

importância para formação de novos valores no campo do conhecimento relativo ao pensamento e desenvolvimento econômico.

Na sua trajetória como professor e orientador de teses, passou pelas Universidades de Cambridge – Inglaterra, de Yale, American University e Columbia – EUA, e, por 20 anos, na Faculdade de Direito e Ciências Econômicas de Sorbonne – França. No Brasil, imortalizou-se como membro da Academia Brasileira de Letras.

“Considero que Celso Furtado não é só um grande economista, um pensador brasileiro, mas um pensador que pertence a toda humanidade, um pensador universal”. Foi assim que o economista egípcio Samir Amin, quando era diretor do Fórum dos Três Mundos, referiu-se a Furtado.

Os grandes pensadores sempre trazem como característica a capacidade de pensar além do tempo presente, fazendo da mudança algo permanente em suas rotinas em busca de soluções que transformem realidades indesejáveis em conquistas memoráveis, na direção do bem-estar da humanidade. Celso Furtado era hospedeiro destas qualidades, era gente que faz.

Empresários vencem desafios para “dar vida” aos projetos

Com uma visão simples e muita dedicação, empreendedores transformaram soluções de problemas em negócios

Alexandra Tavares
lekaip@hotmail.com

Com investimento inicial de R\$ 140 mil, o empresário Vinícius Travassos teve a ideia de criar a Mavip, uma startup que busca facilitar o serviço no mercado de registro de marcas. Para concretizar o empreendimento, ele contou com a ajuda de dois sócios e atualmente opera em João Pessoa e tem escritório em São Paulo. O negócio ainda é de pequeno porte, mas atende a demanda nacional, cujo número de pedidos de registros, segundo ele, chega a mais de 200 mil por ano.

Desafios não faltam para a equipe da Mavip, mas segundo Vinícius esse fator não impossibilita o desejo de a equipe transformar algo extremamente burocrático, em um processo simplificado. “Construímos uma ferramenta capaz de, em poucos minutos, possibilitar ao cliente pesquisar a viabilidade da marca no banco de dados público do Governo, sem sair da plataforma Mavip. Também é possível fazer o contrato do registro de uma marca, de acompanhamento de processo, ou mesmo de um processo já existente com poucos cliques. Nossa vocação é ajudar outras empresas a conseguir o tão sonhado registro de marca de forma simples, fácil e sem burocracia”, explicou.

Além de Vinícius Travassos e dois sócios, a Mavip conta com dois colaboradores. Ele revelou que a imersão no mundo das startups



Vinícius Manfrim (esq.) e Vinícius Travassos enxergaram a oportunidade para desenvolverem suas ideias e, com a ajuda de sócios, superaram as dificuldades para a instalação de suas empresas

foi por acaso. Tudo começou quando ele foi convidado para ser mentor do módulo jurídico do programa de Startup do Sebrae. “Me apaixonei pela área antes mesmo dela cair na moda”, confessou.

Como é comum na criação de todo empreendimento, foi preciso muita dedicação e força de vontade para dar prosseguimento à empresa. O dinamismo, a necessidade de tomada de decisão rápida, próprios deste tipo de negócio, exigiram doses extras de responsabilidade e gosto pelo que faz. “Uma startup é um empresa com todas as obrigações contábeis, sociais e jurídicas. Tem que ter tesão

pelo projeto, porque os desafios são maiores do que qualquer gestor, principalmente quando falamos de projetos e pessoas com pouca experiência como a minha”, confessou.

Ousadia e parceria

Ao serem provocados a desenvolver um novo negócio, em um curso de MBA, o administrador de empresa Vinícius Manfrim e mais três colegas de sala de aula tiveram o start de idealizar um serviço que melhorasse a experiência com terceirização, tanto para as empresas quanto para os profissionais autônomos. A criação deu tão certo que os quatro fundaram

a Fretapp, uma plataforma digital que faz a intermediação de fretes entre distribuidores, atacadistas e transportadores autônomos de Carga.

Os quatro amigos hoje são sócios e administram a startup que tem clientes na Paraíba e no Rio Grande do Norte. Manfrim explicou que as empresas de distribuição cadastram as cargas as quais desejam contratar um frete na plataforma web da Fretapp. “E nós disponibilizamos essas cargas para os transportadores autônomos cadastrados em nosso aplicativo mobile”, acrescentou.

Por meio da plataforma web, as empresas podem ge-

renciar e acompanhar os fretes realizados, enquanto os motoristas utilizam o aplicativo para aceitar e executar as entregas cadastradas.

Segundo ele, esse serviço traz benefícios para os dois lados. As distribuidoras têm redução de capital imobilizado, melhor produtividade da frota própria, já que pode gerenciar melhor seu uso, e uma experiência positiva com o serviço de terceirização. Já aos transportadores autônomos, a startup oferece mais praticidade para encontrar uma carga, mais autonomia e descontos em produtos e serviços parceiros.

Neste empreendimento

foram investidos R\$ 160 mil, e o grupo de empresários já está movimentando cerca de R\$ 350 mil em fretes todos os meses. Ainda há planos de expansão no país. Mas para se chegar a este estágio, eles tiveram que se superar. “Um dos grandes desafios de se investir em uma startup é que, pelo fato de ser uma empresa inovadora, não encontramos muitas referências para se comparar e entender se estamos no caminho certo. Outro desafio é de estar constantemente buscando encontrar as lacunas no modelo de negócio, sendo preciso testar, errar e corrigir rapidamente” afirmou Manfrim.

+ PB possui centros de estímulo a startups

O secretário executivo de Ciência e Tecnologia da Paraíba, Rubem Freire, afirmou que, nos últimos anos, começaram a surgir, no ambiente nordestino, empreendimentos de apoio e incentivo as startups. Esses apoiadores são, geralmente, de natureza pública como os parques tecnológicos e centros de inovação.

Na Paraíba, o secretário citou alguns deles, como o Parque Tecnológico da Paraíba, com sede em Campina Grande. “É um ambiente bancado pelo estado no sentido amplo: universidade, estado e prefeitura que, juntos, se propuseram a fazer isso. Existe o Centro de Inovação e Tecnologia Telmo Araújo (Citta), também em Campina Grande, que abriga ideias inovadoras que buscam posição no mercado. Agora, para se manter, as ideias precisam de fundo, e esses ambientes dão sua contribuição para que eles fiquem na Paraíba”, afirmou o secretário.

Entre os apoiadores de startups e empreendimentos inovadores no estado, Rubem Freire ainda mencionou o Núcleo de Pesquisa, Desenvolvimento e Inovação em Tecnologia da Informação, Comunicação e Automação – Virtus, que é um órgão suplementar da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), vinculado ao Centro de Enge-

nharia Elétrica e Informática (CEEI).

Ao falar sobre o papel desses incentivos públicos, o secretário declarou que eles têm a finalidade de promover o desenvolvimento econômico, social, cultural, científico, tecnológico e político por meio da inovação, aumentando a produtividade de tal maneira que o acesso a determinados bens se torne comum, mais fácil a todos. “Trazendo conforto e qualidade de vida”, frisou.

O secretário informou ainda que são inúmeras startups em desenvolvimento, mas isso não significa dizer que todas alcançaram o ambiente dos negócios. Uma parcela ainda busca posição no mercado.

Novos horizontes

Um novo centro que deverá incentivar, entre outras ações, o desenvolvimento de startups na Paraíba, é o Parque Tecnológico Horizontes de Inovação, que funcionará no antigo Colégio Nossa Senhora das Neves, centro histórico de João Pessoa. Um dos primeiros serviços que irá funcionar no Parque é a incubadora, ambiente onde será possível atrair, por meio de editais e chamadas públicas, pessoas com ideias inovadoras. O Horizontes de Inovação irá abranger também grandes empreendimentos, contará com laboratórios para testes de equipamentos, áreas de robótica, entre outros espaços.

/// Incentivos públicos têm a finalidade de promover o desenvolvimento econômico, social, cultural, científico, tecnológico e político por meio da inovação ///

Perfil empreendedor é base do negócio

Dentro do leque de opções de empresas nascentes e metodologias startups surge naturalmente a vontade de se criar um negócio nesse perfil. Segundo a consultora e gerente de Inovação da Secretaria de Ciência, Tecnologia e Inovação de Campina Grande, Morganna Tito, qualquer pessoa pode se capacitar e criar uma startup, desde que deseje empreender.

No entanto, o espírito empreendedor de muitos brasileiros não está tão arraigado como deveria. Segundo ela, esse estímulo deveria estar presente desde os primeiros anos da formação escolar, mas isso não era comum no passado. A boa notícia é que essa cultura vem mudando, formando gerações mais conectadas com a criação de negócios. “Hoje em dia já têm crianças que começam a ter essas capacitações nas escolas”, frisou. A consultora afirma que o empreendedor é alguém inquieto, que está sempre pensando em soluções para o negócio, sendo criativo nas suas construções.

Essa inquietação pode ser um fator positivo, já que um elemento essencial na criação de uma startup é saber detectar um problema ou a necessidade do cliente. A partir daí se oferece a solução. “Porque, por mais interessante que seja a ideia, se não tiver o cliente, que é quem paga e consome, a startup morre antes de começar”, frisou Morganna. E a figura do cliente pode variar, ser desde uma empresa, um ramo de negócio, uma comunidade ou a gestão pública.

O criador da startup não precisa, necessariamente, dominar a tecnologia que vai viabilizar o projeto, porque esse serviço pode ser contratado, terceirizado. E se engana quem pensa que as startups não podem chegar a ser uma empresa âncora. Gigantes como o Google e o Ifood fazem parte deste perfil de negócios. Nesse processo elas passam pela fase da scale-up, que é quando a startup é considerada de médio porte, está mais fortalecida, e conquistou crescimento exponencial.

SAIBA MAIS

■ O Projeto de Lei Complementar 146/19 que trata do marco legal das startups e prevê regras diferenciadas para a atividade, aguarda sanção presidencial. A votação do projeto foi concluída no último dia 11 na Câmara dos Deputados. Conforme o projeto, poderão ser classificadas como startups as empresas e sociedades cooperativas que trabalham com inovação, aplicada a produtos, serviços ou modelos de negócio, que tenham receita bruta anual de até R\$ 16 milhões e até 10 anos de inscrição no CNPJ.

Resistindo ao “charme” dos alimentos ultraprocessados

Eles são tão gostosos que chegam a viciar, mas, em termos nutricionais, são pobres e podem causar várias doenças

Beatriz de Alcântara
Especial para A União

Geralmente, eles são coloridos, chamam a atenção nas prateleiras e gôndolas e têm sabor quase viciante. Têm forte apelo comercial e são desejados por quase todo mundo, especialmente, pelas crianças, maiores “alvos” da propaganda dos alimentos ultraprocessados. Mas, não se engane. Por trás de toda essa “roupagem”, há um sério risco à saúde do consumidor.

E o que são, afinal, esses alimentos ultraprocessados? De acordo com o Guia Alimentar para a População Brasileira, do Ministério da Saúde, os alimentos ultraprocessados são criações industriais feitas de forma integral ou majoritariamente a partir de substâncias retiradas de alimentos (óleos, açúcar, gorduras, etc), derivadas de componentes de alimentos (gorduras hidrogenadas, por exemplo) ou desenvolvidas em laboratório com base em matérias orgânicas, como é o caso dos corantes, aromatizantes, dentre outros aditivos. Esse tipo de comida se insere na alimentação do brasileiro através de alimentos como biscoitos, sorvetes, misturas para bolos, macarrão instantâneo, refrigerantes, fast-foods, dentre outros embutidos e industrializados.

Um estudo feito pelo Datafolha, encomendado pelo Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor (Idec), publicado em outubro de 2020 revelou que salgadinhos em pacote ou biscoitos salgados foram campeões de consumo por parte dos brasileiros entre 18 e 55 anos, de todas as classes e regiões do Brasil, que participaram do levantamento. Os números demonstraram que o consumo desse tipo de alimento subiu de 30% para 35% em comparação a 2019. Em segundo lugar no ranking de industrializados estava margarina, maionese, ketchup e outros molhos artificiais, onde o consumo subiu de 50% para 54% no ano passado.

A nutricionista clínica Adriana Leão explica quais os perigos de uma alimentação composta por muitos desses ultraprocessados. “Esses alimentos, em geral, são pobres em nutrientes como fibras, vitaminas e minerais, têm excesso de calorias e são ricos em aditivos químicos. O consumo excessivo a longo prazo causa excesso de peso, deficiência de nutrientes e inflamação sistêmica (condição crônica) levando ao surgimento de doenças crônicas como obesidade, diabetes, hipertensão, entre outras”, afirmou a profissional.

A praticidade é um dos principais motivadores do consumo desse tipo de alimento por parte da população. Na sociedade do imediatismo, as soluções instantâneas se apresentam como mais apetitosas, entretanto, é importante se manter atento aos exageros. “Os ultraprocessados geralmente são preferidos pela praticidade, é só abrir o pacote e temos tudo pronto. Com um pouco de organização podemos ir trocando, aos poucos, esses alimentos por outros mais naturais. Priorizar os alimentos feitos em casa com temperos naturais e ingredientes conhecidos, evitando os comprados prontos”, destacou Adriana.

Substituições

Para reduzir a alimentação e fazer corte de alimentos ultraprocessados das refeições, é necessário que o indivíduo busque substituições e outras alternativas aos mega industrializados. “Trocar bebidas açucaradas como refrigerantes e sucos de caixinha por água, suco de frutas, leite. Trocar os biscoitos e bolos industrializados por preparações caseiras. Trocar os temperos prontos por ervas, alho e cebola” são algumas das soluções indicadas pela nutricionista.

Uma alimentação mais natural “melhora a qualidade de vida e reduz as chances de desenvolver doenças crônicas”, enfatizou Adriana. Segundo a nutricionista,



Fotos: Pixabay

Sanduíches, refrigerantes, sorvetes e biscoitos recheados têm baixo valor nutricional e, se consumidos com frequência, podem trazer problemas à saúde

quanto mais natural for a alimentação, menos calórica ela tende a ser, mais rica em nutrientes, como as fibras e também as vitaminas, menos inflamatória e possibilita benefícios na concentração, no bem-estar, no funcionamento do organismo, na absorção das substâncias que auxiliam o corpo, na imunidade, dentre tantas outras coisas.

Todo alimento ultraprocessado é um alimento industrializado, mas nem todo alimento industrializado é ultraprocessado. “Todo alimento que sofre alguma transformação antes de chegar a nossa mesa é processado, mas alguns passam por grandes transformações, recebem diversos aditivos como emulsificantes, corantes, flavorizantes (sabor) e adoçantes. Outros são apenas separados, embalados, cortados ou tem um preparo com pouca, ou nenhuma, adição de ingredientes artificiais. O ideal é que na hora de escolher um deles, optemos

pelo que foi menos processado, ou seja, recebeu poucos ou nenhum aditivo”, ressaltou a nutricionista clínica.

Prioridades

De acordo com Adriana, em uma alimentação saudável e equilibrada, existe espaço para todos os tipos de alimentos, mas é essencial que a base da alimentação do indivíduo priorize os alimentos in natura, “seguidos dos minimamente processados e, que os ultraprocessados estejam em quantidades muito pequenas. Se nossa alimentação do dia a dia é baseada em alimentos naturais, não tem problema nenhum ir a uma festa tomar refrigerante e comer os salgadinhos”, argumentou ela.

Sem radicalismos e grandes restrições, é possível manter uma alimentação em que seja possível comer de tudo, contanto que seja feita da maneira correta e com acompanhamento profissional.

+ Praticidade é grande “trunfo” da indústria

O processo de industrialização dos alimentos acontece no espaço entre o campo (de onde geralmente vêm as matérias-primas, que podem ser frutas, verduras, cereais, carnes, etc) e a cozinha das pessoas. O professor do Departamento de Engenharia de Alimentos da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Ian Nóbrega, explica que o processo mais tradicional de industrialização tem três principais objetivos:

“Aumentar a duração dos alimentos (por exemplo: transformação do leite líquido em leite em pó pela remoção da água), facilitar a preparação dos alimentos (por exemplo, transformar grãos de trigo em farinha) e para modificar ou maximizar as propriedades de sabor dos alimentos (por exemplo: transformar leite em queijo por meio de uma fermentação seguido da adição de sal e maturação). Esses tipos de processamento tradicionais são muito antigos e essenciais para a segurança alimentar no planeta”, destacou ele.

No caso dos alimentos conhecidos como ultraprocessados, a demanda da industrialização é um pouco mais complexa. “O ultraprocessamento normalmente começa quando um tipo de indústria toma alguns alimentos de origem vegetal ou animal e os fraciona: por

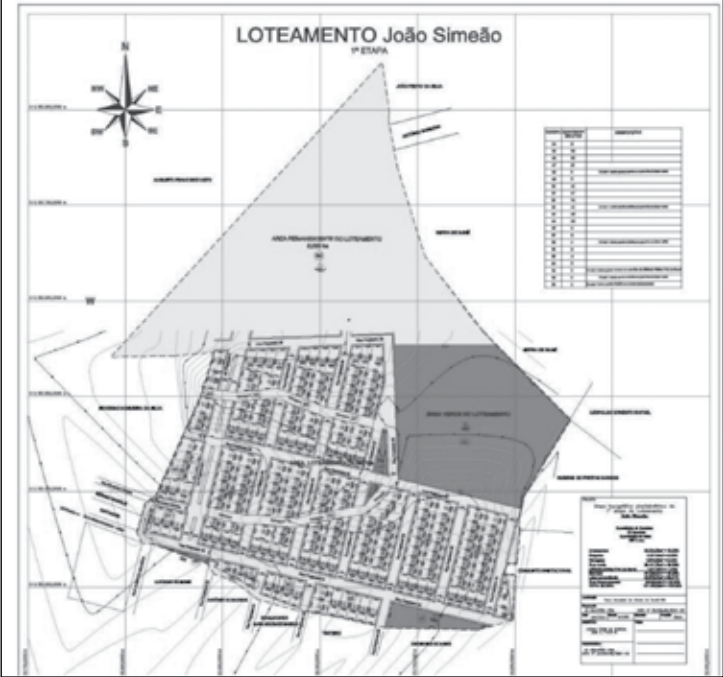
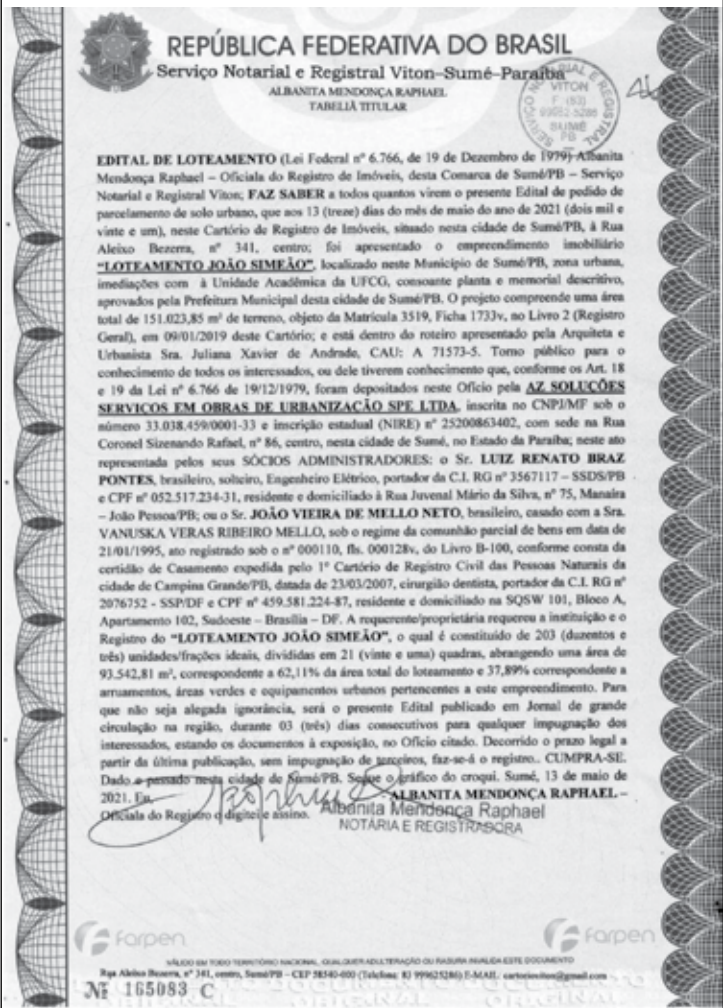
exemplo, a partir da soja e do milho pode-se extrair o óleo, a proteína e o amido. Na sequência, a mesma indústria, ou outra, pode hidrogenar quimicamente o óleo (transformando-o em gordura vegetal hidrogenada, mais cremosa e durável do que o óleo na forma líquida), hidrolisar a proteína da soja (para dar propriedades adequadas para usar, por exemplo, em embutidos cárneos) e modificar quimicamente o amido (para obter alguma propriedade tecnológica, como por exemplo a consistência). Por fim, um outro tipo de indústria “monta” esses ingredientes (modificados e não modificados) numa mistura, submete tal mistura a algumas operações (por exemplo, fritura, extrusão, moldagem, etc) e, por fim, acrescenta alguns aditivos (por exemplo, antioxidantes, emul-

sificantes, conservantes, corantes, e/ou aromatizantes, etc) e outros componentes, tais como micronutrientes e fibras”, comentou Nóbrega.

Se a praticidade explica o consumo desse tipo de alimento, é essa mesma premissa que ajuda a entender o surgimento dos ultraprocessados. “No mundo moderno, urbano e com jornadas laborais cansativas, o espaço disponível para a preparação das refeições nos lares é cada vez menor. Assim, os alimentos ultraprocessados chegam no mercado com essa proposta: oferecer alimentos que exijam pouco ou nenhum preparo na cozinha, de baixo custo, altamente padronizados, hiperpalatáveis (muito saborosos, feitos para maximizar o prazer) e normalmente sem defeitos”, finalizou Ian.

Sempre que puder, fuja desses produtos

- Biscoitos;
- Sorvetes;
- Balas e guloseimas em geral;
- Cereais açucarados para o desjejum matinal;
- Bolos e misturas para bolo;
- Barras de cereal;
- Sopas macarrão e temperos ‘instantâneos’;
- Molhos; salgadinhos “de pacote”;
- Refrescos e refrigerantes;
- Iogurtes e bebidas lácteas adoçados e aromatizados;
- Bebidas energéticas;
- Produtos congelados e prontos para aquecimento como pratos de massas, pizzas, hambúrgueres;
- Nuggets;
- Salsichas e outros embutidos;
- Pães de forma;
- Pães para hambúrguer ou hot dog;
- Pães doces.



CONDOMÍNIOS NAÇÕES RESIDENCE PRIVÉ

EDITAL DE CONVOCAÇÃO

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

O Síndico do Condomínio Nações Residence Privé, no uso de suas atribuições, vem por meio deste convocar os SENHORES CONDOMÍNIOS, para participarem da Assembleia Geral Ordinária deste Condomínio localizado na BR 104, KM 119, Sítio Guabiruba, Lagoa Seca – PB, a realizar-se no próximo dia 20 de Maio de 2021, às 19:00 horas, no Salão de Festas do Condomínio, em primeira convocação, com a presença de no mínimo 2/3 dos condôminos, ou às 19:30 horas em segunda convocação, no mesmo dia e local, com qualquer número de presentes, para deliberarem sobre a seguinte ordem do dia:

a) Prestação de Contas (saldo nas contas, inadimplência e obras realizadas nos últimos 4 anos);

b) Eleição de síndico e Sub síndico;

c) Escolha da Construtora da academia;

d) Taxa Ordinária 2021 sem reajuste;

e) Taxa extra para academia – R\$ 200,00 em 24 parcelas.

É lícito aos senhores condôminos se fazerem representar na Assembleia ora convocada por procuradores, munidos com procurações com poderes específicos.

A ausência de qualquer condômino não o desobriga ou desvincula de cumprir todas as decisões que forem tratadas e deliberadas.

Os condôminos em atraso nos pagamentos de suas taxas condominiais não poderão votar nas deliberações.

Recomendações:

- Comparecer apenas 01 integrante por família;
- Todos os participantes deverão estar utilizando máscara;
- Se possível, designar procurações;
- Manter distanciamento e portar álcool.

Lagoa Seca - PB, 10 de Maio de 2021

Daliban Magalhães Ferreira
Síndico



Espécie “invasora” de peixe ameaça equilíbrio ambiental

Pesquisadores confirmam presença de piaba “estrangeira” em açude paraibano que recebe águas do São Francisco

Alexsandra Tavares
lekajp@hotmail.com

Uma espécie invasora de piaba, que está se reproduzindo em ambientes aquáticos da Paraíba, poderá prejudicar o desenvolvimento ou até a extinção de peixes nativos e causar doenças aos seres humanos que a consumirem. A constatação é de um estudo realizado por pesquisadores da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), em parceria com a Universidade Federal da Paraíba (UFPB). O doutor em biologia, Telton Ramos, professor do Programa de Pós-Graduação em Ecologia e Conservação da UEPB, em Campina Grande, e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Biológicas da UFPB, afirmou que já há comprovação de que a pia-

ba *Moenkhausia costae* (espécie invasora) está se reproduzindo no Açude Poções, um dos reservatórios paraibanos a receber água da transposição do Rio São Francisco. Segundo ele, a multiplicação deste tipo de piaba irá causar uma disputa por alimento e por locais de reprodução com os peixes nativos, causando um desequilíbrio no ecossistema aquático. A pesquisa constatou que a *Moenkhausia costae* é uma piaba típica da bacia do Rio São Francisco. Com isso, após algumas análises, chegou-se a conclusão de que ela teria chegado à Paraíba por meio da transposição das águas desse rio. Os pesquisadores descobriram a presença da espécie invasora no estado em 2018. Na ocasião, foram coletados apenas cinco

peixes durante o período chuvoso. Em uma segunda coleta, pós-transposição, em janeiro de 2020, foram identificados 36 peixes da espécie em período de seca. “Nessa amostragem, a *Moenkhausia costae* foi a terceira espécie mais abundante, o que nos levou a inferir que ela está se proliferando no açude”, destacou Telton. O professor destacou que há risco de essa piaba causar doenças nos peixes nativos e na população que a consumir. Para ilustrar essa situação, o biólogo fez uma referência ao período do descobrimento do Brasil, quando os portugueses transmitiram doenças aos indígenas que habitavam o país, uma vez que a população nativa não tinha imunidade para determinadas moléstias. “Da mesma for-

ma, essa espécie pode trazer doenças para os peixes nativos e também para as pessoas que comerem dela”. Ainda há possibilidade de a nova população de peixe atingir outros grupos de animais aquáticos, como camarões. Para isso, o professor explica que é preciso avançar nas pesquisas para entender como essa espécie se comporta e do que se alimenta.

Há riscos da espécie causar doenças nos peixes nativos ou em pessoas que venham a consumi-la, segundo os pesquisadores

Perigo de migração

Uma outra preocupação sobre a presença da piaba *Moenkhausia costae* no Açude Poções é que ela poderá migrar para outros mananciais do estado. “O próximo açude que ela deverá, provavelmente, invadir é o Açude Camalau, e depois descer para o Boqueirão”, afirmou o biólogo e pesquisador, Telton Ramos. De acordo com ele, não há estudo que garanta a retirada de uma espécie invasora de um ambiente aquático como um açude. “O que pode ser feito é o controle da população da piaba por meio da quantidade de presa/predador. A piaba sofre predação de outros peixes. A traíra, por exemplo, se alimenta de piaba”, explicou. Uma das sugestões do professor, é que esse controle seja feito por meio de uma parceria entre universidade e o poder público. Mas para que esse trabalho de controle seja concretizado, é necessário seguir com a pesquisa sobre a *Moenkhausia costae* para obter informações como quais são os locais e o período que ela se reproduz.



Telton Ramos, doutor em Biologia e um dos professores envolvidos na pesquisa: “Problema poderia ter sido evitado”

SOBRE O PROJETO

■ O projeto que analisa os peixes de água doce da UEPB, desenvolvido em parceria com a UEPB, é intitulado Diversidade e conservação dos peixes da ecorregião Nordeste Médio-Oriental. O estudo foi publicado na edição de maio da revista “Biota Neotropica”.

■ Segundo o biólogo e professor responsável pela pesquisa, Telton Ramos, o trabalho ainda contou com a participação de uma aluna de pós-graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Quem quiser saber mais sobre o projeto, pode acessar o Instagram @peixesdacaatinga.

Falha nas barreiras

A transposição do Rio São Francisco é um importante instrumento de abastecimento hídrico para suprir a carência de água em municípios do Nordeste. O projeto do Governo Federal foi elaborado para levar água a 12 milhões de pessoas dos estados da Paraíba, Pernambuco, Ceará e do Rio Grande do Norte. O biólogo e pesquisador, Telton Ramos, afirma que a presença de espécies invasoras poderia ter sido evitada nesse processo de transposição de rios. “O que nós temos conhecimento é que essa transposição teria barreiras nos canais para impedir que as espécies de peixes passassem. Inclusive, seria usado um sistema de choque para eliminar até os ovos”, frisou o professor, acrescentando que, pelo que tudo indica, houve uma falha nesse processo. O que está sendo observado no Açude Poções serve, então, como alerta, para os futuros projetos de transposição de rios. “É necessário muito cuidado em projetos de transposição, para que situações como essa não ocorram”, advertiu Ramos.



Foto: Instagram/São Paulo

APACE-PB

Referência na formação de paratletas

A Apace se tornou uma das principais referências na revelação, formação e aprimoramento de paratletas em diversas modalidades



Foto: Divulgação

Associação Paraibana de Cegos possui nove pré-convocados para as disputas das Paralimpíadas de Tóquio, no Japão

Iago Sarinho
iagosarinho@gmail.com

A Associação Paraibana de Cegos (Apace) atua na Paraíba desde o início da década de 1980 como um espaço de socialização, apoio e estímulo às pessoas com deficiência visual, especialmente a partir do esporte. Desenvolvendo atividades paradesportivas, ao longo das últimas quatro décadas, em modalidades como o paratletismo, o futebol de 5 e o goalball, a Apace se tornou uma das principais referência no descobrimento, formação e aprimoramento de paratletas do estado que é, na atualidade, uma das principais referência paralímpicas do Brasil. Um exemplo disso é o fato de que a entidade possui hoje nove paratletas e treinadores pré-convocados para as disputas das Paralimpíadas de Tóquio, no Japão.

Fundada em 25 de novembro de 1984, a Apace surgiu com o intuito de reunir pessoas em torno da prática do paradesporto que, naquela época, carecia de espaços para ser desenvolvida, tanto na Paraíba quanto no Nordeste. Nesse sentido, através de um intercâmbio com um grupo de paratletas pernambucanos, dos quais fazia parte José Antônio Ferreira Freire, atual presidente da Confederação Brasileira de Desportos de Deficientes Visuais (CBDV). Naquele período, vindo da cidade de Recife, ele passou a morar em João Pessoa e junto com um grupo local, atuou na implementação da associação que, desde então, se consolidou na Paraíba.

“Nós tínhamos uma car-

rência muito grande de espaços que pudessem possibilitar a prática do paradesporto na Paraíba. A entidade, é claro, visa também outros fins, mas o fator de mobilização que garantiu a sua criação foi justamente o esporte, inicialmente o futebol de 5. Com a entidade já criada é que os primeiros associados passaram a incluir novas pautas, especialmente o processo de militância dentro dos movimentos sociais em

prol das pessoas com deficiência e suas pautas de reivindicação. Vivíamos um momento muito forte de crescimento dessas lutas naquele período, especialmente após a Convenção da ONU em 1981 quando o mundo passou a observar as pessoas com deficiência como sujeitos mobilizados pela garantia de seus direitos, dos quais, a prática desportiva está incluída”, lembrou Legy Pedro, presidente da Apace.

Em todo o seu curso, a entidade que nesse ano completará 37 anos de existência, sempre buscou conciliar as lutas em prol da pessoa com deficiência entendendo que o desporto se inclui entre as principais estratégias para a promoção de bem estar e autonomia, tanto de seus associados, quanto das milhares de pessoas que, em algum momento, foram atendidas ou contempladas

pelas atividades realizadas pela Apace.

“O futebol de 5 foi, desde a década de 1980, o principal expoente do desenvolvimento do paradesporto pela entidade, mas mesmo naquele começo, já tínhamos outras modalidades. No paratletismo, por exemplo, já havia a nossa atuação em provas como a corrida e o arremesso de peso. Outras modalidades

como a natação também se faziam presentes e através delas começamos a ter as nossas primeiras participações em eventos regionais e nacionais. Já no começo da década de 1990, surgiu o goalball que foi rapidamente abraçado aqui no estado e segue sendo, até hoje, uma das nossas modalidades de maior adesão e de melhores resultados”, explicou Legy Pedro.

Entidade acumula importantes conquistas ao longo de quatro décadas de existência

Mesmo tendo um trabalho sempre focado no paradesporto como meio de emancipação das pessoas com deficiência e não apenas na lógica competitiva, a Apace não deixou de acumular títulos e conquistas ao longo de suas quase quatro décadas de existência, pelo contrário. Tendo iniciado suas atividades competitivas ainda na década de 1980, foi a partir do final dos anos 1990 que a entidades passou a figurar entre as principais equipes do país dentro do futebol de 5 e do goalball, especialmente após os anos 2000 quando passou-se a haver uma maior organização do Brasil para a participação nos Jogos Paralímpicos, um exemplo disso foi o golbol.

“No ano 2000, a seleção brasileira de goalboll iniciou um novo momento de organização e eu, como atleta, tive o prazer de integrar esse processo até o ano de 2008. Nesse período, nosso objetivo era buscar uma classificação

para as Paralimpíadas de 2004 quando, pela primeira vez, essa modalidade foi incluída. Na primeira tentativa, só o feminino conseguiu participar, no entanto, nos jogos seguintes, conseguimos a vaga no Mundial que foi disputado no Rio de Janeiro em 2007 e, assim, estivemos presentes pela primeira vez nos Jogos de Pequim representando o Brasil e a Paraíba. Desde então, a Apace e a Paraíba sempre estiveram presente, inclusive na prata conquistada nos jogos de 2016”, explicou Legy Pedro.

Com atletas e treinadores pré-convocados para as seleções de goalboll e futebol de 5, a Apace, certamente, seguirá com sua tradição de fomento e representação do paradesporto na Paraíba e no Brasil, promovendo, a partir dessas conquistas nas quadras, mudanças de vida e a ampliação das perspectivas e exemplos de sucesso para as pessoas com deficiência que encontram na entidade, uma parceria de vida.

“A partir do momento em que começamos a obter resultados positivos em nível regional e nacional, a partir da década de 1990, a Apace nunca mais deixou de integrar as seleções brasileiras de Futebol de 5 e de Golbol, seja em seus níveis de desenvolvimento ou até mesmo contando com nossos atletas medalhistas paralímpicos dentro dessas

modalidades, assim também como temos contribuído também nas comissões técnicas em diversos momentos, tanto no feminino quanto masculino. Portanto, podemos afirmar que o nosso paradesporto sempre foi e segue sendo um grande celeiro de talentos que seguem representando muito bem a Paraíba e o Brasil”, comemorou Legy Pedro.

Foto: Divulgação/Rio2016



A Apace e a Paraíba sempre estiveram presentes, como na prata dos jogos de 2016, no Rio

Clubes intensificam treinos já de olho na sexta rodada

Botafogo, Treze, Campinense e Sousa buscam confirmar vagas nas semifinais do Campeonato Paraibano 2021

Ivo Marques
ivo_esportes@yahoo.com.br

Os times paraibanos que brigam de forma direta por duas vagas para as semifinais do Campeonato Paraibano não pararam as atividades no final de semana. O Botafogo, líder absoluto com 11 pontos, treinou normalmente ontem, e hoje dará folga para o elenco, voltando ao trabalho amanhã. O Belo se prepara para o jogo contra o Nacional de Patos, que será disputado na próxima quarta-feira, às 16h, no estádio José Cavalcanti, em Patos, mas caso o estádio não tenha ainda o laudo do Corpo de Bombeiros, será transferido para o estádio Amigão, em Campina Grande, ou para o Marizão, em Sousa, como quer a diretoria do Nacional.

O presidente do Botafogo, Alexandre Cavalcanti, e o diretor de futebol, Afonso Guedes, confirmaram mais quatro contratações, além de Amaral que já está no clube, para a fase final do Campeonato Paraibano e a Série C. O Belo acertou com o atacante de beirada, Luã Lucio, de 23 anos, que estava no Nova Iguaçu-RJ, Gabriel Araújo, de 29 anos, que veio do São Luiz-RS, com passagem pelo Náutico e Penapolense, além do futebol da Ucrânia, com o zagueiro Daniel Felipe, de 29 anos, que jogou na Portuguesa-RJ e Sampaio Corrêa-MA, e o centroavante Rafael Barros, de 31 anos, que estava no Blooming da Bolívia e teve passagem pelo Nacional-AM e Atlético-AC. Este último só chegará terça ou quarta-feira.



Em função das fortes chuvas caídas na capital, jogadores do Botafogo usaram bastante a academia para os exercícios físicos na Maravilha

Campinense

A Raposa, após o empate contra o Botafogo, resolveu trabalhar duro no final de semana. Ontem, treinou em dois expedientes e hoje também treinará nos dois períodos. O próximo jogo do clube será quinta-feira, dia 20, contra o Atlético, no

estádio Perpetão, em Cajazeiras.

Treze

O Galo, após a derrota para o Sousa, caiu para a quarta posição e agora precisa vencer os dois jogos que faltam para tentar uma das duas vagas para as semifinais.

O time treinou neste sábado nos dois expedientes e hoje e amanhã treinará apenas no período da manhã. O Treze volta a jogar nesta terça-feira, às 20h, contra a Perilima, no Amigão, em Campina Grande, abrindo a sexta rodada.

Sousa

O Dinossauro é só ale-

gria, após a vitória sobre o Treze, na última quinta-feira, no Marizão, em Sousa. A equipe já é a segunda colocada, com 10 pontos, e vem crescendo de produção, após a chegada de cinco reforços: Douglas lateral direito, Gilson zagueiro, Gabriel Alves volante, Wesley Soares meia

atacante e o centroavante Cassiano. Este último ainda não estreou e pode jogar na próxima partida, quinta-feira, dia 20, contra o São Paulo Crystal, no estádio Almeida, em João Pessoa. O time treinou ontem, mas hoje deu folga aos atletas, voltando ao trabalho amanhã.

Governo japonês recebe petição com 350 mil assinaturas pedindo o cancelamento dos Jogos

Agência Estado

A pressão pelo cancelamento dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos de Tóquio-2020, que já foram adiados em um ano por causa da pandemia do novo coronavírus, aumenta cada vez mais no Japão. Um dia após ter em mãos uma petição do Sindicato Nacional dos Médicos do país, o governo local recebeu na última sexta-feira um requerimento já com pouco mais de 350 mil assinaturas reforçando para que não sejam realizados os dois eventos esportivos entre os meses de julho e setembro, enquanto persistirem os problemas decorrentes do surto global de covid-19.

Em entrevista coletiva, Kenji Utsunomiya, advogado e um dos organizadores da campanha "Pare as Olimpíadas de Tóquio - para salvar nossas vidas", ressaltou que a capital japonesa ainda não se encontra em condições de sediar os eventos, o que só deve acontecer quando todos, moradores da cidade, visi-

tantes e atletas, puderem estar em completa segurança.

Outro fator ressaltado é o fato de ainda haver a necessidade de alto investimento na área de saúde, verbas estas que seriam comprometidas para a realização dos Jogos. Em 2020, Utsunomiya se candidatou ao governo de Tóquio, mas perdeu para Yuriko Koike.

"Recursos médicos preciosos precisariam ser desviados para as Olimpíadas, se ela for realizada. Não estamos nessa situação (de segurança) e, portanto, os Jogos devem ser cancelados", enfatizou Utsunomiya, inimigo político do ex-primeiro ministro, Shinzo Abe, e antigo opositor dos Jogos desde o início da candidatura de Tóquio para sede.

Iniciada há nove dias, a petição popular on-line foi entregue à governadora de Tóquio e aos chefes dos Comitês Olímpicos e Paralímpicos do Japão. Perguntada sobre a campanha contra a realização da Olimpíada, Yuriko Koike preferiu ressaltar que seguem todos os

esforços para que os eventos sejam realizados com a máxima segurança, apesar de o país ver aumentado nos últimos dias o número de casos de covid-19, a menos de três meses do início.

"Embora haja uma pandemia global, o importante é manter os Jogos de Tóquio-2020 seguros e protegidos", ponderou a governadora também em entrevista coletiva realizada nesta sexta-feira na capital japonesa.

Mais cedo, o Governo Federal declarou estado de emergência em mais três cidades que tiveram súbito crescimento nos casos do novo coronavírus, situação que aumentou ainda mais a preocupação das autoridades governamentais e medidas sobre uma possível nova disseminação do vírus no país. O ministro da Economia, Yasutoshi Nishimura, anunciou que Hokkaido, Okayama e Hiroshima se somarão a Tóquio, Osaka e outras quatro cidades e iniciarão hoje medidas mais restritivas que durarão até o próximo dia 31.



Foto: Tokyo/2020

Apesar dos protestos contra a realização dos Jogos Olímpicos, a chama segue percorrendo cidades pelo Japão

Impactos da covid-19 nos clubes

Especialistas sugerem choque de gestão para recuperar finanças, abaladas pela queda de receitas no ano passado

Toni Assis
Agência Estado

A divulgação dos balanços financeiros dos principais clubes do Brasil na última semana revelou o tamanho do impacto da covid-19 nos cofres dessas equipes. As 20 maiores agremiações do país tiveram queda nas receitas de 19,5% e juntas têm déficits que somam R\$ 1,03 bilhão. Com isso, as dívidas passaram pela primeira vez de R\$ 10 bilhões. Os dados foram analisados pela consultoria Sports Value. Diante desse cenário, o Estadão ouviu dirigentes, profissionais de marketing e advogados especializados em direito esportivo para tentar enxergar uma luz no fim do túnel.

Nesse período de pandemia, os clubes tiveram perdas financeiras principalmente sobre direitos de TV, bilheteria, sócios, transferências de jogadores e patrocínios. O Flamengo, por exemplo, que terminou 2019 em alta, sofreu forte impacto em seus cofres. No ano anterior o clube somente com estádio e o programa de sócio-torcedor arrecadou R\$ 175 milhões. Em 2020, esse valor caiu para R\$ 92 milhões. O Palmeiras viveu situação idêntica. O faturamento com sócios e bilheteria no Allianz Parque foi de R\$ 91 milhões em 2019. No ano passado, o valor arrecadado com esses itens despencou para R\$ 29 milhões.

Esse corte drástico das receitas e os custos ainda muito elevados fizeram com que os déficits somados atingissem, pela pri-

meira vez na história, R\$ 1 bilhão, alta de 39% em comparação com 2019. Naquele ano, os déficits, que já estavam altos, foram de R\$ 721 milhões.

Considerado um dos responsáveis pela reestruturação financeira do Flamengo, o ex-presidente Eduardo Bandeira de Mello falou ao Estadão sobre o cenário de penúria que atinge o futebol com a pandemia. “Os clubes que já estavam em desequilíbrio sofrem mais

Em tempos de pandemia, a penúria financeira continua crescendo. A prova é que, pela primeira vez, um clube, o Atlético-MG, atingiu o patamar de R\$ 1,2 bilhão em dívidas

do que aqueles que estavam saudáveis e capitalizados. E a receita para superar as dificuldades é a mesma de sempre. Fazer o ajuste necessário equilibrando receitas e despesas, ainda que sacrificando objetivos na área esportiva”, disse ele que, entre outras atividades, atualmente trabalha como diretor do Instituto Nacional de Eficiência Energética (INEE).

Eleito em 2013, Bandeira de Mello herdou dívida de quase R\$ 800 milhões. Ele seguiu como mandatário até 2018, conseguiu equacionar a dívida do clube e ajudou a montar a base para que o Flamengo voltasse a ser uma potência esportiva no cenário nacional.

Em tempos de pandemia, a penúria financeira continua crescendo num ritmo galopante. A prova é que, pela primeira vez, um clube, o Atlético-MG, atingiu o patamar de R\$ 1,2 bilhão em dívidas. Em 2020, Cruzeiro e Corinthians passaram o Botafogo, que era até então o clube mais endividado do Brasil. O time mineiro, que está na Série B do Campeonato Brasileiro, tem agora R\$ 962,5 milhões em dívidas, alta de 20% em relação a 2019. Já os paulistas acumulam R\$ 949,2 milhões de dívidas, superando o Botafogo, com R\$ 946,2 milhões. O Atlético-MG teve ano atípico com o negócio do Shopping Diamond Mall, que rendeu R\$ 476 milhões ao clube. Isso impactou nos números.

“Muitos clubes precisam de choque de gestão, controle e regulação efetiva de suas administrações, a fim de serem saudáveis novamente. Nenhuma lei de clube-empresa alterará esse cenário”, analisou Amir Somoggi, sócio-diretor da Sports Value, em relatório publicado pela consultoria, numa referência ao projeto de lei que prevê o formato empresarial para gestão dos clubes e deve ser votado ainda este mês no Senado.

As dívidas fiscais dos clubes, por exemplo, estão em R\$ 2,7 bilhões e representam 26% do endividamento total. Antes da pandemia, esse percentual era de 38%. Isso mostra que os clubes, a cada ano, aumentam mais suas dívidas operacionais relacionadas à contratação de jogadores, empréstimos e passivos trabalhistas, que não serão resolvidas com uma nova legislação. “O mercado brasileiro de futebol precisa encontrar um modelo mais enxuto e menos alavancado de gestão. Com a pandemia, boa parte dos clubes perdeu o controle financeiro de suas operações”, apontou Somoggi.



Foto: Ivan Stori/Santos FC



Busca por alternativas

Cabe aos mandatários dos clubes o desafio de buscar alternativas. Para Marcelo Paz, presidente do Fortaleza, a responsabilidade com as contas é o primeiro passo a ser dado. “No nosso caso, é ter equilíbrio nos gastos. Não tivemos investimentos com compra de direitos econômicos de jogador para esse ano. Formamos um time com atletas contratados por empréstimos, ou que estavam livres, além dos que já estavam aqui, para honrar com os salários e não acumular dívidas. Além disso, temos que ter criatividade para achar dinheiro novo”, afirmou. Ainda de acordo com o dirigente, essas “novas receitas” podem vir em forma de avanço da equipe na Copa do Brasil ou ainda venda de atletas.

Caçula entre os times da Série A, o Cuiabá vai manter a linha de trabalho adotada no ano passado. A prioridade é o rigor com as contas. “O foco aqui foi controlar ao máximo as despesas para minimizar o prejuízo. Foi assim que nós passamos o ano de 2020. Além de não nos endividar, conseguimos o acesso. A gente teria renda grande de bilheteria com a torcida na Arena Pantanal. O ingresso também alavancaria a receita com sócio-torcedor”, disse o vice-presidente do clube, Cristiano Dresch.

Para Renê Salviano, executivo com mais de 20 anos de experiência em novos negócios do esporte, a saída é seriedade na comunicação com o torcedor. “Poderia aqui citar investimento em programas de sócios-torcedores ou em conteúdos para redes sociais, canal próprio. Em tempos de pandemia isso cresceu avassaladoramente. Para isso acontecer, no entanto, é preciso uma gestão séria e transparente.”

Outro ponto importante, segundo Salviano, é ouvir e conhecer a jornada do torcedor. “Passando por estas etapas, os clubes saberão se preparar para a captação de patrocínios e novos negócios. Uma grande e importante dica é ouvir o torcedor. Deles virão as melhores ideias e conexões”, aconselhou o empresário.

“No nosso caso, é ter equilíbrio nos gastos. Não tivemos investimentos com compra de direitos econômicos de jogador. Formamos um time com atletas contratados por empréstimos”

O Atlético-MG, de Hulk, teve ano atípico com o negócio do Shopping Diamond Mall, que rendeu R\$ 476 milhões ao clube



Foto: Pedro Souza/Atlético-MG

São Paulo busca mais uma vitória hoje contra Nacional

Equipe de Cruz do Espírito Santo tenta se aproximar dos líderes em jogo que acontece às 16 horas no Almeidão

Iago Sarinho
iagosarinho@gmail.com

Sensação do Campeonato Paraibano nas primeiras rodadas da competição, o São Paulo Crystal se deparou com a realidade ao ser batido, na última rodada pelo líder da competição, o Botafogo, mas, mesmo assim, o clube ainda segue com chances reais de classificação direta para as semifinais, mas para manter viva essa possibilidade, terá que vencer hoje o confronto contra o Nacional de Patos que está marcado para acontecer às 16h no Estádio Almeidão, em João Pessoa. Do lado da equipe sertaneja, uma das decepções da competição, até o momento, esse também é um confronto decisivo na briga por uma vaga na repescagem, mas, principalmente, visando um distanciamento da zona de rebaixamento.

Tendo conseguido uma vitória na estreia contra o Campinense e dois empates, o primeiro contra o Atlético de Cajazeiras jogando no sertão e depois contra o Treze, atual campeão paraibano, o São Paulo Crystal só conheceu sua primeira derrota no Campeonato Paraibano na última rodada ao ser batido por 2 a 1 pelo Botafogo. Mesmo com a derrota, a avaliação da exibição da equipe frente ao time de maior investimento do estado, foi positiva e por isso, a confiança é grande de que

a equipe de Cruz do Espírito Santo conseguirá, já no confronto de logo mais, se recuperar na tabela.

Para o técnico do São Paulo Crystal, Ramiro Souza, esse é o momento decisivo da competição onde o campeonato que já é de tiro curto, entra nas suas últimas rodadas e não há mais espaços para errar quando o objetivo passa a ser a classificação. O técnico enalteceu o empenho de sua equipe ao longo da competição, até mesmo na derrota para o Botafogo onde a equipe de Cruz do Espírito Santo vendeu caro os três pontos para o adversário.

“Contra o Botafogo fizemos um primeiro onde buscamos o gol, mas acabamos cedendo alguns erros que para o segundo tempo foram corrigidos, tanto é que no segundo tempo fomos muito bem e buscamos o resultado até o final. Acho que pelo que fizemos diante desse adversário temos que enaltecer o nosso grupo que buscou o tempo inteiro o resultado e não deixou de jogar em momento algum. Nossa equipe foi guerreira e demonstrou o empenho que tem caracterizado o nosso time até aqui na competição. Agora vamos com toda a força para esse confronto diante do Nacional de Patos, o campeonato está se afunilando e agora é o momento da decisão onde todo jogo será uma batalha para ser vencida”, afirmou Ramiro Souza.



Jogadores do São Paulo Crystal escutam atentamente as orientações do técnico Ramiro Souza para o jogo decisivo contra o Nacional

Do lado do Nacional de Patos, time que entrou na competição como um dos candidatos a, pelo menos, atrapalhar a vida do “Trio de Ferro” do futebol paraibano - formado por Botafogo, Campinense e Treze -, a campanha até o momento vem sendo decepcionante e, o modelo de terceirização do futebol, adotado pela equipe através da parceria com a empresa FDA Sports - que no ano passado fracassou na gestão do Campinense - novamente comprova a sua ineficiência.

A declaração definitiva de que o trabalho da FDA junto ao Nacional fracassou foi a rescisão com 13 atletas da equipe anunciada na semana passada, após a derrota para o Treze em uma partida que deixou transparecer, inclusive, na fala de atletas como o goleiro Camilo, uma possível facilitação por parte de alguns jogadores, fato que levantou suspeitas, especialmente por conta dos recentes casos de manipulação de jogos de futebol no estado que seguem sendo investigados pelo Ministério Público e Polícia Civil.

Independente de haver ou não ocorrido esse tipo de conduta, o fato é que agora o Nacional chegou para essa rodada em um empate triplo com as duas últimas equipes e tendo somado apenas dois pontos em 12 possíveis e, por conta disso, terá que enfrentar um adversário de bom retrospecto no torneio em meio a uma reformulação de seu elenco dentro de um campeonato com apenas sete rodadas em sua primeira fase, condição que comprova a falha no planejamento do clube, até o momento.

O cuidado continua!

A prefeitura pediu e cada um está fazendo a sua parte na luta contra a Covid-19. Agora, nossa esperança em dias melhores já começa a se tornar realidade. Os índices de ocupação estão diminuindo, o comércio voltou a funcionar com mais flexibilidade.

E para que a gente não precise voltar a tomar medidas mais rígidas, temos que continuar usando máscara e nos cuidando.

Baixe o app e agende sua vacinação

JOÃO PESSOA
PREFEITURA

cidade que cuida

www.vacina.joao Pessoa.pb.gov.br



Fotos: Arquivo

Beatriz de Alcântara

Especial para A União

Natural de Itabaiana, nascido no dia 6 de abril de 1912, João Emídio de Lucena ficou conhecido como o Tenente Lucena. Filho de Josias Tobias de Lucena e Maria Eulália de Oliveira, Lucena era primo legítimo do instrumentista e compositor Sivuca. Talvez, a música estivesse presente no sangue que corria nas veias, pois foi na banda musical da cidade de São João do Sabugi, no Rio Grande do Norte, que Tenente Lucena encontrou sua vocação e grande paixão: primeiro, a corneta; depois, o trombone; mas, sempre, a música.

De volta à Paraíba, tornou-se sócio-fundador da Orquestra Sinfônica do estado e também foi o idealizador da Banda 5 de Agosto da Prefeitura Municipal de João Pessoa. Lucena também atuou como presidente da Ordem dos Músicos do Brasil na seccional paraibana, desenvolvendo trabalhos considerando músicos para além do convencional, como os conjuntos folclóricos. O trabalho com esse tipo de grupo popular, inclusive, foi um dos principais legados deixados por Lucena, que faleceu em 9 de julho de 1985 enquanto fazia uma das coisas que mais amava: ouvir música.

O contato com os grupos folclóricos paraibanos o levou a criar o Grupo Folclórico Tenente Lucena do Sesc, “uma das instituições responsáveis pela preservação, disseminação e perpetuação de danças e cantos populares além das nossas fronteiras”, como observou o filho de João Emídio de Lucena, Palmarí Lucena. Outra memória marcante do trabalho de Tenente Lucena com a arte popular é o Núcleo de Pesquisa e Documentação Popular (Nuppo) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Tenente Lucena foi um dos fundadores e esteve à frente da área logística do núcleo, sendo responsável por contatos com a parte folclórica, hospedagens, transportes, etc. Além disso, também inseriu os grupos folclóricos no contexto e eventos do Nuppo, atuando também na pesquisa de campo em temáticas que possuía afinidade. O colega Osvaldo Trigueiro, um dos primeiros coordenadores do Nuppo, ressaltou a importância da atuação de Lucena nos primórdios do núcleo.

“Nós criamos a divisão de pesquisa e documentação da cultura popular. Como juntamos muito material, um grupo de professores decidiu criar o Nuppo dentro da política do ex-reitor Linaldo Cavalcanti. Ele fazia essa parte de logística com os grupos folclóricos, tinha os contatos; ele era um autodidata, tinha uma experiência muito grande. Além do Nuppo, ele tinha o grupo folclórico, ele era esse apoio”, explicou Trigueiro. O Núcleo de Pesquisa e Documentação da Cultura Popular foi fundado em 1978 e Osvaldo comenta, triste, que Lucena faleceu no momento em que o Nuppo estava se consolidando e ganhando mais força.

Filho do Tenente Lucena, Palmarí Lucena guarda muitas lembranças de momentos vividos ao lado do pai. Segundo ele, uma das grandes alegrias de sua vida foi poder proporcionar uma viagem do pai para a África, continente pelo qual ele era apaixonado. Palmarí contou que Tenente Lucena estava receoso, pois não se sentia à vontade em estar em um lugar que não dominava o idioma falado, mas decidiu ir. Em um dos países que visitaram, o pai de Palmarí observou um maestro ensaiando junto com seus músicos e se aproximou, lendo a partitura. Instantes depois, Tenente Lucena estava regendo os instrumentistas junto com o maestro, que logo lhe cedeu espaço.

“O homem ficou tão ‘passado’ com aquela experiência que pediu para meu pai assumir naquele momento. Imediatamente, ele conseguiu que o coral fizesse algo que o maestro está tentando fazer a manhã inteira. Então, nessa hora, ele virou pra mim e disse: ‘sabe de uma coisa meu filho? A pauta de Guido D’Arezzo é a esperança do mundo. Onde eu estiver, por onde quer que eu vá e com quem quer que eu esteja, se puser partituras musicais na minha frente, eu falo com as pessoas’. E assim foi, ele passou um mês na África se comunicando através das notas musicais, falando com pessoas de línguas diferentes, culturas diferentes, mas toda vez que ele falava pelas partituras, os sorrisos começavam a chegar até ele. A música era sua alegria”, dividiu Palmarí.

Lucena dizia que, onde quer que fosse, se houvesse partituras musicais à sua frente, ele conseguiria se comunicar com pessoas de qualquer idioma

Folclore

de alta patente

Invariavelmente ligado e apaixonado pela música, Tenente Lucena foi ainda um dos maiores defensores e propagadores das manifestações culturais genuínas



Fotos: Arquivo pessoal



UMA PAIXÃO
■ Desde jovem, foi um apaixonado pela música. Multi-instrumentista, Tenente Lucena foi o idealizador da Banda 5 de Agosto da Prefeitura Municipal de João Pessoa.



UM SONHO
■ A viagem à África foi a realização de um sonho de Lucena. Mesmo sem dominar o idioma, ele disse que conseguiu se comunicar através da arte, especialmente da música.

+

Grandes belezas das pequenas coisas

Tenente Lucena enxergava poesia e beleza nos detalhes, conforme demonstram as memórias do filho. Palmarí compartilhou que, durante o período em que o pai era chefe dos escoteiros, guardou uma lembrança curiosa e bonita de um momento. “Tinha um campo de escoteiros em Mangabeira e um dia chegou um grupo de meninos, uns adolescentes, pedindo permissão a ele para que pudessem tirar mangas de uma árvore que havia lá. Ele respondeu assim: ‘Vocês podem tirar sim, agora, tem que deixar as melhores para os pássaros’”, comentou.

A música realmente se consagrou como seu grande legado, seja em contribuições com pesquisas e formações, seja através das lembranças

que cativou por onde passou. De acordo com Palmarí Lucena, filho do tenente, a cidade de São João do Sabugi lembra até hoje de uma situação vivida por Tenente Lucena, durante sua juventude. “Ele angariou dinheiro para construir a sede de uma filarmônica local. Ele era corneteiro da filarmônica, mas também foi o voluntário que subiu na torre da igreja com a corneta para avisar a população que o bando de Antônio Silvino

estava chegando. Ele acreditava que tudo podia ser resolvido com a música”, disse Palmarí.

No Lar da Criança Jesus de Nazaré, Palmarí conta que o pai também usou a música para construir uma memória ali mas, acima disso, criar vínculos e poder transformar histórias.

“Um dia, passamos lá na frente do abrigo Jesus de Nazaré e ele ficou ouvindo as crianças cantando e achou que estavam desafinadas, desorganizadas, e entrou. Ele aproximou-se da freira, irmã Santina, e perguntou se havia alguém para ensinar as crianças a cantar e ela respondeu que tinha uma freira que ajudava, mas que precisavam de uma pessoa que soubesse mesmo como ensinar. A

partir daquele dia, ele nunca mais deixou aquele abrigo. Muitas das crianças saíram músicos, ele conseguiu trazer Villa-Lobos para ouvir o coral em meados de 1950. Para ele, aquele abrigo foi um novo horizonte na vida dele. Era o que ele queria e, por sorte, coincidência ou um ato de Deus, ele passou em frente do lugar que ele sempre quis estar regendo um grupo de crianças”, falou Palmarí, emocionado.

O Tenente Lucena passou a ensinar música às crianças no Lar Jesus de Nazaré e, em 1950, trouxe Villa-Lobos para conhecer o coral

“O homem que sabia falar com as crianças”

A despedida do pai não aconteceu de maneira esperada. Palmarí explica que estava fora do Brasil quando ficou sabendo que Tenente Lucena havia partido, mas o espaço para as lágrimas deram lugar a uma imensa saudade do grande amigo com quem compartilhou muitas lembranças ao longo da vida. “Eu estava em uma conferência em Porto Rico quando uma pessoa me entregou um bilhete avisando que meu pai havia falecido no Brasil. Após ler, não chegou o choro, não chegou outro sentimento, a não ser o de que acabara de perder meu companheiro de brincadeiras. Era assim que meu pai era para mim. Uma criança, um homem que sabia entender crianças, que falava com crianças, mas também sabia ser uma criança”, finalizou ele.

Além da carreira musical e de pesquisador, Tenente Lucena também contribuiu com o cinema local, atuando em filmes paraibanos como “O Salário da Morte”, “Fogo Morto” e “A Canga”. Conheceu o mundo, enriqueceu sua bagagem cultural com novas experiências, mas jamais esqueceu suas raízes na cultura popular paraibana. Disseminou o folclore local por onde passou e, por conta disso, até hoje é lembrado pelo legado que construiu e ajudou a construir.

Geraldo Cavalcanti

Locutor de cerimoniais e apaixonado por futebol

Hilton Gouvêa
 hiltongouvearaujo@gmail.com

O radialista de cerimoniais e repórter esportivo, João Geraldo Figueiredo Cavalcanti, manteve dos 14 aos 73 anos seu nome completo em sigilo, como se guarda um segredo de Estado. Profissionalmente, se autodenominou Geraldo Cavalcanti, alegando que era sonoro e foneticamente mais fácil de pronunciar. Nasceu em Santa Rita, Região Metropolitana de João Pessoa, em 30 de março de 1937. Morreu aos 71 anos, nesta última cidade, no dia 27 de dezembro de 2008, após cumprir uma carreira radiofônica bem-sucedida. Está sepultado no Cemitério das Acácias. Seu pai se chamava João Soares Cavalcanti e, sua mãe, Luiza Noronha de Figueiredo.

Antes de morrer, Geraldo concedeu uma entrevista ao jornalista Josélio Carneiro, que a publicou no caderno dos 65 anos do Jornal A União, órgão oficial de imprensa do Governo Estadual da Paraíba. Ele dizia ao repórter que começou a vida profissional adulta lendo comerciais nos programas infantis de auditório, realizados pela Rádio Tabajara. Antes, aos 14 anos, atuava no rádio-teatro com destaque. Sua pronúncia, sempre comentada positivamente, ajudou na saída. E nos tempos do

governador João Agripino, ele guiou a Equipe Esportiva Nota 10, o programa pebolista mais comentado e ouvido no estado. Sua verdadeira paixão profissional era a narração de futebol.

O historiador, jornalista e radialista José Otávio de Arruda Mello, conta: "Aos 18 anos, ele criou uma rádiodifusora em Santa Rita, que se tornou escola para outros futuros grandes nomes das artes, do cinema e da radiofonia. Quando veio para João Pessoa, no governo de Pedro Gondim, em 1956, já tinha quase 20 anos. Com Geraldo, chegaram aqui Airton José, o Bolinha; o documentarista e locutor de rádio Geraldo Alexandre Santos (que adotou o codinome de Alex Santos); além do sonoplasta conhecido por Coquinho e outros, que ora se empregaram na Rádio Tabajara, ora na Rádio Arapuan, depois de passarem pelo crivo de Otinaldo Lourenço;

Também na Tabajara teve atuação destacada, nos governos de João Agripino, Ronaldo Cunha Lima e José Maranhão, na maioria das vezes, como locutor de cerimoniais do Palácio da Redenção. Geraldo, contou, em vida, como foi sua admissão na radiofonia: "Eu sabia que ia ser sabatinado por 'cobras', o substantivo que, na época, era aplicado para os profissionais inteligentes e bem-sucedidos. Então, fiz meu teste com Biu Ramos, no momento, o repórter político mais ouvido e lido na capital; o dramaturgo

Paulo Pontes; e o cineasta Linduarte Noronha, diretor artístico da Rádio Tabajara. Fui aprovado com distinção", narrou.

O que favoreceu Geraldo, segundo informa José Otávio, foi a sua perfeita dicção e o conhecimento que ele possuía de corretamente pronunciar nomes de artigos comerciais em inglês, francês, espanhol e outros idiomas. Um dos momentos históricos vividos profissionalmente por Geraldo Cavalcanti aconteceu em 7 de agosto de 1999, quando transmitiu a solenidade inaugural da Rádio Tabajara FM. A seu lado estavam o governador José Targino Maranhão e o secretário da Comunicação, Jório de Lyra Machado, além do maestro Severino Araújo.

O escritor e jornalista Gilson Souto Maior, contemporâneo de Geraldo Cavalcanti, o descreve como "um radialista profissionalmente evoluído para a época. A internet não existia, mas Geraldo consultava livros, professores, bibliotecas e outras fontes, para certificar-se do que afirmava, pois era um voraz devorador de livros instrutivos." E acrescenta: "Conheci-o nos gramados dos estádios de futebol, quando eu trabalhava na Rádio Caturité (Campina Grande). Ele estava transmitindo um jogo pela Tabajara e, daí por diante, nos tornamos amigos". Geraldo chegou a ser assessor de Gilson quando este assumiu a Superintendência da Rádio Tabajara, no segundo governo de Tarcísio de Miranda Burity.

Fotos: radiotabajara.pb.blogspot.com



O radialista Geraldo Cavalcanti (de camisa listrada na foto à direita, ao lado do então governador José Maranhão) participou de momentos históricos importantes para a imprensa paraibana, como a inauguração da Tabajara FM em 1999

+

Tabajara e outras emissoras prestaram homenagens

O sepultamento de Geraldo foi acompanhado por um séquito de quase duas mil pessoas. Quem estava perto da sepultura e ouviu as bênçãos de réquiem, ficou admirado quando o sacerdote se dirigiu ao morto o chamado por João Geraldo de Figueiredo Cavalcanti. Até então, ele só era conhecido por Geraldo Cavalcanti.

Hoje, 13 anos após sua morte, o nome completo de um dos locutores mais famosos do estado foi revelado graças à pesquisa feita por Suely Brito Mamede, do RH da Rádio Tabajara, que atualmente forma a EPC-PB (Empresa de Comunicação da Paraíba), juntamente com o Jornal A União. Gilson Souto Maior e Eudes Toscano forneceram as primeiras dicas para a pesquisa. Clicando apenas em Geraldo Cavalcanti não era possível descobrir nada. Suely puxou o fio correto da meada. Assim, acabou uma trabalhosa busca, que durou três semanas.

Geraldo era solteiro e não deixou descendentes. Outra informação que a reportagem obteve foi a de que, no dia de sua morte, a Tabajara e outras rádios interrompiam temporariamente alguns programas e lançavam no ar algumas falas de Geraldo. Um lembrete: a camisa de helanca listrada que Geraldo está usando na foto desta reportagem é da marca Ban-Lon, a coqueluche dos anos de 1960, dos homens que frequentavam a marquise das Casas Settas, no Ponto de Cem Réis.



Ao lado de João Agripino (D), então governador da Paraíba, atuando como locutor de cerimoniais; sua grande paixão, no entanto, era mesmo a narração de futebol

Angélica Lúcio



angelicallucio@gmail.com

Ameaças e assédio digital contra jornalistas: o que fazer?

Recentemente, aprendi um novo conceito aplicável ao jornalismo: chilling effect. Trata-se de um efeito inibidor que impacta negativamente a liberdade de expressão. Quando o efeito inibidor (medo, em geral) é criado pela ameaça de um processo de difamação, é chamado libel chill.

Conforme a Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji), o assédio a jornalistas brasileiros nas redes sociais tem crescido muito nos últimos tempos, provocando diversos efeitos negativos, dentre os quais, o citado chilling effect, que ameaça a liberdade de imprensa. Em parceria com o Observatório de Liberdade de Imprensa da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), a Abraji produziu uma cartilha sobre medidas legais para a proteção de jornalistas contra ameaças e assédio on-line.

De acordo com a publicação (disponível no site da Abraji), jornalistas que veiculam reportagens sobre questões políticas ou sociais de natureza controversa se veem crescentemente como alvos de abusos praticados nas redes

sociais, como comentários ofensivos e ameaças de violência física ou sexual. No caso de jornalistas mulheres, os ataques em geral são relacionados à condição de gênero. É possível constatar ainda a ocorrência de uma campanha organizada por grupos de interesse para constranger e silenciar os jornalistas.

Na cartilha, são apresentados os cinco tipos de conduta que caracterizam o assédio e o abuso on-line, conforme categorização da Organização para a Segurança e Cooperação na Europa (Osce): cyberstalking; envio de mensagens intimidadoras, ameaçadoras ou ofensivas; "trollagem" e personificação on-line; campanhas de assédio on-line (incluindo o assédio em massa provocado); e "doxing" (prática de procurar e divulgar informações privadas ou informações de identificação pessoal de um indivíduo, como seu telefone, e-mail ou endereço, sabidamente em um ambiente que encoraja ou necessariamente culmina na intimidação ou ameaça à pessoa exposta).

Se um jornalista for alvo de alguma



das condutas citadas acima, o que deve fazer?

1. Investigação defensiva – o advogado pode conduzir investigação defensiva, realizando diligências investigatórias para instrução de procedimentos administrativos e judiciais, pedido de instauração ou trancamento de inquérito, pedido de medidas cautelares, produção de prova para o oferecimento de queixa etc.;

2. Comunicação às autoridades públicas – Emissão de Boletim de Ocor-

rência e apresentação de Notícia-Crime junto aos órgãos de polícia; ou Apresentação de Notícia-Crime ou Apresentação junto ao Ministério Público;

3. Demandas judiciais – Nesse caso, há dois tipos: ações de natureza criminal (crimes contra a honra – calúnia, difamação e injúria; e ações de natureza cível (pode-se obter uma medida inibitória em relação ao agressor, caso esse seja facilmente identificado);

4. Comunicação às cortes internacionais de direitos humanos – É possível alegar a ocorrência de violações às garantias de liberdade de pensamento e de expressão, na forma da liberdade de imprensa (art. 13.3) e de proteção judicial (art. 25);

5. Solicitação de orientação jurídica do convênio Abraji-OAB – Essa orientação será feita pela própria OAB, após o caso ser enviado pela Abraji para o Observatório de Liberdade de Imprensa da Ordem.

Como a cartilha ressalta, o assédio on-line a jornalistas interfere profundamente nas liberdades de imprensa, de expressão e no direito de exercício da profissão, bem como no direito de acesso à informação por parte do público em geral. Se você conhece alguém nessa situação, oriente-o. Se você é vítima, denuncie!

Tocando em frente

Professor
 Francelino Soares



francelino-soares@bol.com.br

Os Gêneros Rítmicos: O Mambo – As Origens

Como o Bolero, o Mambo também tem a sua origem atribuída à ilha cubana.

Para os que apreciam conhecer, em paralelo, aspectos que levaram Cuba a ser assunto recorrente, por simpatizantes ou não do processo evolutivo da história desse país da América Central, tentaremos, de passagem, resumir alguns elementos constitutivos de sua evolução.

Foi a chamada Guerra Hispano-americana (1898) que levou a ex-colônia espanhola a ser ocupada pelos EE.UU., com uma hipotética "independência nominal", mas, na realidade, vivendo mais como uma espécie de "protetorado americano" (1902).

Vivia-se ali uma fragilidade democrática versus uma radicalização numa luta de natureza política que culminou com a ditadura de Fulgêncio Batista, apoiado pelos USA (1952). Em 1959, o ditador foi destituído pelo Movimento 26 de julho, quando foi estabelecida o que o movimento chamou de uma "ditadura do proletariado", liderado pelo PC, com o seu fundador, Fidel Castro, sendo alçado a vários cargos diretivos de Cuba: Primeiro-ministro (1959 a 1976); Presidente (1976 a 2008); Primeiro secretário do Comitê Central, cargo em que, oficialmente, permaneceu de 1965 a 2011. Hoje, o "Parlamento Legislativo da República Cubana" é chamado de "Assembleia Nacional do Poder Popular". O atual presidente é Miguel Diaz-Canel, e

o cargo de Primeiro-secretário do Partido Comunista Cubano é exercido por Raúl de Castro, ex-presidente cubano (de 2008 a 2018).

Situado, em síntese, no tempo e no espaço, levamos o leitor agora ao nosso universo musical.

Tendenciosos de plantão consideravam, de forma pejorativa, Cuba como sendo um "quintal" dos Estados Unidos. Ali proliferavam os cassinos e as casas de shows musicais que se constituíam num atrativo para os turistas.

Dessa época é que nos chegaram alguns expoentes da chamada música cubana ou, mais especificamente, do mambo e ritmos dele oriundos, como a salsa, o merengue, o chá-chá-chá e derivados.

O mambo foi criado em Cuba, por volta dos anos 40 do século passado, a partir de coreografia e sonoridade advindas do Congo e que eram utilizadas em cerimônias afro-religiosas.

A título de curiosidade, ainda hoje circula pelas ruas de Havana a expressão "Estás mambo!", que corresponde ao nosso "Tudo bem?".

Sem sombra de dúvida, pode-se afirmar que foi Dámaso Pérez Prado (Matanzas/Cuba 1916 – Ciudad de México 1989), o grande responsável pela disseminação do mambo, sobretudo a partir de 1947, quando rumou para o México, entrando,

por essa via, para o mercado americano, mas sem que se afastasse do estilo afrocubano.

Fez escola, atraindo para o time de seus grandes seguidores músicos como Xavier Cugat e Tito Puente. No entanto, ambos, ainda hoje, são alvos das mais acirradas polêmicas com relação ao papel que desempenharam no processo de popularização e comercialização do ritmo.

Pérez Prado, conhecido como El Rey del Mambo, nos legou, dentre suas composições, hits considerados "clássicos" do mambo: Mambo nº. 5, Mambo nº. 8, Mambo Jambo (Que rico el Mambo), Patricia, Ruletero, além de haver "transformado" em ritmo cubano músicas já bastante populares, como Coimbra (April in Portugal) (adaptação de Coimbra) Siboney, Perfídia, Frenesi, Maria Bonita, Guaglione, Cherry Pink and Apple Blossom White (Cereza Rosa), tendo esta última alcançado, em 1955, o topo da revista classificatória de sucessos, a Billboard, somente sendo superada por Rock Around the Clock (sucesso de Bill Haley), no auge do advento do rock 'n'roll.

O dançante e quente ritmo do mambo é introduzido pelo instrumental com que ele é executado: conga, bongô, timbales,

bateria e os tradicionais piano (teclado), contrabaixo, trombone, trompete, saxofone, não se podendo esquecer os "gritos" introduzidos por Pérez Prado e incorporados por outros "mambistas", como Xavier Cugat e Tito Puente.

Aos interessados em orquestrações, a banda Prez era assim formada: quatro saxofones, três trombones, três trompetes, uma guitarra baixo, um bongô, bateria, teclado (que ele próprio comandava) e, raramente, vozes. Característico era o seu próprio "grito", quando da passagem ou alteração rítmica.

Pérez Prado, em 1980, naturalizou-se mexicano, tendo exercido a sua atividade de maestro e band-leader de 1933 a 1987, sendo, ainda hoje, festejado e admirado em todo o universo musical.



MARMITANDO

COM O CHEF **WALTER ULYSSES**



Walter Ulysses- Chef formado no Curso de Gastronomia no antigo Lynaldo Cavalcante (João Pessoa) e tem Especialização na Le Scuole di Cucinadi Madrid. Já atuou em restaurantes de diversos países do mundo, a exemplo da Espanha, Itália, Portugal e Holanda. Foi apresentador de programas gastronômicos em emissoras de TV e rádio locais, e hoje atua como chef executivo de cozinha na parte de consultorias.

@waltinhoulysses
chefwalterulysses@hotmail.es

O coração e alma da cozinha

Em meio a tantos afazeres na rotina de uma cozinha profissional, no seu dia a dia, existem pessoas que estão lá no fundão dando seu coração e sua alma pelos clientes que esperam um prato limpo, um copo, um talher e inúmeros utensílios que passam pelas mãos dos cozinheiros e chefs de um restaurante.

Em minhas consultorias, sempre me reúno com o grupo antes de qualquer trabalho a ser feito para conhecer cada um dos integrantes, e parabenizar aqueles que, muitas das vezes, são esquecidos na lavagem da louça.

Quando falo esquecido, é com plena convicção de que para menos de 10% deles são feitas propostas para mudar de função no ambiente de trabalho, enquanto, fora do Brasil, esses profissionais são cada vez mais aproveitados a integrar a família da cozinha, pois muitos têm a vontade e esperam apenas por uma chance.

Eu posso falar isso, pois eu sou cria de um tanque de lavagem de louça fora do Brasil, e hoje sei o quão importante é cada pessoa em um estabelecimento da área de gastronomia. Muitos deles nunca receberam uma proposta ou uma oferta de um posto melhor.

Por mais que aqui tenha sido chef de cozinha de um restaurante renomado na capital, e com formação em gastronomia, o canudo não terá valor algum se você não superar as dificuldades e for humilde perante seus companheiros maiores. Hoje, mais que nunca, sei que foi o maior aprendizado que passei na minha vida, lavando a louça em um restaurante de estrela Michelin para um dia poder ter a oportunidade de ser chamado a assumir um local à beira do fogão, e mostrar o que qualquer pessoa que tem sua profissão de cozinheiro sabe fazer.

Muito se fala da cozinha moderna, mas o básico da cozinha não muda, pois sempre será uma produção em equipe, na qual uma pessoa vai sempre depender da outra, e esse trabalho é fundamental para se manter o equilíbrio e o conforto em um ambiente de trabalho que, muitas vezes, passa fácil dos quarenta graus.

Para ser um chef de cozinha é preciso conhecer o coração dela, além de dar oportunidades para novos aprendizes, saber que seus segredos de cozinha nunca serão guardados, pois temos que passar o ensinamento a todos, e, principalmente, saber quem são as pessoas e conhecê-las realmente - cada uma delas. E, sempre que puder, dar uma oportunidade e descobrir o talento daquele que queira mostrar o que quer fazer e tem um sonho a realizar. Por trás de um tanque de lavar pratos pode estar um chef de cozinha que nunca teve oportunidade. Ser chef é fácil, quero ver você fazer tudo sozinho!

PRATO DO DIA

Filé à redução de vinho tinto



Fotos: Walter Ulysses

Ingredientes

- 1 peça de mignon de aproximadamente 1 kg
- 4 dentes de alho
- 3 galhos de alecrim
- 500 ml de vinho tinto seco
- 200 g de manteiga sem sal em cubos de 50 g
- Sal e pimenta-do-reino a gosto
- 1 colher de sopa de açúcar
- 1 colher de sopa de amido de milho



Modo de preparo:

■ **Carne:** Limpe a peça de carne de filé mignon bovino e corte do centro para as pontas para obter o melhor formato de medalhão, com pedaços de aproximadamente 4 dedos de altura. Tempere cada lado dos medalhões com sal e pimenta-do-reino a gosto. Aqueça uma panela de fundo grosso de preferência, adicione 1 cubo de 50 g de manteiga, 2 dentes de alho apenas amassado e 2 galhos de alecrim fresco, e coloque os medalhões de 3 em 3. Deixe grelhar por exatos 4 minutos de cada lado ou ao seu ponto específico, e após isso, reserve em um recipiente que possa ir ao forno. Quando estiver com os 6 no recipiente, leve ao forno pré-aquecido a 180° C por 4 minutos.

■ **Molho:** Na mesma panela que você grelhou os medalhões, substitua o alho e o alecrim já utilizados pela mesma quantidade usada para grelhar. Adicione o vinho tinto e deixe ferver até reduzir e pegar uma consistência de calda. Para ajudar, você pode utilizar 1 colher (chá) de amido de milho dissolvido em água morna (mas adicione apenas após perder o gosto de álcool). Acrescente 1 colher (chá) de açúcar, uma pitada de sal e observe a acidez ideal do molho. Após a consistência ideal, apague o fogo, monte seu prato de forma bem apresentável e aproveite a explosão de sabor!

■ Sirva, em seguida, acompanhado com um arroz piamontese com grãos de mostarda e toque de mix de pimenta do reino colorida, assim como a fotografia.

QUENTINHAS

Chegou o SuperFácil Atacado em João Pessoa, e neste dia 19 de maio estará aberto ao público com toda sua estrutura de atacado para atender toda rede de hotelaria de forma geral. Além dos amplos serviços bancários, lá você vai encontrar espaço para clínicas médicas, uma academia e uma ampla praça de alimentação. O SuperFácil ficará localizado no Bairro de Água Fria. Um nome forte que vem para abraçar as pequenas e grandes empresas que queiram comprar no atacado e com preço diferenciado. Sejam bem vindos!

Na última quinta-feira teve mais um Lançamento da Paraíba Restaurant Week 2021, apresentação do evento mais aguardado do ano pelos amantes da gastronomia paraibana.

Lançamento exclusivo para imprensa com um Happy Hour de Vinhos e Espumantes.

Seguindo protocolos de distanciamento e número limitado de convidados. Foi um sucesso como sempre, parabéns a todos os envolvidos no evento.

PITADAS A GOSTO



O Arroz à Piemontese é um prato típico da culinária brasileira, ele não tem nada com a culinária do Piemonte, na Itália, existe feito de várias maneiras, mas sua base básica é de arroz, creme de leite e champignon, parmesão e um leve toque de vinho branco.

Com a dificuldade de encontrar e o valor de compra nos anos 90 o arroz arbório para executar o risotto, os chefs brasileiros buscaram alternativas, com o creme de leite, fazendo assim um arroz “à moda piemontesa” apenas o velho truque da cozinha brasileira. A respeito de sua origem, é um acompanhamento geralmente servido em restaurantes de cozinha italiana ou a famosa mística cozinha internacional, acompanhando geralmente um típico filé (preferencialmente filé mignon com molho madeira) juntamente com purê de batata ou batata salte.

